

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL**

Júlia de Almeida Souza

**DEPOIS DA BRUMA:  
PRODUÇÃO DE COLETÂNEA DE OBRAS FANTÁSTICAS DE AUTORIA  
FEMININA E BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E XX**

Santa Maria, RS  
2023

Júlia de Almeida Souza

**DEPOIS DA BRUMA:**  
**PRODUÇÃO DE COLETÂNEA DE OBRAS FANTÁSTICAS DE AUTORIA  
FEMININA E BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E XX**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Produção Editorial, do Departamento de Ciências da Comunicação - Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de: bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial.

Orientadora: Profa . Dra . Marília de Araujo Barcellos  
Coorientador: Dr. Maurício de Souza Fanfa

Santa Maria, RS  
2023

**Júlia de Almeida Souza**

**DEPOIS DA BRUMA:**  
**PRODUÇÃO DE COLETÂNEA DE OBRAS FANTÁSTICAS DE AUTORIA**  
**FEMININA E BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E XX**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Produção Editorial como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial.

Aprovada em 19 de dezembro de 2023:

---

**Marília de Araujo Barcellos, Dra. (UFSM)**  
**(Presidente/Orientadora)**

---

**Maurício de Souza Fanfa, Dr. (UFSM)**  
**(Coorientador)**

---

**Suzana do Nascimento Veiga, Dra. (UFPE)**  
**(videoconferência)**

---

**Sandra Dacul Depexe, Dra. (UFSM)**

---

**Jean Rossi, Me. (UFSM)**  
**(Suplente)**

Santa Maria, RS  
2023

## RESUMO

O presente projeto experimental tem o objetivo de produzir uma coletânea de histórias de autoria feminina com inspirações fantásticas publicadas entre 1882 a 1903. Os objetivos específicos consistem em buscar autoras e histórias escondidas na literatura brasileira; elaborar um projeto editorial para a antologia; criar um projeto gráfico condizente com o projeto editorial; dar visibilidade às histórias e às autoras a partir do projeto experimental, focando nas possibilidades de acessibilidade do projeto, como o econômico e instrumental, criando um produto que seja de fácil circulação. Foram desenvolvidas as etapas de pesquisa documental, seleção das obras, transcrição digital, preparação e revisão textual, pesquisa biográfica, projeto gráfico e impressão. O livro é constituído por um prefácio, oito histórias, biografias e ilustrações das sete autoras presentes na obra, agradecimentos e referências bibliográficas. O trabalho analisa o contexto histórico da publicação de autoria feminina na literatura a partir de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999), Constância Lima Duarte (1997, 2019), Virgínia Woolf (2014) e Naiana Pereira de Freitas (2021), pensando em um cenário geral para, em seguida, analisar o caráter específico da publicação de literatura fantástica a partir de Tzvetan Todorov (2007), Remo Ceserani (2006), Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares (2019) e Selma Calasans Rodrigues (1988). O processo de pesquisa documental é interligado às conjecturas apresentadas por Azevedo Netto (2014); e o desenvolvimento da produção do livro a partir dos elementos apresentados por Leandro Müller, e diretrizes gráficas por Jan Tschichold (2007), Joaquim Fonseca (2008) e Andrew Haslam (2007). São descritos os passos seguidos para a busca das histórias, a escolha das obras e a organização do livro. Como meio de disponibilizar a obra, foi analisada a proposta da impressão sob demanda da empresa UmLivro e a parceria com a Editora Crisálida para a publicação. Por fim, conclui-se que as reedições e o resgate literário são imprescindíveis para a reconstrução de parte da memória e da identidade da mulher escritora no Brasil.

**Palavras-chave:** Autoria feminina. Literatura fantástica. Resgate histórico. Produção de livro. Editoração.

## ABSTRACT

The present experimental project aims to produce a collection of stories written by women with fantastic inspirations published between 1882 and 1903. The specific objectives consist of searching for hidden authors and stories in Brazilian literature; prepare an editorial project for the anthology; create a graphic project consistent with the editorial project; give visibility to the stories and authors based on the experimental project, focusing on the project's accessibility possibilities, such as the economic and instrumental aspects, creating a product that is easy to circulate. The stages of documentary research, selection of works, digital transcription, textual preparation and review, biographical research, graphic design and printing were developed. The book consists of a preface, eight stories, biographies and illustrations of the seven authors present in the book, acknowledgments and bibliographical references. The work analyzes the historical context of publication by female authors in literature from Marisa Lajolo and Regina Zilberman (1999), Constância Lima Duarte (1997, 2019), Virginia Woolf (2014) and Naiana Pereira de Freitas (2021), thinking about a general scenario to then analyze the specific nature of the publication of fantastic literature from Tzvetan Todorov (2007), Remo Ceserani (2006), Bruno Anselmi Matangrano and Enéias Tavares (2019) and Selma Calasans Rodrigues (1988). The documentary research process is linked to the conjectures presented by Azevedo Netto (2014); and the development of the book's production based on the elements presented by Leandro Müller, and graphic guidelines by Jan Tschichold (2007), Joaquim Fonseca (2008) and Andrew Haslam (2007). The steps followed to search for stories, choosing works and organizing the book are described. As a means of making the work available, the proposal for printing on demand from the company UmLivro and the partnership with Editora Crisálida for publication were analyzed. Finally, it is concluded that reedition and literary recovery are essential for the reconstruction of part of the memory and identity of women writers in Brazil.

**Palavras-chave:** Female authorship. Fantastic literature. Historical rescue. Book production. Publishing.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 — Esquema de Shannon e Weaver.....	10
FIGURA 2 — Conjunto de registros das visitas feitas às bibliotecas e aos sebos.....	22
FIGURA 3 — Livro O conto feminino consultado na Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo.....	23
FIGURA 4 — Foto das visitas ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.....	24
FIGURA 5 — Busca na Biblioteca Nacional pela palavra-chave “maravilhoso”.....	25
FIGURA 6 — Esquema do processo, relacionando a fonte de pesquisa com a história encontrada.....	27
FIGURA 7 — Comparação entre texto original e a conversão do aplicativo de A porta do Paraíso de Narciza Amália.....	33
FIGURA 8 — Imagem da página em que foi retirado o texto de O sonho de Nina.....	34
FIGURA 9 — Manuscrito de Adelina Lopes Vieira.....	35
FIGURA 10 — Foto do papel para definir a ordem das histórias.....	36
FIGURA 11 — Print da pesquisa em que o nome de Maria Antonietta Gama aparece apenas em um documento no Google Acadêmico.....	39
FIGURA 12 — Nuvem de palavras elaboradas para a definição do título do livro.....	41
FIGURA 13 — IvyJournal.....	43
FIGURA 14 — Imagem de referência para a escolha da família tipográfica dos títulos.....	44
FIGURA 15 — Imbue.....	44
FIGURA 16 — Moodboard para as ilustrações.....	45
FIGURA 17 — Imagem de referência para a ilustração das autoras.....	45
FIGURA 18 — Imagem da primeira e quarta capa.....	48
FIGURA 19 — Mancha gráfica da abertura do capítulo.....	49
FIGURA 20 — Mancha gráfica da abertura das biografias.....	50
FIGURA 21 — Mancha gráfica do texto.....	50
FIGURA 22 — Print do orçamento dos livros feitos pela UmLivro.....	53
FIGURA 23 — Registros da impressão e refile do livro na Imprensa Universitária da UFSM.....	55

FIGURA 24 — Página do texto alternativo do Sigil..... 56

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. RELAÇÃO DO FEMININO COM A LITERATURA.....</b>	<b>15</b>
<b>3. A MULHER E A LITERATURA FANTÁSTICA.....</b>	<b>18</b>
<b>4. EDITORAÇÃO.....</b>	<b>21</b>
4.1. ANÁLISE DE REFERÊNCIAS EDITORIAIS.....	21
4.2. PESQUISA DOCUMENTAL.....	23
4.3. ESCOLHA DAS HISTÓRIAS.....	30
4.3.1. Poema de Adelina Lopes Vieira.....	30
4.3.2. Florina de Emília Freitas.....	31
4.3.3. Biografia de uma pena de Maria Clara da Cunha Santos.....	31
4.3.4. A casa dos mortos de Júlia Lopes de Almeida.....	32
4.3.5. Pela Pátria de Júlia Lopes de Almeida.....	32
4.3.6. A porta do Paraíso de Narciza Amália.....	33
4.3.7. O sonho de Nina de Adélia Barros.....	33
4.3.8. Na agonia de Maria Antonietta Gama.....	33
4.4. TRANSCRIÇÃO DIGITAL.....	34
4.5. PREPARAÇÃO E REVISÃO DOS ORIGINAIS.....	37
4.6. ESCOLHA DA ORDEM.....	38
4.7. PESQUISA BIOGRÁFICA.....	39
<b>6. O LIVRO.....</b>	<b>43</b>
6.1. TÍTULO.....	43
6.2. ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS, TEXTUAIS E PÓS-TEXTUAIS.....	44
6.3. PROJETO GRÁFICO.....	44
6.3.1. Tipografia.....	45
6.3.2. Ilustrações.....	46
6.3.3. Capa.....	49
6.3.4. Mancha gráfica.....	50
<b>7. DISTRIBUIÇÃO.....</b>	<b>54</b>
7.1. IMPRESSÃO SOB DEMANDA.....	54
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE A — ANÁLISE DE REFERÊNCIAS EDITORIAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE B - BUSCA NOS ACERVOS DIGITAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE C - TÍTULOS ENCONTRADOS.....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE D - MANUSCRITO DE ADELINA LOPES VIEIRA.....</b>	<b>70</b>
<b>APÊNDICE E - TEXTO DE FLORINA EM O LIBERTADOR.....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE F - TEXTO DE BIOGRAFIA DE UMA PENA EM O ÁLBUM.....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICE G - TEXTO DE A PORTA DO PARAÍSO EM ECHO DAS DAMAS.....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE H - TEXTO DE O SONHO DE NINA EM ECHO DAS DAMAS.....</b>	<b>76</b>

<b>APÊNDICE I - TEXTO DE O SONHO DE NINA EM PACOTILHA.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE J - TEXTO DE NA AGONIA EM A PEROLA.....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICE K - MANUAL DE ESTILO.....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE L - MIOLO DO LIVRO DEPOIS DA BRUMA.....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE M - PEDIDO DE ORÇAMENTO.....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE N - ORÇAMENTO FEITO PELA UMLIVRO.....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE O - DESCRIÇÕES DAS IMAGENS.....</b>	<b>121</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura fantástica sempre esteve presente comigo, mas a literatura feminina nem tanto, apesar de ser um tópico importante para mim. Em 2021, em um momento em que pesquisava sobre a literatura feminina para uma mesa de conversa da pE.com — Editora Experimental do curso de Comunicação Social - Produção Editorial — parei para pensar em quantos livros eu lia de autoras femininas e, como a maioria dos meus livros são de fantasia, cheguei ao questionamento: quantos livros de fantasia escritos por mulheres eu tenho? Fiquei um tempo encarando a estante e notei que, infelizmente, não são muitos. E aqueles que eram, muitos deles tinha o nome das autoras abreviado ou eram pseudônimos com nomes mais neutros, podendo ser tanto mulher quanto homem; ou com uma predominância grande de livros jovem-adulto com temáticas mais românticas. Essa análise me fez lembrar de um episódio do ano anterior.

Em 2020, Victoria Schwab, autora estadunidense de fantasia, tinha postado uma série de tweets comentando sobre sua experiência no mercado literário da fantasia como uma mulher, principalmente a literatura fantástica adulta, que é, majoritariamente, constituída por homens<sup>1</sup>. Ela comenta situações em que, por ela ser mulher, achavam que ela estaria escrevendo para o público jovem-adulto e deveria estar no painel de literatura YA (Young Adult) ou de quando a agradeciam por utilizar a abreviação V. E. Schwab em seus livros de fantasia adulta — para os livros de fantasia escritos para o público infantojuvenil, ela assina como Victoria Schwab —, porque se soubessem que ela era mulher, eles não a teriam lido, entre outras situações.

O combo dos acontecimentos me pôs a refletir sobre como a literatura feminina é muitas vezes deixada de lado e julgada antes mesmo de ser lida, muitas vezes não é nem considerada, ainda mais a fantasia, com um público masculino e misógino. Se vivemos isso ainda hoje, no século XXI, como deveria ser a realidade das mulheres escritoras no século XIX e XX? E no Brasil? Será que elas eram escutadas? Onde elas estão hoje em dia? Continuam a ser publicadas? Diria que não o suficiente, nem hoje e nem antes. E por isso é tão importante o resgate dessas histórias como forma de enaltecê-las e ajudá-las a soltarem a sua voz. Resgatar essas narrativas têm o intuito de reconstruir a história e a identidade do país ao longo dos anos.

A literatura brasileira no século XIX foi utilizada de forma a moldar a identidade nacional, visto que, com a independência do Brasil, houve a necessidade de reafirmação e de demonstrar a sua autonomia, coesão e unidade (SCHMIDT, 2019). Mas a literatura dita

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://twitter.com/veschwab/status/1276051866267287553>. Acesso em: 8 dez. 2023.

representativa é apenas um recorte pequeno do Brasil, excluindo as minorias que também fazem parte da construção e da identidade desse país.

A retomada da literatura brasileira do século XIX de autoria feminina e fantástica traz consigo uma mensagem carregada de informações e significados, de forma a retratar histórias, vivências e realidades da época, além do fator cultural presente que, segundo Martino (2001, p. 23), já é um conceito que implica um processo de comunicação, ao transmitir um patrimônio por gerações.

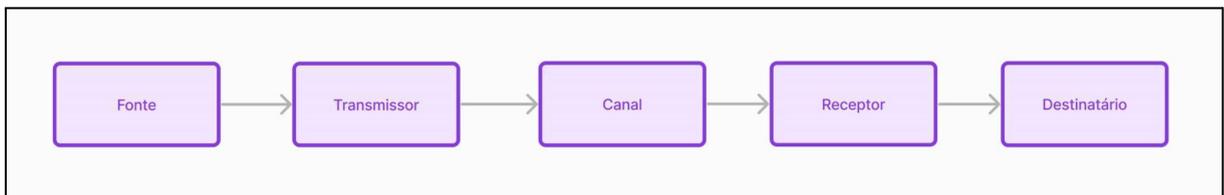
Martino (2001) comenta que, para que o livro se transforme em uma comunicação, ele depende da interação entre autor, leitor e suporte (canal). É necessário que haja uma ação por parte do receptor de interpretação, ou seja, de decodificação. A informação presente no livro está registrada, mas precisa de que outra consciência a resgate e a interprete, fazendo com que duas ou mais consciências se comuniquem.

O termo “comunicação” possui diversos significados, a definição mais facilmente relacionada, segundo Martino (2001), é a do diálogo entre duas pessoas — o emissor e o receptor —, que trocam ideias e informações entre si.

O modelo básico da comunicação segue a ordem definida por Aristóteles: Emissor-Mensagem-Receptor, sendo o emissor aquele que produz e transmite a mensagem; a mensagem traz as ideias do emissor, com o intuito de transmitir informação; e o receptor é o destinatário da mensagem, aquele que recebe e interpreta. Sem esses três elementos, não há comunicação.

Já o esquema de Shannon e Weaver (FRANÇA; SIMÕES, 2016), segue um modelo linear, com o intuito de passar o máximo de informação com menos ruído possível (distorções na mensagem):

Figura 1 — Esquema de Shannon e Weaver



Fonte: elaborada pela autora, 2023.

A fonte é quem escolhe a mensagem a ser transmitida; o transmissor é aquele que codifica a mensagem; o canal é o meio em que a mensagem será transmitida; o receptor é o que capta o sinal e o decodifica; e o destinatário é aquele a quem a mensagem foi designada.

O caminho traçado por esse projeto é este meio de comunicação, o livro, que apenas

aguarda a interação com seu receptor. A coletânea, cuja produção é aqui relatada, tem o objetivo de resgatar e reunir histórias com inspirações fantásticas escritas por autoras mulheres, em uma área em que a predominância do reconhecimento ainda é de homens, de uma forma acessível, de forma econômica e instrumental, para que ela possa ter um alcance grande, saindo da invisibilidade. A mensagem presente neste projeto terá ruídos, dado ao intervalo de tempo e a bagagem adquirida ao longo dos séculos, além da subjetividade presente na literatura — sobretudo na fantástica —, mas ainda assim carrega mensagens valiosas para a história do Brasil e da mulher brasileira.

O projeto em si consiste na produção de um livro físico e digital em formato *ePub*, intitulado *Depois da Bruma*, com oito textos de inspirações fantásticas de sete autoras, publicados entre os anos de 1882 e 1903. Além das narrativas, será produzida uma breve biografia e uma ilustração, ambas feitas por mim, de cada escritora, com a justificativa de dar visibilidade a essas mulheres que, por se encontrarem em ambientes e nichos desvalorizados, foram invisibilizadas. Os objetivos específicos consistem em buscar essas autoras e histórias escondidas na literatura brasileira; elaborar um projeto editorial para a antologia; criar um projeto gráfico condizente com o projeto editorial; dar visibilidade às histórias e às autoras a partir do projeto experimental, focando nas possibilidades de acessibilidade do projeto, como o econômico e instrumental, criando um produto que seja de fácil circulação.

No segundo capítulo, será desenvolvida a relação da mulher na literatura, partindo da mulher como leitora com Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999), para explorar as dificuldades encontradas pela mulher escritora a partir da perspectiva de Constância Lima Duarte (1997, 2019), Virgínia Woolf (2014) e Naiana Pereira de Freitas (2021), perpassando pela escrita, publicação e crítica.

No terceiro capítulo, a definição, a categorização, a função e os mecanismos da fantasia serão trabalhada por Tzvetan Todorov (2007) e Remo Ceserani (2006), enquanto a presença do fantástico na América Latina, mais especificamente no Brasil, é desenvolvida por Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares (2019) e Selma Calasans Rodrigues (1988). A relação da mulher com a literatura fantástica é trabalhada por Matangrano e Tavares (2019).

No quarto capítulo, serão introduzidos os processos metodológicos seguidos para a elaboração do projeto experimental, introduzindo a análise de referenciais editoriais, o processo documental da busca pelos textos e o desenvolvimento do produto, apresentando, também, o cronograma elaborado.

No quinto capítulo, será trabalhado a editoração do livro, iniciando com uma análise de cinco livros de referência; seguindo para a pesquisa documental que interliga o projeto às

conjecturas da documentação histórica a partir de Azevedo Netto (2014), e desenvolvendo as etapas de pesquisa pelas obras, a transcrição digital das histórias, a pesquisa biográfica, a preparação e revisão textual.

No sexto capítulo, será desenvolvido o livro em si a partir da escolha do título; dos elementos pré-textuais, textuais e pós textuais descritos por Müller (2018); o desenvolvimento do projeto gráfico a partir de Jan Tschichold (2007), Joaquim Fonseca (2008) e Andrew Haslam (2007).

No sétimo capítulo, serão descritos os processos percorridos desde a idealização da impressão sob demanda de forma independente, para a decisão de imprimir ainda sob demanda junto à Editora Crisálida e a impressão do produto final, o protótipo do livro que será veiculado, até a produção do livro digital.

No último capítulo, retomo as análises da mulher na literatura e a definição de fantasia, e discorro sobre as etapas produzidas, os objetivos almejados e se foi possível cumpri-los. Além disso, encerro com uma observação sobre a importância do resgate histórico da literatura, por meio das reedições para a memória nacional.

## 2. RELAÇÃO DO FEMININO COM A LITERATURA

A mulher torna-se leitora já com o surgimento da imprensa e do fortalecimento das escolas, eventos que coincidem com o nascimento da modernidade segundo Lajolo e Zilberman (1999, p. 236). Entretanto, a discussão da mulher como uma pessoa com direito à educação apenas é analisada com a ascensão da burguesia no século XVII, visto que a instrução da mulher seria vantajosa para que elas assumissem as funções domésticas que a burguesia carecia, entre elas, a educação dos seus filhos (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 237). Ou seja, a educação da mulher foi discutida para satisfazer as vontades e necessidades do homem.

A partir dessa nova realidade, a mulher se torna um contingente relevante para a literatura. Obrigadas a ficarem em casa, elas se tornam um público emergente que influencia o mercado de duas formas: elas aumentam o consumo de livros, aumentando os lucros deste comércio; mas também influenciam os tipos de narrativas apresentadas, visto que não era desejado que a mulher lesse o que bem entendesse (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 236).

No Brasil, as mulheres viveram muito reclusas e a educação demorou a ser direito — segundo Constância Lima Duarte (2019), a legislação que autorizava a instauração de escolas públicas para meninas data de 1827. As mulheres eram confinadas em casa e só podiam sair acompanhadas, limitavam o que podiam fazer, englobando também a literatura. Além de estar em um contexto em que a literatura não apresentava ser uma realidade significativa para a mulher: “Iletrada na maioria dos casos, a mulher brasileira faz parte de um mundo para o qual o livro, a leitura e a alta cultura não parecem ter maior significado” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 246).

A leitura da mulher precisava da aprovação do homem, por este ter receio de que ela “lesse errado” e pudesse ter uma opinião própria e contrária a sua, que a desviasse de suas tarefas domésticas e de seus ideais. Se o ato de ler uma opinião alheia era perigoso, a mulher produzir e ter suas próprias opiniões era mais perigoso ainda. Os livros dados a ela reforçavam a ideia da literatura de entretenimento, que não demandasse muito o intelecto. Isso cria certa mentalidade de que a mulher não é capaz e não tem subsídio intelectual. Essas características eram incentivadas e reforçadas. Entretanto, a mulher não se permitiu ficar presa a esse mundo, elas se tornaram leitoras e então escritoras e percorreram um longo caminho.

Virginia Woolf (2014), autora inglesa que retrata a sua experiência como autora e sua análise do início do século XX, discorre sobre os percalços da mulher para conseguir escrever uma obra literária e publicá-la. A conclusão de Woolf (2014) é que o exercício da escrita pela

mulher depende de que ela tenha uma habitação e uma renda totalmente sua, com o mínimo de responsabilidades possíveis, focando totalmente na sua obra. As limitações do patriarcado impedem essa realidade, ainda mais em um contexto em que a probabilidade da mulher ter uma independência financeira era difícil — na Inglaterra, segundo Woolf (2014), as mulheres casadas só tiveram o direito a suas posses a partir de 1880.

Além das dificuldades que as mulheres se deparavam para escrever um livro, se conseguissem a publicação, elas encontravam outro obstáculo: a crítica literária. O preconceito para com a literatura feminina era reforçado no meio da crítica literária, mostrando que seu lugar não era ali. Constância Lima Duarte comenta que “não é por acaso que a única modalidade de texto não praticado pelas mulheres até meados do século 20 foi justamente a crítica literária” (1997, p. 91) e isso mantinha todo o poder da crítica e da definição do que era bom e legítimo para a literatura nas mãos do homem. Nas críticas feitas, os textos não eram considerados pelo seu conteúdo, mas pelo seu contexto autoral, como é o caso de Narciza Amália<sup>2</sup>, comentado por Freitas (2021, p. 104):

Narcisa Amália era jovem e bonita, logo não deveria escrever sobre ideais sociais, políticos. Existia um lugar autorizado pela crítica para ela, os críticos desqualificavam-na recorrendo a elogios regulados pela aparência pessoal, ignorando o aspecto estético do texto. Desse modo, quiseram transformar a sua escrita em mero passatempo sem nenhuma relação com uma profissão.

Quando se tinha conhecimento de que o autor daquele texto era uma mulher, a crítica era feita a ela e não a sua obra, opinião ou conteúdo publicado. O que era tratado nas críticas era o fato da autoria ser feminina e esse fato era, preconceituosamente, visto como inferior e, por si só, determinante para a opinião final. Poucas eram as mulheres bem vistas pela crítica.

A mulher, para surpreender a crítica e ser reconhecida, precisava chegar a um patamar muito alto, dificilmente atribuído a um livro escrito por uma mulher. Mesmo no século XX, Constância Lima Duarte (1997, p. 92) menciona um comentário de Graciliano Ramos feito ao livro *Os quinze* de Rachel de Queiroz, publicado em 1930 — encontrado em uma publicação póstuma de Graciliano Ramos no livro *Linhas tortas* de 2002 (p. 133, grifo nosso):

*O Quinze* caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. **Seria realmente de mulher? Não acreditei.** Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com este nome. É pilhéria. **Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.** Depois conheci *João Miguel* e conheci Rachel de Queiroz, mas ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o

---

<sup>2</sup> O nome de Narciza, uma das autoras do livro, normalmente é redigido com a letra “s”, porém ela assinava seus textos com “z”, portanto, foi preferido manter o modo como ela assinava.

preconceito que excluía as mulheres da literatura. **Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O Quinze* não me parecia natural.**

Esse é um caso positivo de crítica de um livro de autoria feminina — apesar da incredulidade dele por ela ter capacidade de escrever bem —, mas muitas tinham receio da crítica, que não era muito receptiva. Uma forma de evitar a crítica direta, de proteger seu nome e de preservar sua imagem era a utilização de pseudônimos. No decorrer da história da literatura, muitos autores utilizaram pseudônimos, prezando a sua identidade e privacidade, não querendo ter ideias e visões vinculadas ao seu nome. Como exemplo de autoras, temos a Jane Austen que assinava os seus livros como *A Lady* (Uma Senhora); as irmãs Brontë (Charlotte, Emily e Anne) publicaram seus livros com nomes masculinos e com um sobrenome diferente (Currer, Ellis e Acton Bell, respectivamente); Mary Shelley teve seu romance atribuído, pelos críticos, ao seu marido Percy Shelley, por não ter indicação direta de autoria; e Maria Firmina dos Reis assinava seus livros como “uma maranhense” (COSTA, C., 2018).

Com receio das críticas feitas pelos homens, outro modo de apaziguar os comentários era a escolha dos gêneros, temas e construções de narrativa dos seus livros que, segundo Duarte (1997, p. 92) era uma forma de autocensura considerada para a visibilidade da obra feminina. Para as autoras terem um alcance considerável, era necessário que publicassem temas dominantes, levando em consideração o gênero predominante daquele período. “Os críticos preferiam condená-las – provavelmente por não saberem lidar com esse tipo de texto literário – do que se deter para examinar outras formas de expressão diferentemente das eleitas” (ALVES, 1998, p. 240 *apud* FREITAS, 2021, p. 103). Se publicassem histórias de gêneros que não estavam sendo comentados em massa pela mídia e público, seria ainda mais difícil serem reconhecidas e apreciadas.

### 3. A MULHER E A LITERATURA FANTÁSTICA

A fantasia não está presente na literatura há muito tempo e não foi considerada como um gênero hegemônico. A sua origem é vista no século XIX em um contexto de racionalidade e cientificismo precedido pelo Século das Luzes com Iluminismo (RODRIGUES, 1988). A partir deste momento, já contradiz e caminha em sentido contrário do esperado, emergindo ao valorizar o sobrenatural e o estranho.

A delimitação da fantasia é muito discutida e questionada. Segundo Tzvetan Todorov (2007), o fantástico é um gênero determinado a partir da *hesitação* do leitor e do personagem quanto ao que é real e o que é imaginário a partir das leis naturais e da “normalidade”, podendo ser concomitantes ou apresentados individualmente, ao se tratar do sobrenatural. Com essa definição, Todorov apresenta variantes para o gênero: o *estranho* e o *maravilhoso*.

O *estranho* refere-se à narrativa em que há acontecimentos sobrenaturais, mas que apresentam uma explicação lógica no final, mesmo sendo extraordinários e insólitos. Neste cenário, tanto o leitor quanto o personagem se estranham com os acontecimentos, há uma hesitação mútua provocada pelos acontecimentos sobrenaturais, que serão exemplificados na seção 5.3. Se, no final, houver uma justificativa na qual o insólito é aceitável para as leis da realidade, também se configura como *estranho*.

E o *maravilhoso* consiste no sobrenatural aceito como verdade, como nos contos de fadas em que aquele universo, que não segue as nossas leis naturais, mas, para aqueles personagens, aquela é a sua realidade. Neste caso, o leitor *hesita* quanto aquele mundo, mas os personagens o conhecem, como veremos na seção 5.3. Também, se for decidido, no final, que novos termos devem ser acrescentados à lei natural para que o sobrenatural seja explicado, também se configura como *maravilhoso*.

A definição do fantástico como um gênero, seguindo uma estrutura e uma série de regras, é feita por Todorov (2007), entretanto há discordâncias quanto a essa afirmação. Remo Ceserani (2006) defende que o fantástico possui um campo mais amplo de atuação, se situando em mais de um gênero e subgêneros, podendo se apresentar como um acontecimento pontual em um gênero qualquer. A partir do momento em que um elemento fora das leis naturais se faz presente e o leitor e o personagem o percebem, já se pode considerar fantástico. Para o senso comum, Matangrano e Tavares (2019, p. 18) consideram que “é fantástica qualquer narrativa de façanhas inverossímeis que extrapolam as leis da física e da lógica, com explicação ou não”, seguindo a categorização como um modo literário.

Dentro do modo, Ceserani (2006) elenca dez mecanismos para a fantasia existir: 1) posicionamento dos procedimentos narrativos no próprio texto; 2) a narração em primeira

pessoa que permite explorar a dúvida; 3) a ambiguidade; 4) o envolvimento do leitor; 5) a passagem do limite, seja do natural ou de dimensão, como em um sonho; 6) o objeto mediador, que é a prova do fantástico; 7) as elipses, como uma forma de deixar em aberto e de explorar o não dito; 8) a teatralidade; 9) a figuratividade; e 10) o detalhe, como uma forma narrativa. Sendo esses os elementos formais apresentados pelo autor que caracterizam o insólito a partir de combinações desses componentes, pois, todos não precisam ser abarcados e exclusivos para a modalidade.

Os estudos dos fantásticos analisados, como os que elencam esses elementos, têm como base a literatura fantástica europeia que se difere da realidade e da cultura brasileira apresentadas neste projeto — os dois estudos brasileiros pesquisados têm como foco a literatura brasileira e latina, mas a sua base ainda é o estudo europeu. A América Latina, mesmo não sendo um expoente no meio, teve autores da literatura brasileira que, no final do século XIX, já usavam elementos fantásticos, como foi o caso de Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que utilizou de um defunto-autor para contar a sua história (RODRIGUES, 1988).

Segundo Todorov (2007), a fantasia possui três funções: (1) Entreter; (2) Servir como efeito narrativo; e (3) Tratar de assuntos normalmente evitados. O entretenimento está relacionado ao efeito produzido no leitor com a narrativa, emocionalmente, deixando-o aflito ou apenas curioso. O efeito narrativo é produzido pelo fantástico ao ter esses elementos/eventos para movimentar a história, mantendo o suspense e a atenção do leitor.

A terceira função colocada por Todorov refere-se ao modo como a fantasia trata de assuntos que normalmente seriam evitados e considerados estranhos em contextos cotidianos. Temáticas ditas como não discutíveis são representadas pelo insólito e aceitas ao serem justificadas pelo sobrenatural. Com isso, críticas poderiam ser direcionadas sutilmente de forma a serem aceitas e não rechaçadas.

Muito se vê na literatura a utilização da ficção como forma de crítica à sociedade, da mesma forma acontece na fantasia. No entanto, a fantasia permite que posicionamentos daqueles que têm dificuldade de contarem suas histórias sejam viáveis e aceitos, visto que a crítica não será tão direta que possa ser censurada, como uma forma de comunicação.

A fantasia é descrita como algo que foge do comum, contradiz a realidade e, segundo Irène Bessière (1974 *apud* CESERANI, 2006), a partir do período histórico, “a narração fantástica pode ser lida como a outra face do discurso teológico, iluminista, espiritualista ou psicopatológico e existe somente graças àqueles discursos que ela desconstrói por dentro.” Ou seja, a fantasia é a desconstrução da realidade ao desmontar o comum e retratar o inesperado,

sendo considerado uma contra-forma por Bessi ere, assim, podendo ir de encontro aos ideais da sociedade.

Por não ser considerada uma literatura hegemônica, em que a mulher teria mais facilidade de publica o, a autoria feminina não teria tanto alcance na literatura fantástica.

A forma como a fantasia se difundiu no mundo não se caracterizou como um paradigma dominante, o que dificultava ainda mais o reconhecimento das autoras fantásticas, que também era prejudicado pelo predomínio dos homens na área, como enfatizado por Matangrano e Tavares (2019, p. 103): “Infelizmente, ainda assim, o mundo literário, e ainda mais aquele associado ao insólito, tem sido praticamente dominado pela voz autoral masculina, salvo por louváveis exce es.”

O meio fantástico, infelizmente,   uma área em que a mulher não tem tanto espaço de atua o e, se tem, não recebe o devido reconhecimento.

Um dos principais problemas de nossa tradi o literária   a ausência de autoras, narradoras e protagonistas femininas. Não por não terem existido, ou não terem sido retratadas, mas devido a um constante apagamento da crítica e do mercado. (MATANGRANO; TAVARES, 2019, p. 103)

Nomes como Emília Freitas, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira e Madame Chrysanth me tiveram sua contribui o para a literatura fantástica brasileira, mas não tiveram e não têm reconhecimento e nem destaque no meio literário, logo, são “lamentavelmente quase inacessíveis atualmente por falta de reedi es” (MATANGRANO; TAVARES, 2019, p.55), sendo as reedi es o que mant m vivo as histórias pela memória.

Felizmente,   possível encontrar algumas reedi es de alguns textos dessas autoras sendo publicadas recentemente como   o caso de *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas pela Editora Wish<sup>3</sup> (2020) e *Enervadas* de Madame Chrysanth me publicado pela Carambaia (2019)<sup>4</sup>. E, a partir deste momento, de *Depois da Bruma*.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/products/a-rainha-do-ignoto>. Acesso em: 6 dez. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://carambaia.com.br/enervadas>. Acesso em: 6 dez 2023.

#### 4. EDITORAÇÃO

Para a elaboração do projeto, o trabalho foi dividido em três etapas: (1) Análise de referenciais; (2) Pesquisa arquivística; e (3) Produção. A análise de referenciais foi feita por meio de pesquisas de obras semelhantes. A etapa de pesquisa arquivística consiste na busca por textos e autoras, em que são analisados documentos do período pesquisado — final do século XIX até 1950. E a produção refere-se ao desenvolvimento editorial do livro, com a definição do projeto editorial, gráfico, a elaboração dos paratextos e dos diversos formatos.

Para o desenvolvimento do projeto, segue o seguinte cronograma:

Quadro 1 — Cronograma de tarefas para o desenvolvimento do projeto experimental

	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
<b>Procura e seleção de histórias em domínio público</b>	X	X	X	X					
<b>Revisão bibliográfica</b>				X	X	X			
<b>Projeto editorial</b>				X					
<b>Tratamento dos textos</b>					X	X	X		
<b>Desenvolvimento dos paratextos</b>					X	X			
<b>Projeto gráfico</b>					X	X			
<b>Diagramação</b>						X	X		
<b>Impressão</b>							X	X	
<b>Finalização</b>									X
<b>Relatório final</b>									X

Fonte: autora, 2023.

##### 4.1. ANÁLISE DE REFERÊNCIAS EDITORIAIS

A análise de referências editoriais foi muito importante como um estudo das publicações já feitas e como algumas escolhas editoriais poderiam ser refletidas ou descartadas para *Depois da Bruma*. Para as análises de referencial foram escolhidas cinco coletâneas que seguem as duas linhas trabalhadas neste projeto, com resgates de histórias do passado e a autoria feminina: *Os melhores contos de fadas asiáticos* (2022), *Medo Imortal* (2019), *Se todas as rainhas estivessem em seus tronos* (2022), *Vitorianas Macabras* (2020) e *O sino e o relógio* (2022).

As seguintes perguntas direcionaram o estudo: No que ela é parecida com o que eu quero? No que ela é diferente? O que eu mais gosto dessa referência? O que eu não gosto? Quais são os pontos fortes dessa referência? Quais são os pontos fracos dessa referência? Como eu posso aplicar essas referências ao meu próprio trabalho? Um quadro foi elaborado com as respostas a cada uma das perguntas (Apêndice A) que resultaram nas seguintes conclusões:

*Os melhores contos de fadas asiáticos*<sup>5</sup> (2022) apresenta-se como referencial tanto pelo norte editorial da Editora Wish focada no resgate de livros antigos, com foco em obras raras e inéditas, de autores tanto conhecidos como desconhecidos pela atualidade; pela especificidade do tema e da região; e pelos paratextos que destacam o contexto histórico e na produção em si. A Coleção Áurea, que esse livro se enquadra, reúne livros de contos de fadas de culturas diferentes — conhecidos e inéditos.

*Medo Imortal*<sup>6</sup> (2019) da Darkside é uma coletânea de terror de autores da Academia Brasileira de Letras. O que chamou a minha atenção nessa publicação é o enfoque no Brasil, nas apresentações dos autores e na seleção dos textos com um ponto central no terror, que foge da literatura conhecida de autores como Machado de Assis e Humberto de Campos.

*Se todas as rainhas estivessem em seus tronos*<sup>7</sup> (2022) é um livro independente que não está mais disponível para a compra, mas segue a mesma temática e segmentação do produto deste trabalho: é uma antologia fantástica escrita apenas por mulheres e é independente. O que a difere são as autoras contemporâneas.

*Vitorianas Macabras*<sup>8</sup> (2020) da editora Darkside também é uma coletânea de autoras do sobrenatural, mas da era vitoriana. A publicação também segue o enfoque da literatura feminina em um momento e área em que o homem é mais valorizado.

*O sino e o relógio*<sup>9</sup> (2022) da Coleção Acervo da editora Carambaia é uma publicação simples voltada para contos de autores brasileiros, mas conta com diversas temáticas. O seu ponto forte é a edição simples.

Como um todo, as análises feitas levaram em consideração a segmentação da autoria, da temática e da época. Nota-se que muitas dessas obras são edições mais elaboradas

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/products/os-melhores-contos-de-fadas-asiaticos>. Acesso em: 6 dez. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.darksidebooks.com.br/medo-imortal-drk-x/p>. Acesso em: 6 dez. 2023.

<sup>7</sup> Disponível em:

<https://www.skoob.com.br/se-todas-as-rainhas-estivessem-em-seus-tronos-12085579ed12070225.html>. Acesso em: 6 dez. 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.darksidebooks.com.br/vitorianas-macabras-drk-x/p>. Acesso em: 6 dez. 2023.

<sup>9</sup> Disponível em:

<https://carambaia.com.br/o-sino-e-o-relogio-uma-antologia-do-conto-romantico-brasileiro-acervo-14>. Acesso em: 6 dez. 2023.

graficamente, com capa dura, pintura trilateral, fitilho e miolo colorido, elementos que valorizam a obra mercadologicamente podendo serem consideradas luxuosas, o que não é o foco de *Depois da Bruma*. O objetivo é que ele seja simples, mas que ainda seja elegante e bonito, sem precisar de muitos elementos que podem o encarecer, e que o foco ainda fique nas autoras e nas suas histórias.

#### 4.2. PESQUISA DOCUMENTAL

A busca por textos foi feita, em sua maioria, em acervos periódicos — hemerotecas — por serem locais de armazenamento e documentação histórica que, segundo Azevedo Netto (2014), possuem uma interligação entre três conjecturas: a documentação, a memória e a informação.

Os três elementos descritos por Netto (2014) estão diretamente relacionados com os objetivos gerais do projeto. A documentação é um meio de armazenamento de informações a longo prazo, não dependendo apenas da mente humana; no projeto, vê-se como um meio de armazenamento que independe do prestígio que foi dado àquela narrativa ou autora, a documentação e o registro por si só é uma forma de armazenar e auxiliar no agrupamento das histórias. A memória é um fenômeno coletivo de estruturas e experiências do passado humano que pode ser retransmitido por meio de registros; no projeto, vê-se como o resgate das narrativas e das autoras. A informação pode ser retirada a partir de uma análise como reflexo dos produtos culturais do período histórico retratado; no projeto, vê-se que a narrativa retrata direta ou indiretamente o período em que a história foi escrita, os costumes e/ou as lutas que as mulheres e o povo brasileiro enfrentavam no período.

A partir da documentação, a primeira etapa do projeto foi iniciada: a procura por originais. O foco da pesquisa era procurar narrativas fantásticas escritas por mulheres no século XIX até meados da década de 1950 no Brasil. Para a pesquisa, foram feitas muitas visitas e leituras prévias que pudessem indicar algumas fontes com ocorrências registradas que se ligassem ao tema da pesquisa, visto que os textos procurados são de difícil acesso, já que são de um período de emergência para os seus dois nichos — fantasia e autoria feminina.

Inicialmente, foram feitas visitas presenciais a duas bibliotecas na cidade de São Paulo em fevereiro, no período de férias da universidade: Biblioteca Brito Broca e Biblioteca Mário de Andrade. Em ambas, o objetivo da pesquisa era olhar livro por livro, autora por autora, na seção de livros nacionais, para tentar encontrar algo e/ou alguém que pudesse ser aprofundado posteriormente. A escolha das bibliotecas foi feita pela proximidade (Biblioteca Brito Broca) e pelo vasto acervo (Biblioteca Mário de Andrade).

A busca feita pela Brito Broca não foi tão proveitosa. Por ser uma biblioteca com um acervo que não é muito amplo, não havia muitos conteúdos do período pesquisado, tendo muitos autores contemporâneos. Apesar de não encontrar autoras do período que precisava, livros como *A literatura brasileira. Origens e unidade – volume I* (1999) de José Aderaldo Castello, ajudaram a listar alguns dos possíveis jornais que poderiam ser analisados.

Figura 2 — Conjunto de registros das visitas feitas às bibliotecas e aos sebos



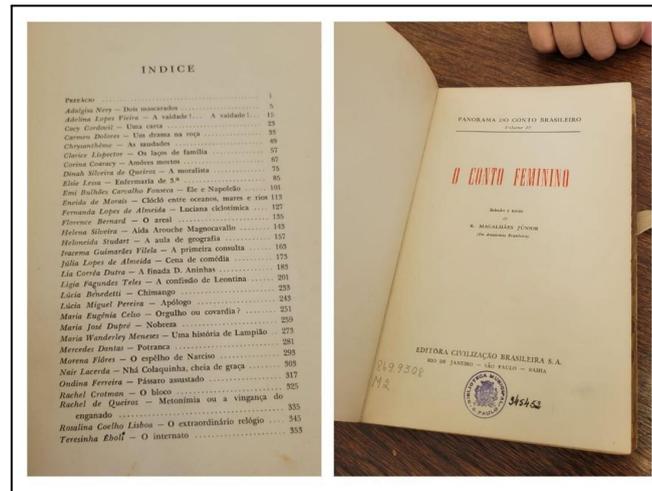
Fonte: autora, 2023.

Na Biblioteca Mário de Andrade, foi feita uma pesquisa prévia por alguns nomes já pré-selecionados em um site que lista autoras de fantasia brasileiras<sup>10</sup> e, com isso, foi encontrado, apenas para consulta, o livro *O conto feminino*, uma antologia publicada em 1959 de autoria feminina organizada por R. Magalhães Júnior. Com isso, além da procura por livros como foi feita na Brito Broca, na Mário de Andrade, havia o objetivo de analisar o livro e listar possíveis nomes e possíveis fontes.

Também visitei alguns sebos no bairro da Lapa em São Paulo, mas a busca não gerou resultados.

<sup>10</sup> O site *Escritoras Fantásticas BR*, de iniciativa das autoras Lu Evans e Rozz Messias, é uma catalogação de escritoras brasileiras que produziram e produzem prosas ficção fantástica em prosa, reunindo as suas biografias, fotos e obras. Disponível em: <https://escritoras-fantasticas.blogspot.com/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

Figura 3 — Livro *O conto feminino* consultado na Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo



Fonte: autora, 2023.

Concomitante a busca presencial, foi feita uma planilha no Excel com os títulos dos periódicos elencados (Apêndice B)<sup>11</sup>, que estão ligados a publicação de autoras mulheres. Os títulos foram listados a partir de livros como *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia* (MUZART, 2000). A partir dos números de ocorrências, iniciou-se as análises iniciais, que foram feitas presencialmente — na cidade de Santa Maria no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria — e online — no site da Biblioteca Nacional. Como inicialmente não havia tantas diferenças de ocorrências, a escolha dos periódicos foi quase aleatória, tentando pensar naqueles de maior visibilidade, como *O Paiz* do Rio de Janeiro. Mas, após uma análise rápida e mental, notou-se que as histórias procuradas dificilmente estariam nesses meios, visto que não eram narrativas muito valorizadas e dificilmente estariam em periódicos de grande alcance.

<sup>11</sup> Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/17GH-zfoRfLnbTg8uD9SkIybsNVUkeFuEO1stS3m6UHA/edit?usp=sharing>. Acesso em: 9 dez. 2023.

Figura 4 — Foto das visitas ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria



Fonte: autora, 2023.

A lista foi logo acrescida com a relação de periódicos literários presentes no dossiê *Periódicos & Literatura* da Biblioteca Nacional<sup>12</sup> e, a partir desse momento, esses documentos começaram a ser analisados em ordem alfabética. Em paralelo, as ocorrências eram atualizadas com a leitura do livro *Escritoras brasileiras do século XIX: vol. II* (MUZART, 2004). Com mais informações e com um diferencial maior entre as citações, os periódicos de maior ocorrência foram analisados primeiro, como o *Echo das Damas*, levando em conta o filtro feito anteriormente. Quando as ocorrências se igualaram, a prioridade eram os conteúdos voltados para o público feminino. Apesar de ainda ser comum jornais com a coordenação masculina, os conteúdos femininos ainda poderiam ser feitos por mulheres. E ainda havia o caso das publicações coordenadas por mulheres, como é o caso da revista *A mensageira* (COSTA, M., c2023a).

Para a pesquisa de alguns periódicos, pela grande quantidade de edições, não era possível analisar todos. Foram examinados por amostragem, visando abrangência temporal, como é o caso de *O Paiz* (RJ) (ver planilha). Em alguns, foram feitas pesquisas por palavras-chave: “folhetim” e “maravilhoso”. A expressão “maravilhoso” se dá devido a identificação de uma história selecionada, descrita pelo periódico que a publicou como “conto maravilhoso”.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

Figura 5 — Busca na Biblioteca Nacional pela palavra-chave “maravilhoso”

Libertador : Órgão da Sociedade Cearense  
Libertadora (CE) - 1881 a 1890

maravilhoso

Pesquisar

Ocorrências 48/162

2/4

Para uma frase exata, coloque as palavras entre aspas. Ex.: "mundo verde"

Ano 1883 Edição 00171 (1)

Pastas

- Edição 00171 (1)
- Edição 00172
- Edição 00173
- Edição 00174
- Edição 00175
- Edição 00176
- Edição 00177 (1)
- Edição 00178
- Edição 00179
- Edição 00180
- Edição 00181
- Edição 00182
- Edição 00183
- Edição 00184
- Edição 00185
- Edição 00186
- Edição 00187
- Edição 00188

O trabalho rural, os princípios economicos exigem que a rotina seja banida, que desapareça o braço escravo, o que o colono industrial, activo e intelligente possa vir competir no rotação de nossos campos com o homem livre.

Essa é a grande preocupação do pensamento de povo cearense. N'essa cruzada, toda de civilização, humanidade e progresso, não se pretendo prejudicar a ninguém.

Quando a capital da provincia já é servida por lombardos e por italianos de todas as procedencias. No entanto, sabem todos que o italiano é o immigrante mais difficil de acclimar; é sempre a primeira victima da febre amarella.

A provincia de S. Paulo é a mais conhecida na Europa; no dia, em que se annunciasse no Times, que o territorio ultramarino d'essa riquissima provincia

sem cessar de vir muito longe de si a abertura, que ella acrobolava nunca atingir, chegou ao fim, e ficou bom surprehensão de descobrir um para-maravilhoso, e mil cousas das quaes não tinha idéa alguma.

O cão era roxo; a herva e as folhas azues, os passaros tinham quatro azas, as memórias borboletas eram grandes como folhas de sypnoro, e a água jorrava aqui e acolá em molhos de esganhos scintillantes, que exalavam os mais suaves perfumes, os gemos, de pelo branco, de cornos dourados, de olhos azues, que tinham beber a essas fontes emulsificadas, dançavam ao redor da donzella, e falavam-lhe um idioma desconhecido mas tão doce e tão sonoro, que ella sentia indistincto prazer em ouvi-lo. tão expressivo que, em poucos momentos ella adivinhava quasi tudo; e verdade que essas lindas creaturas occupavam-se sobretudo de sua belleza.

Florina murmurava de surpresa com surpresa; todo esse para encantado parecia-lhe estar em festa. Ella ouvia por traz de muitas arvores, intermitentemente novas pra si, concerto de

dão milhares e milhares de immigrantes, livres, industriosos, empreheedores; as culturas, os productos agricolas, as pequenas industrias multiplicar-se-hão em immensa variedade, cessará o absurdo de estar dependente só do café uma provincia, que pôde produzir sêa, vinho e todos os productos da Italia.

A experiencia está feita em todos os Estados escravagistas

prop-vos dizer-mo por onde poderei voltar a minha casa.

—Ah! sóis a bella, que atravessastes a montanha! Não, bom vindo, Florina! não esperavamos senão a vós!

Dizendo estas palavras com riso sardonico, o grande conselheiro alavara sua face a um anolador de ago, e arremessava sobre a donzella olhares fulgentes.

—Então, disse-lhe elle; mademoiselle entre, vosso caminho é por aqui.

Florina, depois de ter percorrido um tempo correto, achou-se no meio de uma vasta cozinha, onde vinte marmitões e outros tantos criados estavam occupados nos aprestos de um sumptuoso festim.

Por toda a parte coziam-se as vindimas, trabalhava-se as aves. Ao mesmo tempo trinta marmitões estavam occupados; mas a pastora surpreendeu-se vendo a maior das marmitas aberta e vazia junto ao fogão, e mais grada, seu espanto, não pôde conter-se, e disse a meia voz:

—Senhor conselheiro, porque esta marmita não está cheia como as ou-

hoja a seguinte noticia:

RESPONSABILIDADE. — Já se acham em poder do Exm. Sr. Desembargador Procurador da Corôa todos os papéis concorrentes á questão da prota Francisca, afim de dar a competente denuncia contra o Dr. chefe de policia perante o Superior Tribunal da Relação.

Tambem foram remettidos os documentos necessarios ao promotor publico d'esta capital.

—Florina, pensai em vo's, ao não pretendes introduzir entre nós novos costumes.

Quando á mim se' tentia a dizer-vos vós a fechadura que possa convir á esta chave, e estaes salva. Depois, poderéis impiar uma graça, um so', á nossa sagrada magestade.

Immediatamente Florina poz mãos á obra; ella experimentou a chave em mais de trezentas portas.

Para este trabalho ella só tinha o rosto do dia, o sol baixava, e ainda ella não tinha encontrado fechadura para a chave do ouro.

Apobre moça tremia, como varas verdes, na sua precipitação, ella não tinha a precisa serenidade para fazer convenientemente suas experiencias. O chefe e quatro ajudantes armados de suas grandes facas, seguiam-na passo á passo, e alternadamente ditavam á tímida donzella:

—Appressai-vos, Florina, o sol baixa —o sol baixa—apressai-vos, Florina!

Ella percorreu os grandes e pequenos aposentos; subira ao madrinamento e desceira, passava de corredor

Confirmou o despacho do juiz de direito da 1.ª vara da capital que mandou pôr em liberdade os pacientes, Francisca, conhecida por Enzebia, e se filhos.

Appellação crime. — Confirmou a sentença do jury do Crato que condemnou o réo Agostino Felippe Benicio.

Appellações commes cives. — Tomou conhecimento da appellação interposta por Augusto Alexandre Castello-Branco e que isto com Francisco Pereira Marques, para julgar competente o foro de Maranguape decretar á nulidade da sentença appellada, afim do despacho —e os embargos oppositos execução para se proseguir mesma.

—Do provimento appellado interposta por Luiz Ribeiro Cunha & Sobrinhos da sentença proferida pelo juiz do commercio da capital a favor Duarte, Foutseca & C.º afim julgar estes carecedores da ação intentada.

Estudiam isto!... — Em noticiario do Ceará de hoje lê-se o seguinte periodo: «Defronte da casa do nosso amigo Liberatino Sales, g

Fonte: Jornal *Libertador*; hospedado na plataforma da Biblioteca Nacional, 2023.<sup>13</sup>

Outro tipo de documentação utilizada, foram as coletâneas já existentes de autoras específicas, como a de Júlia Lopes de Almeida em *Ânsia eterna* (2020), e de autoras variadas, como em *O conto feminino* (MAGALHÃES, 1959).

Durante a pesquisa, um meio foi utilizado para tentar encontrar novas histórias: contatar pesquisadores da área que talvez pudessem auxiliar nessa busca. De cinco contatados, apenas um respondeu e, apesar de ter achado que dificilmente seriam encontradas novas histórias, indicou um site — *Tênebra* — que tem o intuito de publicar semanalmente histórias, em domínio público, “obscuras”, por terem temáticas tenebrosas ou por não terem sido contempladas pela crítica<sup>14</sup>.

A partir dessa pesquisa, foram encontrados quatorze histórias de treze autoras diferentes, entretanto quatro narrativas não eram válidas, pois, duas não tinham a temática do fantástico, uma a autora não estava em domínio público e a outra não estava finalizada. Elas foram selecionadas inicialmente a partir de uma leitura muito rápida feita no periódico; como muitas histórias eram lidas até chegar em uma que poderia se encaixar no tema, a leitura feita não era tão detalhada, era feita de forma rápida e dinâmica para que, depois, com alguns textos já selecionados, houvesse uma nova leitura e, assim, feita outra filtragem. Das dez

<sup>13</sup> Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=229865&pesq=maravilhoso&pagfis=1285>. Acesso em: 30 jun. 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.tenebra.org/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

restantes, cinco ficaram como “talvez” por motivos diversos listados na planilha feita para os títulos encontrados<sup>15</sup> (Apêndice C).

Para o primeiro sumário preliminar, de junho de 2023, foi definido:

Quadro 2 – Sumário preliminar

Seções	Autora
Prefácio	-
<i>Emília de Freitas</i>	-
Florina	Emília de Freitas
<i>Maria Clara da Cunha Santos</i>	-
Biographia de uma penna	Maria Clara da Cunha Santos
<i>Júlia Lopes de Almeida</i>	-
A casa dos mortos	Júlia Lopes de Almeida
<i>Narciza Amália</i>	-
A porta do paraíso	Narciza Amália
<i>Guiomar Torrezão</i>	-
As duas margaridas	Guiomar Torrezão
<i>Adelina Lopes Vieira</i>	-
Poesia Adelina Vieira	Adelina Lopes Vieira
<i>Adélia Barros</i>	-
O sonho de Nina	Adélia Barros
Pela Pátria	Júlia Lopes de Almeida
As fadas da rainha Mab	Desconhecido
<i>Maria Antonietta Gama</i>	-
Na agonia	Maria Antonietta Gama

Fonte: autora, 2023.

No sumário preliminar, já foram separados os espaços para a biografia de cada autora e também já foram apontadas as narrativas indicadas como “talvez”, em cinza. Após mais algumas análises, *As duas margaridas* foi tirado da relação de histórias pela autora ser portuguesa e foram acrescentados um poema sem título da Adelina Lopes Vieira, *O sonho de Nina* de Adélia Barros, *Pela Pátria* de Júlia Lopes de Almeida e *Na Agonia* de Maria Antonietta Gama. Assim, ficaram definidas as histórias que fazem parte da antologia:

<sup>15</sup> Disponível em:

[https://docs.google.com/spreadsheets/d/1SqKpJ-qilhi\\_gpj\\_05-T3kDZleW3TXagb2OT6AOP77o/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1SqKpJ-qilhi_gpj_05-T3kDZleW3TXagb2OT6AOP77o/edit?usp=sharing). Acesso em: 6 dez. 2023.

Quadro 3 — Textos selecionados

Título	Autora
Sem título	Adelina Vieira
Florina	Emília Freitas
Biographia de uma penna	Maria Clara da Cunha Santos
O sonho de Nina	Adélia Barros
A casa dos mortos	Júlia Lopes de Almeida
Pela Pátria	Júlia Lopes de Almeida
A porta do Paraíso	Narciza Amália
Na Agonia	Maria Antonietta Gama

Fonte: autora, 2023

O caminho seguido para cada história pode ser ilustrado a partir do seguinte esquema:

Figura 6 — Esquema do processo, relacionando a fonte de pesquisa com a história encontrada



Fonte: autora, 2023.

Para que qualquer obra seja elaborada e reproduzida, é imprescindível que os direitos autorais daquela obra e do autor sejam respeitados. Neste caso, foi tomado um cuidado para que todas as obras pertencentes a coletânea fossem de domínio público, ou seja, quando os direitos patrimoniais da obra — de uso, reprodução e distribuição — fossem extinguidos e se

tornassem um bem público. Para isso acontecer, na Lei 9.610 (BRASIL, 1998), que regula os direitos autorais, as obras entram em domínio público no dia 1º de janeiro do ano seguinte aos 70 anos da morte do autor.

Durante a busca, tinha-se em mente que a data de morte das autoras da coletânea precisavam ser até 1952 para que a lei não fosse descumprida. No caso de autoria de pseudônimos ou autoria desconhecida, como é o caso de Adélia Barros — que será mais explorada na seção 5.7 —, a lei diz que o prazo de proteção aos direitos patrimoniais são contados a partir de 1 de janeiro do ano seguinte à publicação e será protegido por 70 anos após essa data.

Portanto, as datas em que cada autora/obra caiu em domínio público são:

Quadro 4 — Relação de datas de morte e de publicação com a entrada no domínio público

<b>Autora</b>	<b>Ano de morte</b>	<b>Ano da publicação (caso autora seja desconhecida)</b>	<b>Entrada no domínio público</b>
Adelina Lopes Vieira	1923	-	1994
Adélia Barros	-	1888	1959
Emília Freitas	1908	-	1979
Júlia Lopes de Almeida	1934	-	2005
Maria Antonietta Gama	1901	-	1972
Maria Clara da Cunha Santos	1911	-	1982
Narciza Amália	1924	-	1995

Fonte: autora, 2023

### 4.3. ESCOLHA DAS HISTÓRIAS

Após a seleção prévia das histórias, elas foram analisadas individualmente para trabalhar na disposição do todo, examinando o fantástico e as temáticas desenvolvidas.

#### 4.3.1. Poema de Adelina Lopes Vieira

O poema de Adelina Lopes Vieira foi escolhido ao acaso e um dos mais trabalhosos. No início da busca pelos textos na Biblioteca Nacional, pesquisei o nome de algumas autoras que sabidamente tinham se relacionado com o insólito de alguma forma e, com um livro de contos infantis escrito junto com a sua irmã, Adelina se encaixava nessa lista. O primeiro

resultado da pesquisa é o manuscrito do poema (Apêndice D) que, inicialmente, foi muito difícil de decifrar, pois seria necessário realizar a paleografia<sup>16</sup> do texto, mas já era possível ver um potencial. Tal potencial não era especificamente sobre o fantástico, mas, sim, sobre a autoria feminina, de como era difícil, mas, ao mesmo tempo, havia uma esperança de que essas mulheres chegassem à glória.

Ciente de que o texto não era exatamente fantástico, mas ainda assim vendo ele como uma ótima abertura para o livro, ele foi colocado como a epígrafe da obra, como forma de introduzir a glória dessas autoras. Assim, foi escolhido o primeiro texto de *Depois da Bruma*.

#### 4.3.2. ***Florina de Emília Freitas***

*Florina*, inicialmente assinado apenas com reticências (...), foi atribuído por Alcilene Cavalcante (2003) a Emília Freitas. O texto foi publicado originalmente no periódico *Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora* (CE), na edição 171 e 172, no ano 3, em 1883 (Apêndice E). Uma das fontes possíveis para este texto é uma publicação no Medium de Sérgio Barcellos Ximenes (2020). Por ser uma autora que agora começa a receber seu reconhecimento como autora do primeiro livro de fantasia no Brasil — *A rainha do Ignoto* —, já esperava e desejava que um dos seus textos estivesse presente na coletânea pela sua importância para a temática.

O texto em si assemelha-se a um conto de fadas, com um universo mágico, com criaturas mágicas, um reino com seu príncipe amaldiçoado que precisa de salvação, um ser malvado que coloca a personagem em perigo e um desafio proposto, além da tomada de decisão moralmente correta feita pela personagem. Com todos esses elementos novos, que fogem à lei natural, e a hesitação muito rápida da personagem considerada quase nula, podemos enquadrar esse texto como *maravilhoso* a partir da definição de Todorov (2007).

#### 4.3.3. ***Biografia de uma pena de Maria Clara da Cunha Santos***

*Biografia de uma pena* de Maria Clara da Cunha Santos foi encontrado durante pesquisa realizada na revista *O álbum* (RJ), cuja direção era feita por Arthur Azevedo e tinha o objetivo de publicar crônicas teatrais e de esporte, contos, romances, fantasias e versos (AZEVEDO, 1893, p. 1). Cada número trazia, também, um retrato de uma pessoa notável, entretanto, entre os 55 números publicados, apenas 3 eram mulheres (COSTA, M., c2023d). O texto está presente na edição de número 36, do ano 1, de 1893 (Apêndice F).

---

<sup>16</sup> O estudo dos textos manuscritos antigos.

A narrativa consiste na história de uma pena contada por ela mesma, assim, vemos a personificação de um objeto que, nas leis naturais, deveria ser inanimado, e a pessoa que o escuta não apresenta nenhuma hesitação, configurando o conto como *maravilhoso* a partir da definição de Todorov (2007).

#### 4.3.4. *A casa dos mortos de Júlia Lopes de Almeida*

*A casa dos mortos* de Júlia Lopes de Almeida foi encontrado em uma coletânea da própria autora — *Ânsia Eterna* (2020) —, que foi, inicialmente, publicada em 1903 e reeditada pelo Senado Federal em 2020 pela *Coleção Escritoras do Brasil, Volume II*, que tem o objetivo de divulgar as obras de autoras que tiveram pouco ou nenhum reconhecimento pelo cânone literário, de acordo com o site da Livraria do Senado Federal (BRASIL, [s.d]).

A história é sobre uma filha que sente muita saudade de sua mãe e vai até o mundo dos mortos para vê-la. Nesse meio tempo, a filha conhece a Morte, que a incentiva a voltar para a terra dos vivos e, após conversar com sua mãe, vê o amor perdurando até a morte com dois caixões de um casal que permaneceu junto. Quando vai embora do mundo dos mortos, ela acorda. O sobrenatural nesse contexto é justificado pelo sonho, ou seja, algo conhecido e aceito pelas leis naturais justifica o sobrenatural, logo esse texto pode ser classificado como *estranho*.

#### 4.3.5. *Pela Pátria de Júlia Lopes de Almeida*

*Pela Pátria* de Júlia Lopes de Almeida também foi encontrada na coletânea *Ânsia Eterna* (2020) e conta a história de uma mãe que aguarda ansiosamente os dois filhos, que estão na guerra. Um dia, um de seus filhos vem até sua casa fugido e, angustiado, acaba contando que seu irmão morreu e pelas suas próprias mãos. Ao saber disso, a mãe o amaldiçoa e o chama de Caim. Depois de um tempo, ao se arrepender das palavras ditas ao filho, a mãe descobre que este também morreu e ela sai às ruas e, quando está perambulando, vê a imagem de ambos os filhos gritando “Pela Pátria!”.

O fantástico nessa história é muito sutil, presente de uma forma muito pontual e no final do conto e talvez de uma forma questionável. Este é o momento em que ela vê ambos os filhos mortos no meio da estrada gritando “Pela Pátria”, ao que ela responde “A pátria sou eu”. Facilmente, essa cena poderia ser justificada por uma alucinação acometida pelo choque, mas a visão da morte e dos mortos é algo muito comum dentro da literatura fantástica e, nesse caso, por sua justificativa, poderia ser classificado como *estranho*.

#### 4.3.6. *A porta do Paraíso de Narciza Amália*

*A porta do Paraíso* de Narciza Amália foi encontrado no periódico *Echo das Damas* (RJ), cuja proprietária é uma mulher, Amélia Carolina da Silva & Comp e possuía um caráter feminista. Era “uma publicação com forte atuação feminina no oitocentos, em busca de visibilidade e reivindicando, através da imprensa, direitos básicos, além de promover o potencial feminino, seja no âmbito profissional ou privado, e a emancipação intelectual da mulher” (COSTA, M. c2023c). O texto está presente na edição 51 do ano 3, em 1888 (Apêndice G).

A história é um relato de Florinda de quando viu a porta do Paraíso abrir, mas, quando chamou sua mãe, suas irmãs e seu pai, os anjos sumiram e seu pai, com raiva, deu nela uma surra. Florinda fica maravilhada com a abertura do céu e a presença de anjos e hesita quanto a sua realidade, por isso, se enquadra no *estranho*.

#### 4.3.7. *O sonho de Nina de Adélia Barros*

*O sonho de Nina* de Adélia Barros foi encontrado inicialmente, assim como *A porta do Paraíso*, no *Echo das Damas* (RJ), mas na edição de número 11, do ano 3, em 1888 (Apêndice H). O jornal digitalizado tinha avarias que dificultavam a leitura do texto, mas pôde ser conferido posteriormente pela publicação do mesmo texto em *A Pacotilha* (MA) (Apêndice I), na edição de número 49 do ano 8, em 1888, que foi encontrado ao acaso quando procurava informações sobre a autora no campo de busca da hemeroteca da Biblioteca Nacional, que será mais explorado na seção 5.7.

A história conta o sonho de Nina, que caminhava, triste, em um campo de flores, e, quando ia colher uma delas, a flor se transformou em um anjo que se denominou como Saudade. Quando acorda, Nina elogia a sua beleza, mas afirma que ele é bem cruel. Pelo sobrenatural também ser justificado pelo sonho, o texto se enquadra no *estranho*.

#### 4.3.8. *Na agonia de Maria Antonietta Gama*

*Na agonia* de Maria Antonietta Gama foi encontrado em *A Perola: revista humorística e litteraria, dedicada ao Bello Sexo* da cidade de Oliveira em Minas Gerais, dirigido por Acrísio Ribeiro (COSTA, M. c2023b). O texto localiza-se na edição de número 18, do ano 1, em 1895 (Apêndice J).

A história é sobre uma senhora à beira da morte, que começa a ouvir uma música que acredita ser do Paraíso após seus filhos, que estão ao redor, dizerem não ouvir nada. No final,

ela morre e descobrimos que o som vinha de uma praça em que um circo equestre se apresentava, logo, a justificativa lógica também a enquadra como *estranho*.

#### 4.4. TRANSCRIÇÃO DIGITAL

Com as histórias definidas, inicia-se o processo de tratamento do texto que, neste caso, começa com a transcrição digital das obras. Quatro dos sete textos selecionados foram retirados da digitalização de periódicos na Biblioteca Nacional; um foi originado de um manuscrito encontrado também na Biblioteca Nacional; e dois foram encontrados em uma coletânea publicada pelo Senado Federal. Os textos encontrados nos periódicos e em manuscrito precisaram de maior cuidado para serem transcritos, visto que eram textos em imagem não-editável e pouco legíveis, por seus caracteres não serem tão claros ou reconhecíveis.

Para a transcrição digital dos textos, foram necessários alguns softwares: CamScanner, Google Lens e Adobe Acrobat. Como a maioria das histórias estava em texto em imagem não-editável, era necessário que fossem transformadas em texto digital editável para prosseguir para as próximas etapas do processo; para isso, ferramentas de reconhecimento óptico de caracteres — Optical Character Recognition (OCR) — foram utilizadas para agilizar e auxiliar o processo para não depender apenas da transcrição direta e manual do conteúdo.

Em um primeiro momento, o Adobe Acrobat foi a primeira ferramenta para a digitalização, entretanto, o seu funcionamento não era muito bom, e os caracteres divergiam muito do que estava escrito. Então, o segundo passo foi utilizar o CamScanner, um aplicativo para celular que teve um desempenho melhor, mas ainda com algumas divergências; a ferramenta que tinha o melhor desempenho no aplicativo, infelizmente, era paga, em que o texto podia ser convertido para um documento no Word, mas, como o aplicativo permitia ver o texto final transcrito, foi possível usufruí-lo ao tirar *prints* da tela. Com o texto *printado*, os caracteres foram extraídos a partir da ferramenta Lens do Google Fotos, em que é possível copiar o texto que se encontra na imagem. Assim, com a obra transcrita pelos aplicativos, era necessário que o texto fosse comparado e ajustado, visto que ainda muitos erros eram cometidos pelos softwares de reconhecimento.

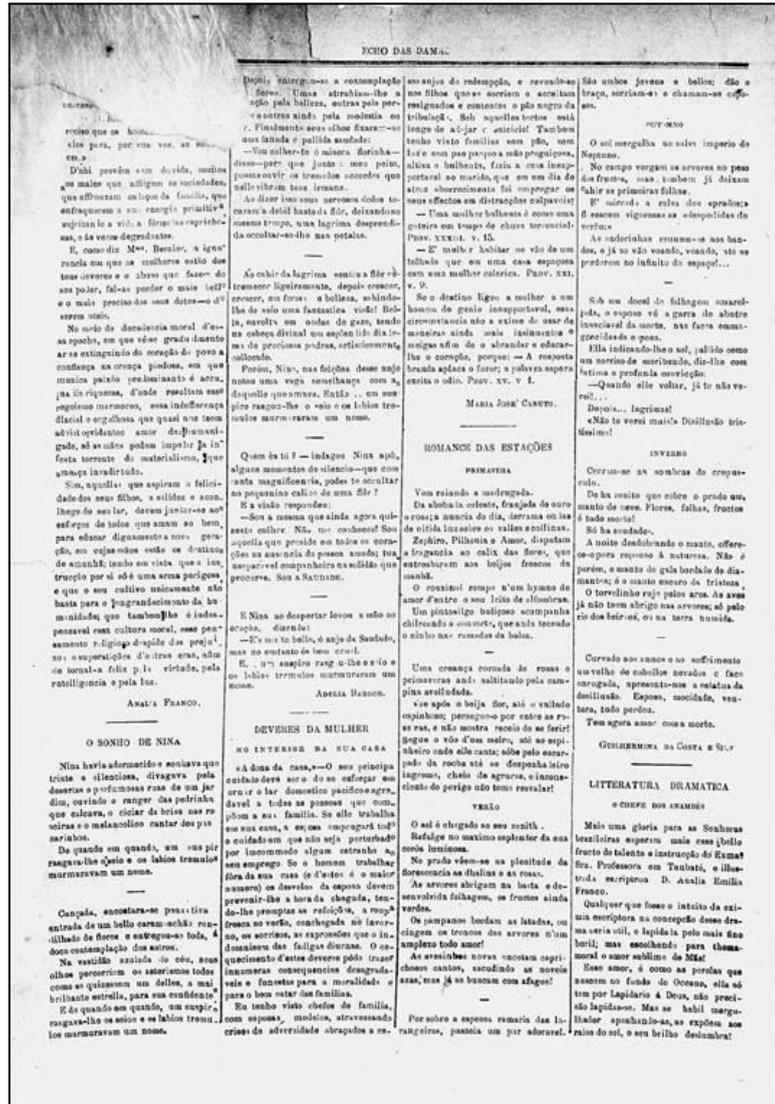
Figura 7 — Comparação entre texto original e a conversão do aplicativo de *A porta do Paraíso* de Narciza Amália



Fonte: autora, 2023.

Após a transcrição inicial, foi feita uma conferência dos textos, avaliando o original com o documento digital. Foram necessários alguns cotejos para cada texto, visto que, no primeiro, foi feita a conferência mais bruta do documento, conferindo parágrafos e grafias que ainda divergiam muito. Em seguida, foram analisadas individualmente as palavras de difícil compreensão devido a condição dos periódicos e das suas digitalizações. *O sonho de Nina* estava com a imagem em uma qualidade baixa e a edição com partes manchadas e rasgos que pegavam parte da história. Foi um dos casos em que a transcrição precisou de uma atenção maior.

Figura 8 — Imagem da página em que foi retirado o texto de *O sonho de Nina*

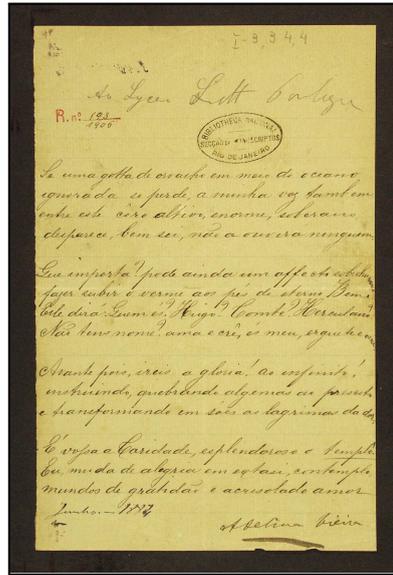


Fonte: *Echo das Damas*, edição 11, 1888 retirado da hemeroteca da Biblioteca Nacional, 2023.

Felizmente, nos últimos cotejos feitos, foi encontrado a publicação da mesma história em um periódico diferente, *A Pacotilha* (MA), com a qualidade muito melhor; assim, foi possível comparar os textos.

Outra dificuldade encontrada foi o manuscrito de Adelina Lopes Vieira (Figura 9) (Apêndice D) que, por ser um texto escrito à mão, foi necessário fazer uma análise da letra da autora para confirmar algumas das palavras. Seria necessário uma análise paleográfica, mas na falta de acesso a um profissional da área, ela foi feita por mim com a ajuda de alguns dos preparadores que ficaram responsáveis por esse texto. Muitas leituras foram feitas para desvendar a letra de Adelina, e, mesmo assim, ainda causam dúvidas.

Figura 9 — Manuscrito de Adelina Lopes Vieira



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

#### 4.5. PREPARAÇÃO E REVISÃO DOS ORIGINAIS

Para a etapa de preparação e revisão textual, recomenda-se que a leitura seja feita por um terceiro para que não escapem erros que podem acontecer pelo contato constante e pelas incontáveis leituras de forma exaustiva (ARAÚJO, 2008, p. 127). Neste caso, o processo contou com o auxílio de sete graduandos e um egresso do curso de Produção Editorial.

Os profissionais foram chamados a partir de uma mensagem enviada pela Secretaria Integrada no grupo de WhatsApp do curso e do contato direto com alguns participantes. Para que o livro mantivesse um padrão, foi elaborado um Manual de Estilo (Apêndice K) — utilizando como referência *A construção do livro* (2008) do Emanuel Araújo — que foi enviado no dia 16 de setembro de 2023 para o e-mail de todos os participantes junto com uma apresentação simples do projeto para situá-los. Na semana seguinte, foi feita uma reunião pelo Google Meet, no dia 18 de setembro, para exemplificar alguns possíveis casos, combinar datas e tirar dúvidas. Foi combinado que cada texto passaria por duas pessoas além de mim, em momentos diferentes. Após a reunião, foi criado um grupo no WhatsApp e a primeira leva dos textos foi enviada para cada participante. O tempo total de preparação e revisão foi de quatro semanas — do dia 19 de setembro a 15 de outubro de 2023.

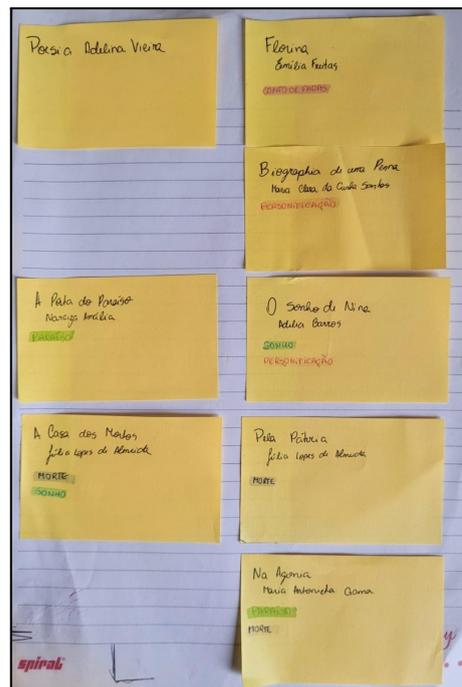
Com o retorno de todos os textos, a análise de cada alteração e a diagramação do livro, foram impressas três provas na Imprensa Universitária da UFSM para que o livro pudesse passar pela revisão, que foi feita por três pessoas.

#### 4.6. ESCOLHA DA ORDEM

A ordem dos textos foi feita pensando em uma lógica fantástica e a partir de elementos que se conectassem. Ao categorizar as histórias como *maravilhosas* e *estranhas*, notei que havia uma progressão — de um fantástico claro e já conhecido até um fantástico mais dúbio, dependendo dos detalhes e da interpretação. Além disso, é possível ver algumas ligações entre cada texto, que também foi um dos critérios para definir a ordem, pensando em uma ligação de temas e/ou ambientação.

Para chegar a essa conclusão, elenquei todas as histórias, fiz uma lista de palavras-chave relacionadas ao texto — que eram “conto de fadas”, “personificação”, “sonho”, “paraíso” e “morte” — e classifiquei cada uma. Com o intuito de ver todas as possibilidades, escrevi os títulos, junto com as suas palavras-chave, em um post-it com esquemas de cores e fui testando as possibilidades até chegar no seguinte esquema:

Figura 10 — Foto do papel para definir a ordem das histórias



Fonte: autora, 2023.

O livro começa com um prefácio que contextualiza o período histórico, a temática da coletânea e o projeto em si de forma a introduzir o livro. O primeiro texto ficcional é *Florina* e foi escolhido principalmente pela categorização *maravilhosa*, que é exclusiva na coletânea, e por ter uma ambientação fantástica mais conhecida e esperada. Outro detalhe importante é a

sua autora, Emília Freitas, que é considerada a primeira autora de literatura fantástica no Brasil, logo, é muito significativo seu texto ser o que inicia as histórias.

A ambientação semelhante a de contos de fadas, com criaturas mágicas, pode se relacionar à personificação presente no segundo texto, *Biografia de uma pena*, em que a pena conta sua história, à beira-mar, de quando sai de Portugal até o momento em que é descartada nas ruas do Rio de Janeiro.

A terceira narrativa é *A porta do Paraíso* que também traz essa característica de relato, em que Florinda conta como um dia viu as portas do céu se abrirem e o Paraíso e seus anjos aparecerem. *O sonho de Nina* segue com a presença de um anjo e de forma um pouco mais melancólica, em que a saudade é um elemento e sentimento central.

Cada vez mais melancólico, seguimos com *A casa dos mortos*, com a saudade sendo o que move a narrativa, com a visita de uma filha à mãe no Mundo Inferior, em que vemos a união familiar e o amor persistindo após a morte; a narrativa se encerra quando ela acorda, que faz com que o fantástico seja justificado por um sonho, assim como em *O sonho de Nina* que a precede. Na história seguinte, *Pela Pátria*, também vemos a família como tema central: o amor incondicional de uma mãe e a angústia em ter seus dois filhos em uma guerra, que culminam em suas mortes — neste momento, a mãe tem uma alucinação com seus filhos que pode ser facilmente justificada pelo trauma sofrido.

A última história, *Na agonia*, também trata da morte, mas de uma forma mais irônica, em que vemos uma senhora à beira da morte, que parece não lamentar o fim de sua vida, junto a seus familiares e, em seus últimos momentos, ela ouve uma orquestra a tocar, que parece ser do Paraíso por ninguém, além dela, a escutar. Entretanto, no final, descobrimos que a orquestra, na verdade, era um circo e não o Paraíso, que deixa o fantástico mais dúbio.

Assim, com o fim da vida, a coletânea chega ao fim.

#### 4.7. PESQUISA BIOGRÁFICA

Como complemento às histórias e de forma a valorizar as autoras, foi planejada a escrita de biografias e, para isso, foi necessário pesquisar a vida das sete autoras presentes em *Depois da Bruma*.

A pesquisa biográfica foi feita por três referências principais: o livro *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia* (MUZART, 2000), sua sequência *Escritoras brasileiras do século XIX: vol. II* (MUZART, 2004) e as biografias presentes no site da Biblioteca

Nacional, no índice de personagens do dossiê *Periódicos & Literatura*<sup>17</sup>. Além dessas fontes, foi feita uma pesquisa, no Google Acadêmico, pelo nome das autoras; em alguns casos, foi necessário ir à fonte primária: os jornais.

As biografias presentes nos livros organizados por Zahindé Muzart (2000, 2004) são: Adelina Lopes Vieira, Emília Freitas, Júlia Lopes de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos e Narciza Amália. Na Biblioteca Nacional, são encontradas as seguintes biografias: Adelina Lopes Vieira, Júlia Lopes de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos.

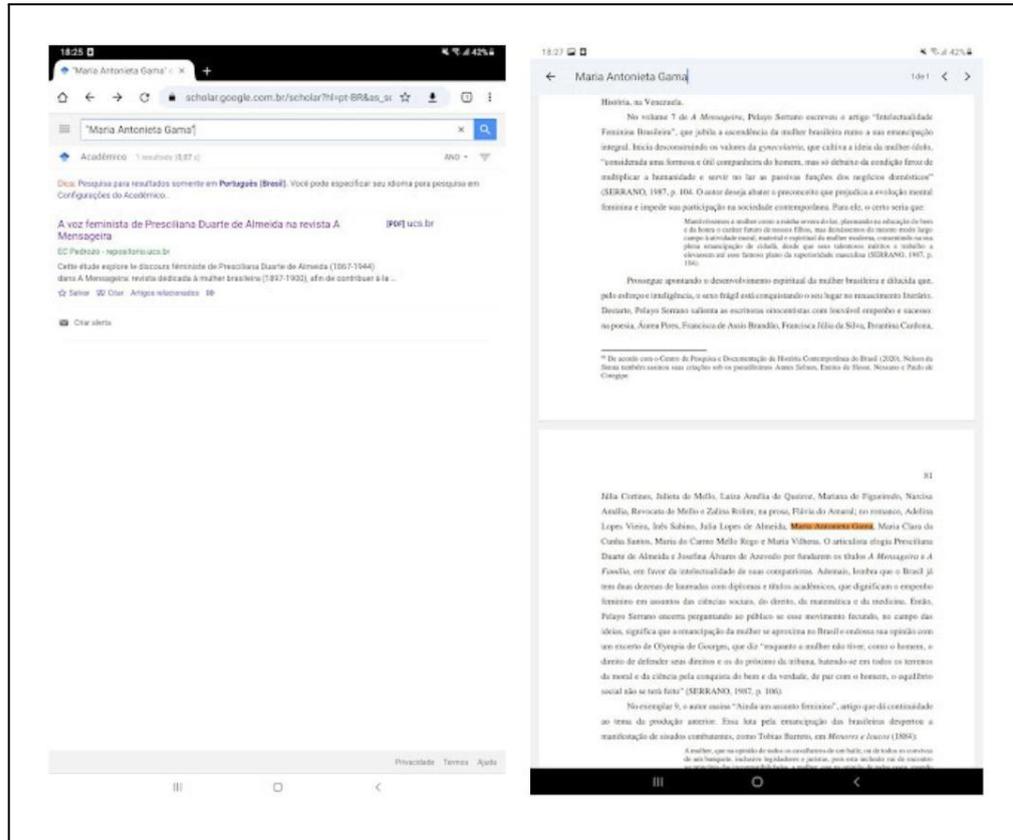
Para as autoras Adélia Barros e Maria Antonietta Gama, não foram encontradas pesquisas historiográficas sobre a sua pessoa nas referências bases e nem em busca pelo Google Acadêmico — a única referência a Maria Antonietta está em um lista de colaboradores de *A mensageira* na dissertação de Elisa Capelari Pedrozo (2020, p. 11) (Figura 11). Foi utilizada, então, a ferramenta de busca da hemeroteca da Biblioteca Nacional, que faz a pesquisa de todas as ocorrências daquela palavra nos jornais de seu acervo.

---

<sup>17</sup> Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/indice-dos-personagens/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

Figura 11 — *Print* da pesquisa em que o nome de Maria Antonietta Gama aparece apenas em um documento no Google Acadêmico



Fonte: autora, 2023.

A pesquisa de Maria Antonietta foi feita pela hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Ao fazer a busca por “Maria Antonietta Gama”, foram definidos alguns dos períodos em que ela possivelmente esteve presente na mídia impressa, e assim, foi analisada a ocorrência do nome. Foi encontrado os seguintes dados:

Quadro 5 - Pesquisa pela palavra-chave “Maria Antonietta Gama”

Palavra-chave: “Maria Antonietta Gama”		
Período	Número de periódicos	Ocorrência
1880-1889	0	0
1890-1899	6	24
1900-1909	4	5

Fonte: autora, 2023

É importante ressaltar que esses números não se referem a todas as menções de seu nome, visto que a busca é feita em texto em imagem não-editável, dependendo da qualidade

da imagem e do OCR, ou seja, não é tão precisa como já vimos em outras etapas do projeto. Nesse caso, fica claro a sua limitação quando, na pesquisa entre 1890-1899, não aparece o texto retirado para a antologia — *Na agonia* — publicado em 1895.

No caso de Adélia Barros, também foi necessária a busca por meio da hemeroteca, mas, por seu nome ser muito comum, muitas Adélias Barros apareceram. As suas referências como poetisa e escritora estão na lista de colaboradora de alguns jornais e, na edição 24 de 1889 de *A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe e família* (RJ), Adélia Barros é referenciada como uma poetisa residente da capital de São Paulo. Foi durante essa busca que foi encontrada a publicação de *O sonho de Nina* em *A Pacotilha* (MA).

Quadro 6 — Pesquisa pela palavra-chave “adelia barros”

Palavra-chave: “adelia barros”		
Período	Número de periódicos	Ocorrência
1880-1889	5	32
1890-1899	13	33
1900-1909	14	25

Fonte: autora, 2023.

Assim, com a leitura de cada um dos textos de cada uma das autoras, foram elencados alguns tópicos que pudessem ser interessantes para a biografia e, após a definição dos tópicos, as informações foram organizadas, selecionadas e colocadas em formato de texto corrido para compor o livro.

Os textos consultados estão elencados nas referências bibliográficas do produto.

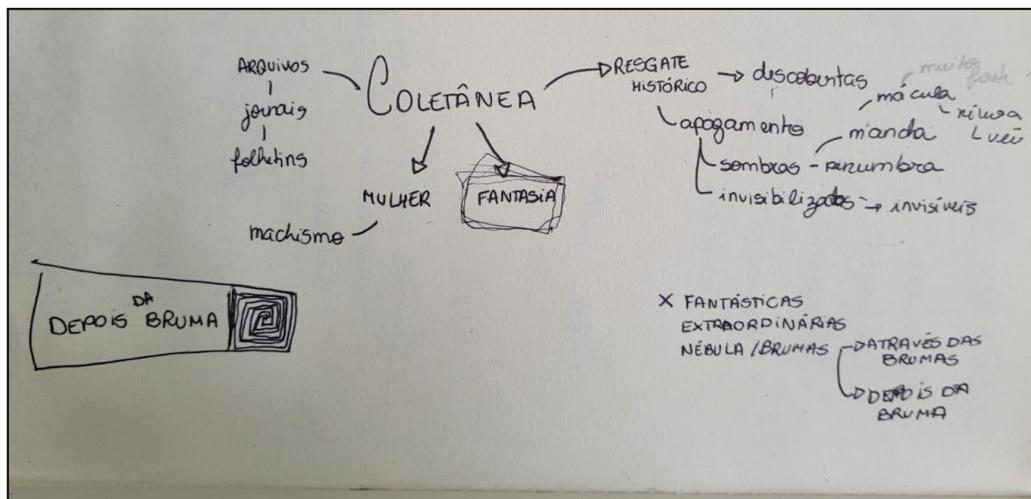
## 6. O LIVRO

O livro, como objeto, foi concebido a partir da definição do título; da definição dos elementos estruturais; e do projeto gráfico com definições de tipografia, ilustrações, capa e mancha gráfica.

### 6.1. TÍTULO

A definição do título foi pensada para que refletisse a produção como um todo. Para isso, foi elaborado uma nuvem de palavras com um encadeamento de palavras-chave que vinham à mente sobre a coletânea.

Figura 12 — Nuvem de palavras elaboradas para a definição do título do livro



Fonte: autora, 2023.

O título *Depois da bruma* surgiu em uma sequência de palavras decorrentes do apagamento, pensando, inicialmente, em uma névoa em que a autora foi coberta. O termo “bruma” é um dos sinônimos de “névoa”, mas, além disso, de forma figurativa, o dicionário Houaiss apresenta três significados: o que impede de ver ou de compreender com clareza; o que é pouco claro, pouco nítido, incerto, vago; e coisa antiga, meio esquecida, esfumada no tempo (BRUMA, 2023).

O último significado foi aquele que mais chamou a atenção e que foi de encontro com a proposta do livro, além do termo “bruma” fazer uma referência ao fantástico em que, normalmente, muitos elementos mágicos são escondidos pela névoa. A utilização do “depois” foi feita com o intuito de representar a publicação em si que tem o intuito de tirar essas

autoras e histórias do apagamento, logo elas atravessam a névoa, deixando-a para trás, e chegam à luz.

## 6.2. ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS, TEXTUAIS E PÓS-TEXTUAIS

A estrutura foi definida a partir dos elementos comumente encontrados nos livros segundo Müller (2018). Nos elementos pré-textuais encontramos: falsa folha de rosto, em que contém apenas o título do livro com o verso em branco, neste caso foi utilizado o lampião como elemento representativo do livro; folha de rosto, semelhante a falsa folha de rosto, mas com informações sobre a obra; epígrafe, que é o poema de Adelina Lopes Vieira; sumário com a indicação das páginas das biografias e das histórias; e prefácio.

Nos elementos textuais, encontramos o corpo do texto, ou seja, o conteúdo em si; e o fôlio, que são os elementos como paginação, cabeçalho e rodapé. No caso deste livro, no fôlio, encontramos o título da obra que se lê e a sua autora com o intuito de dar visibilidade ao seu nome; e, nas biografias, não há fôlio para dar um respiro com a ilustração e para diferenciá-las das histórias.

Nos elementos pós-textuais, encontramos o colofão com as informações sobre a tipografia e a impressão feita; os agradecimentos; e a bibliografia utilizada para o livro.

## 6.3. PROJETO GRÁFICO

Com o objetivo de criar uma unidade coesa entre conteúdo e projeto gráfico, foi feita uma análise de todas as histórias e autoras presentes na coletânea. Notei que todos os elementos possuíam uma ligação muito forte com os jornais, visto que os periódicos tiveram um papel importante para as autoras — todas publicaram em jornais — e para as suas publicações selecionadas, em que a maioria é oriunda de periódicos. O conceito definido, portanto, está centralizado nesta mídia impressa.

Os componentes inseridos para se enquadrar ao conceito foram: os títulos dos textos em fonte semelhante a dos periódicos, as linhas separando as informações, as ilustrações das autoras que seguem um estilo visto nos jornais e a capa que também segue o estilo de uma página de jornal.

Para o formato e materiais escolhidos, levou-se em conta o tamanho do livro que seria pequeno, o objetivo de não encarecer o produto e a disponibilidade de material das gráficas. Segundo Tschichold (2007, p. 64), para que possamos manusear um livro pequeno com facilidade, ele deve ser estreito como na proporção 3:5, por isso, o formato inicialmente

escolhido foi de 10,5 cm X 17,5 cm — mesma proporção encontrada nos livros de bolso. Entretanto, ao entrar em contato com a gráfica de impressão sob medida (que será mais explorada na seção 7), foi necessário utilizar o formato 11 cm X 17,5 cm devido à disponibilidade. Os papéis escolhidos também dependeram do estoque da gráfica: para o miolo, é um pólen 80 g/m<sup>2</sup>; e para a capa, papel supremo 250 g/m<sup>2</sup>.

### 6.3.1. Tipografia

A tipografia foi escolhida em concordância ao conceito estabelecido e ao conforto na leitura. As famílias tipográficas escolhidas foram: Imbue para os títulos das obras e IvyJournal para o corpo do texto e nome das autoras nas biografias.

Para o corpo do impresso foram procurados tipos serifados, para facilitar a leitura no impresso, com transições do grosso-fino moderadas, com serifa inclinada nas letras em caixa-baixa e com ênfase na diagonal, ou seja, no estilo antigo. Com isso em mente, no Adobe Fonts foi encontrado a IvyJournal, (Figura 13) que também possui uma grande variedade de pesos. Segundo Joaquim Fonseca (2008, p. 128), as fontes de estilo antigo são boas para corpos de textos e segmentos longos de textos, pois, devido ao seu contraste moderado, são consideradas as letras mais fáceis de serem lidas.

Figura 13 — IvyJournal



Fonte: autora, 2023.

A família tipográfica dos títulos foi escolhida focando no conceito da publicação: a semelhança a um periódico do século XIX/ XX, mais especificamente, como era escrito a palavra “folhetim”. Para isso, procurei tipos com serifa horizontais e grossas, com pouca transição do grosso-fino e ênfase na vertical como no exemplo (Figura 15). A Imbue foi encontrada no Google Fonts e sua categoria tipográfica se enquadra no estilo egípcio.

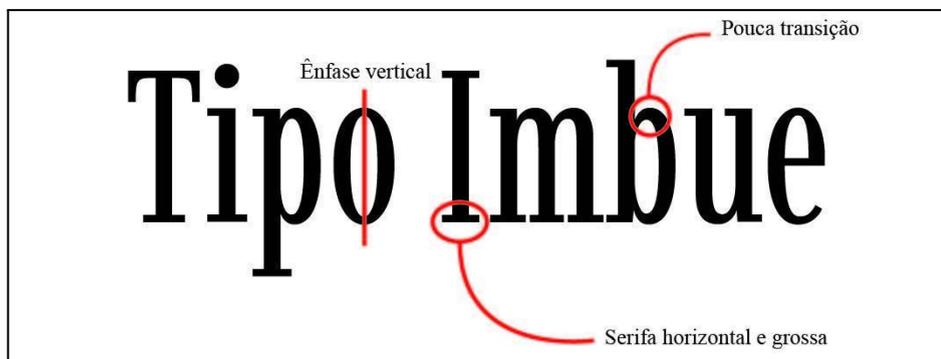
Segundo Joaquim Fonseca (2008, p. 130), as fontes de estilo egípcio são boas para títulos, como foi usado neste caso.

Figura 14 — Imagem de referência para a escolha da família tipográfica dos títulos



Fonte: *Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora* (CE), ano 3, n.171, 1883, p. 9.

Figura 15 — Imbue



Fonte: autora, 2023.

A hierarquia utilizada segue as relações concordantes nas seções das autoras, dos agradecimentos e das referências bibliográficas, ou seja, utilizando a mesma fonte, mas explorando as suas variações como tamanho e peso; e também há a relação contrastante com a combinação de fontes de estilos — estilo antigo e egípcio — para a abertura dos capítulos.

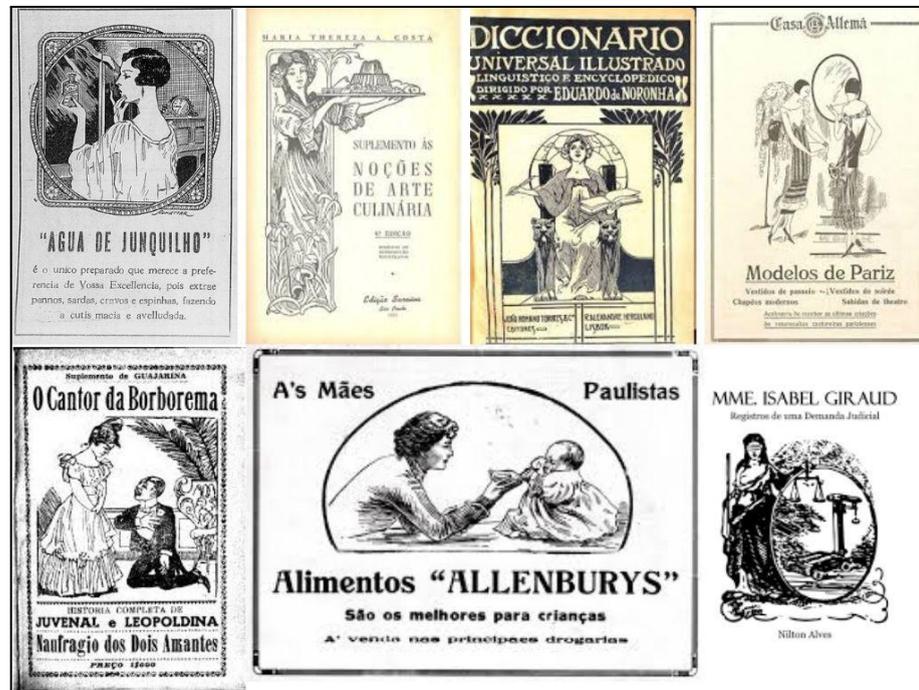
### 6.3.2. Ilustrações

Com o intuito de também dar destaque para as autoras, queria que cada uma tivesse um espaço para si, que representasse a sua pessoa junto com um elemento de sua história, que também faz parte de quem ela é. Por isso, busquei por seus retratos para colocar junto com suas biografias, entretanto, foram encontradas, no acervo digital da Biblioteca Nacional, apenas a ilustração de quatro das sete autoras. Duas das que faltavam — Adélia Barros e Maria Antonietta — não se sabe muito bem quem são; e a outra, Júlia Lopes de Almeida, tem registros fotográficos, mas ficaria muito destoante do restante. Então, foram feitas novas ilustrações para todas as autoras para que se mantivesse um padrão e ficasse harmônico.

Para a escolha do traço dos retratos, foi feito um *moodboard* para definir um estilo de desenho que mantivesse o conceito dos periódicos (Figura 16). A partir desses referenciais,

notei que os traços utilizados eram firmes e contínuos, mas havia também as falhas de impressão com respingo de tinta. A imagem principal de referência foi a Figura 17.

Figura 16 — Moodboard para as ilustrações



Fonte: autora, 2023.

Figura 17 — Imagem de referência para a ilustração das autoras



Fonte: Pinterest, 2023.<sup>18</sup>

Para cada autora, foi definido um elemento que representasse algo retratado na sua história para compor a ilustração:

<sup>18</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/40110252914175531/>. Acesso em 11 dez. 2023.

Quadro 7 — Relação entre autora e elementos ilustrados

<b>Autora</b>	<b>Elemento</b>	<b>História</b>
Adelina Lopes Vieira	Ondas	Referente ao oceano citado em seu poema
Adélia Barros	Flor Saudade	Flor que se transforma em um anjo
Emília Freitas	Flores e plantas	A mata que ela adentrou para descobrir o novo reino
Júlia Lopes de Almeida	Árvore genealógica	Relação familiar presente em ambas as histórias e por seu apreço pela família
Maria Antonietta Gama	Instrumentos musicais	Referente a orquestra que toca para a senhora prestes a morrer que, na verdade, é o circo
Maria Clara da Cunha Santos	Pena	A pena que conta a história
Narciza Amália	Nuvens	Representando as nuvens que se abrem para o Paraíso

Fonte: autora, 2023.

Como foi comentado anteriormente, duas autoras não se sabe ao certo quem foram e não foi encontrado nenhum retrato que as representassem. Não gostaria de criar uma imagem de ambas que não fosse condizente com a realidade, por isso, as retratei de costas de forma simbólica por não sabermos muito bem as suas identidades. Adélia Barros, que não foi encontrado muita pouca informação, está totalmente virada de costas; já Maria Antonietta, por termos algumas informações a mais sobre ela — que ainda são bem poucas — a desenhei de costas, mas com seu rosto de lado, simbolizando que ela foi uma pessoa conhecida, mas que, no momento, ainda está perdida.

O processo seguiu as seguintes etapas: para o esboço, foi utilizado o papel e um tablet que, depois, foram passados a limpo e finalizado no Adobe Illustrator.

Quadro 8 — Relação referência e ilustração final

Adelina Lopes Vieira		Emília Freitas	
			
Júlia Lopes de Almeida		Maria Clara da Cunha Santos	
			
Narciza Amália		Adélia Barros	Maria Antonietta
			

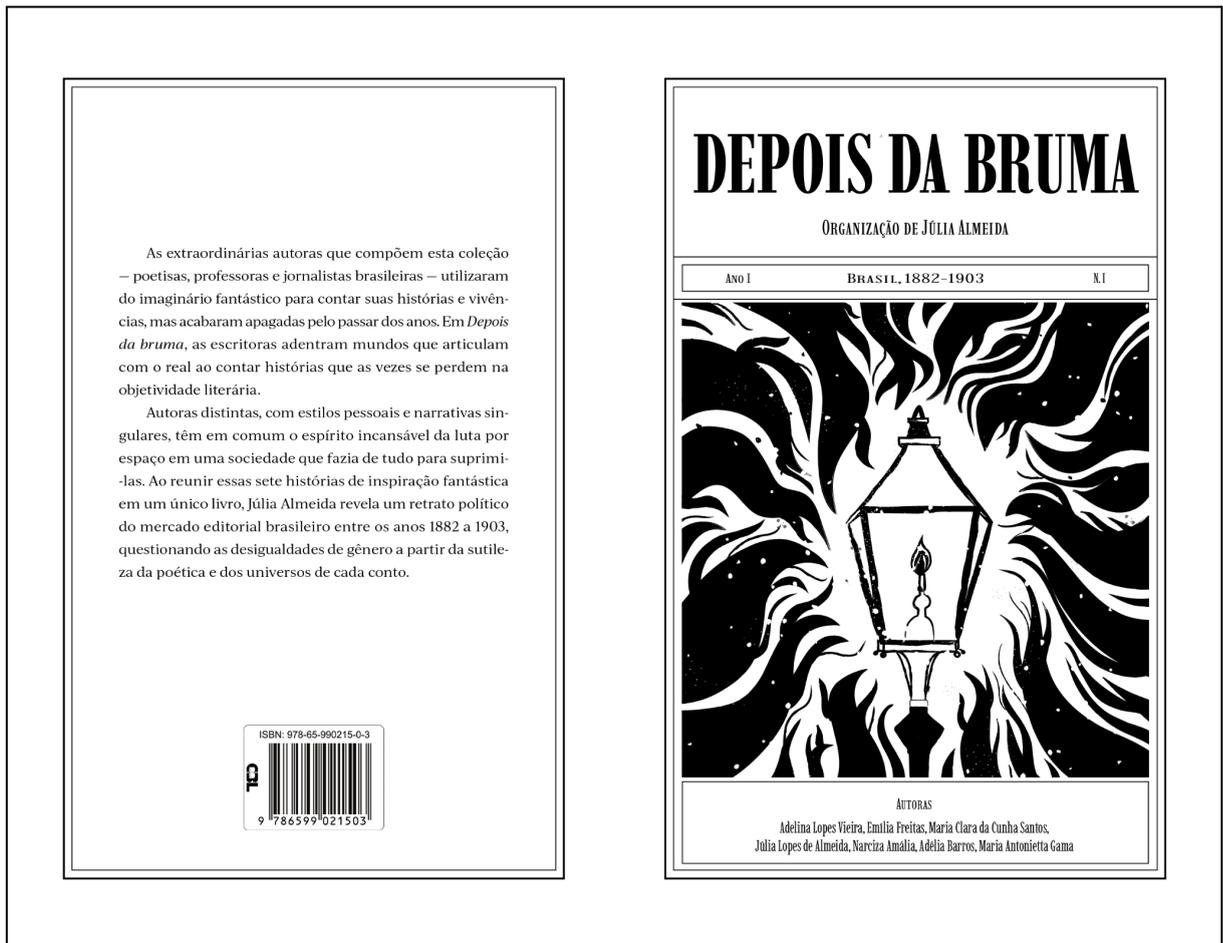
Fonte: autora, 2023.

### 6.3.3. Capa

Continuando o conceito, a capa foi pensada para que representasse a primeira página de um periódico com o título, local, ano, edição e quem faz parte do jornal (as autoras). Inicialmente, a capa seria preenchida por um texto dividido em colunas assim como um

periódico, mas, por conter muita informação e ficar poluído, optei por preencher esse espaço com uma ilustração. Pensando no sentido do título, retratei a saída das sombras das autoras por meio de um lampião que ilumina a escuridão. Este elemento foi utilizado também na falsa folha de rosto, folha de rosto e marca-página.

Figura 18 — Imagem da primeira e quarta capa



Fonte: autora, 2023.

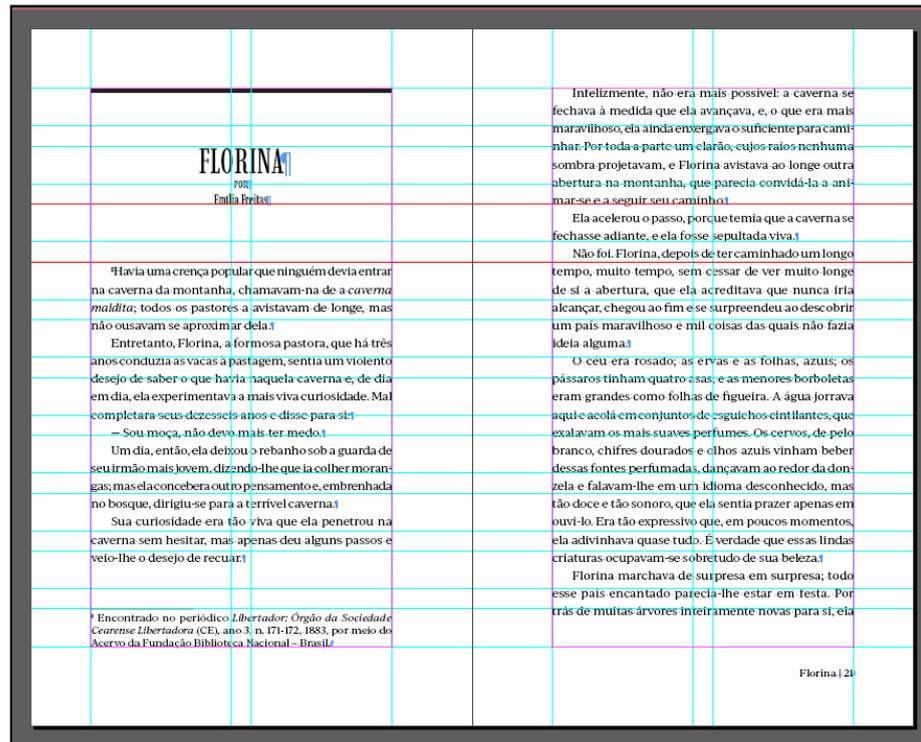
#### 6.3.4. Mancha gráfica

A mancha gráfica consiste na delimitação de uma página, espaço em que os elementos textuais e gráficos serão dispostos. O formato deste livro é retangular — 11 cm X 17,5 cm —, possui uma mancha simétrica de forma a fazer com que as páginas se espelhem e mantenham uma simetria e harmonia. O livro (Apêndice L) possui uma margem superior de 1,5 cm; margem inferior de 2 cm; margem interna de 2 cm; e margem externa de 1,5 cm.

O grid — linhas guias que dividem a página para a distribuição dos elementos —, segundo Haslam (2007, p. 42), “oferece um mecanismo pelo qual essas relações [entre os

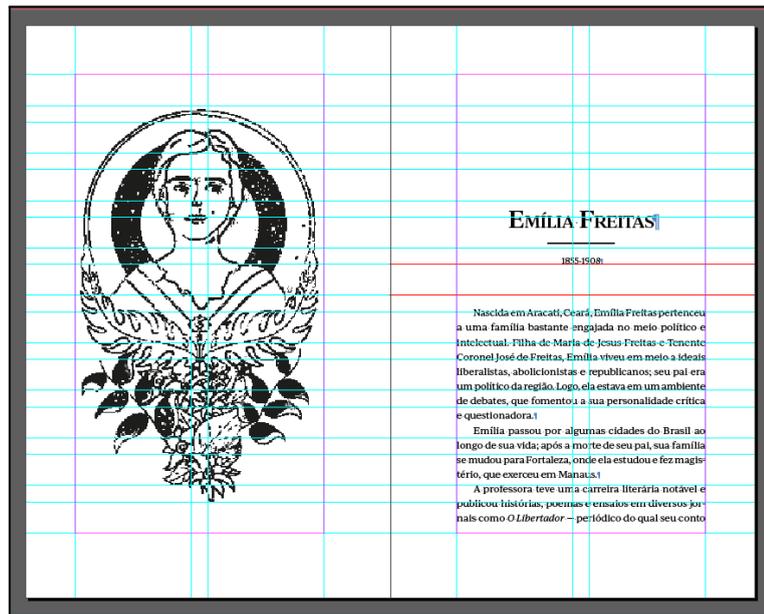
elementos] podem ser formalizadas” e que a coerência visual permitida pela grade faz com que o leitor se concentre mais no conteúdo devido a sua forma. Portanto, o grid utilizado por *Depois da Bruma* é modular com o intuito de ajudar a posicionar os títulos e elementos; possui uma grade com 10 linhas, 2 colunas e medianiz de 0,5 cm para todo o livro. Para facilitar a visualização da posição das caixas de texto, foi acrescentado guias da cor vermelha.

Figura 19 — Mancha gráfica da abertura do capítulo



Fonte: autora, 2023.

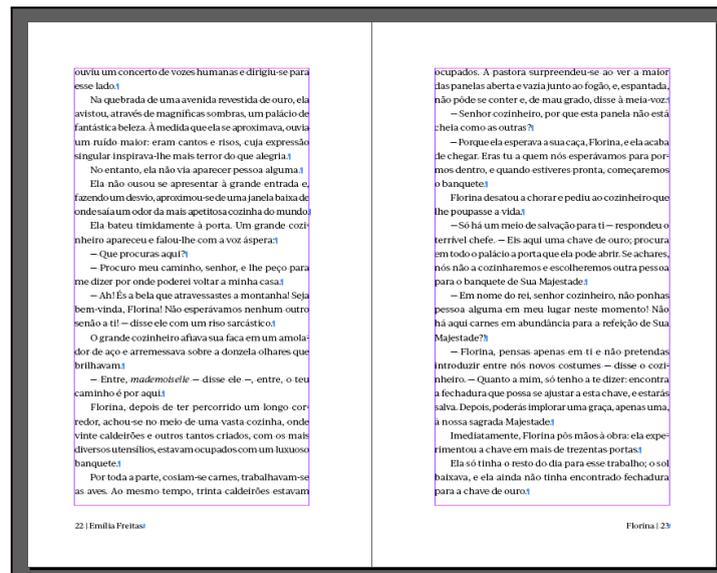
Figura 20 — Mancha gráfica da abertura das biografias



Fonte: autora, 2023.

Para que o texto se mantivesse alinhado entre as páginas espelhadas, foi utilizado a linha base e, para que o texto não ficasse tão poluído para editar, e como a grade modular não seria utilizada nesse momento, esta foi trocada pela grade retangular. As grades foram configuradas pela página-mestre no software do Adobe Indesign.

Figura 21 — Mancha gráfica do texto



Fonte: autora, 2023

Os estilos de parágrafo seguiram a seguinte definição:

Quadro 9 — Definições dos estilos de parágrafo

<b>Designação</b>	<b>Fonte</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Peso</b>	<b>Caixa</b>	<b>Entrelinha</b>	<b>Recuo</b>
Corpo_texto	IvyJournal	8pt	Regular	Regular	12pt	0,5 cm
Título	Imbue	25pt	Regular	Todas maiúsculas	15pt	-
Título_por	Imbue	9pt	Light	Versalete	10pt	-
Nome_autor	Imbue	10pt	Light	Normal	12pt	-
Nota de rodapé	IvyJournal	7pt	Regular	Normal	9pt	-
Nome_biografia	IvyJournal	20pt	Semibold	Versalete	24pt	-
Ano_biografia	IvyJournal	7pt	Regular	Versalete	17pt	-

Fonte: autora, 2023.

## 7. DISTRIBUIÇÃO

A ideia inicial do projeto sempre foi de que essas histórias pudessem alcançar o máximo de pessoas possíveis e que não se prendessem apenas ao meio acadêmico como muitas vezes acontece. O objetivo era a de que ele fosse disponibilizado de forma a ter um fácil acesso, tanto econômico como instrumental, ou seja, fosse barateado e fosse acessível por mais de um formato com mais de uma possibilidade de acesso e consumo.

Como forma de barateá-lo e disponibilizá-lo da forma mais acessível possível, o projeto gráfico foi pensado em ser totalmente em preto e branco e com materiais mais simples, pensando no físico, e o produto digital foi feito em um formato em que se possibilita a leitura de tela, abrangendo as possibilidades de acesso. Mesmo tendo algumas predefinições, era necessário pensar na questão de produção e distribuição. Tendo apenas eu, inicialmente, como responsável por todas as etapas, a preocupação da distribuição e venda no momento não era algo viável e desejado. Uma possibilidade de produção encontrada foi a impressão sob demanda, que eliminaria a necessidade de se ter um estoque físico e não seria necessário pensar na distribuição e em seus trâmites.

### 7.1. IMPRESSÃO SOB DEMANDA

A impressão sob demanda ou Print On Demand (POD) consiste na produção do livro feita apenas após a venda do produto, minimizando os custos e desperdícios da produção, sem necessitar de um estoque físico e sem a produção excessiva de livros que podem não ser comercializados, promovendo o consumo consciente e sustentável (UMLIVRO,c2023).

As vantagens apresentadas pela impressão sob demanda facilitam a produção de livros físicos independentes por não precisarem de uma quantia alta de dinheiro sem um retorno previsto, não necessitar de uma locação física para o estoque dos livros e por não precisar se preocupar com a logística da distribuição. Além dos benefícios ecológicos presentes na produção feita apenas daqueles livros que serão consumidos.

A primeira plataforma que entrei em contato foi a UmLivro, em meados de agosto, por já ter ouvido falar de seu trabalho por fornecer seus serviços a diversas editoras do Brasil, como Grupo Companhia das Letras, Grupo Autêntica e Editora Perspectiva<sup>19</sup>. Os principais pontos que chamaram a minha atenção para a empresa foram a rápida produção e o envio de, aproximadamente, sete dias úteis a partir da compra e a inclusão do livro em *marketplaces* como Amazon, Americanas e Submarino.

---

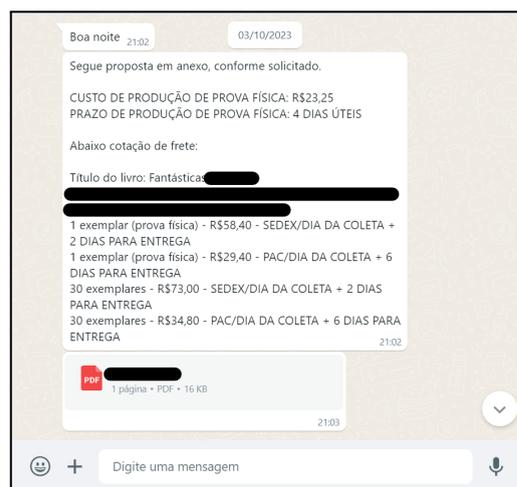
<sup>19</sup> Disponível em: <https://loja.umlivro.com.br>. Acesso em: 8 dez. 2023.

Aguardando o retorno do contato feito por meio do site, adquiri, em seu site, um dos livros independentes produzidos por eles para a análise do material, *Da sombra a luz* (2021)<sup>20</sup>. Satisfeita com o material e em contato direto com uma das atendedoras responsáveis pelas publicações independentes da empresa, analisei o contrato que me foi enviado por e-mail junto com algumas explicações sobre o trabalho feito e modo a prosseguir com o envio do arquivo. Com algumas dúvidas sobre o contrato e o processo, estive em uma ligação com a representante para esclarecer as dúvidas.

Em seguida, solicitei alguns orçamentos do livro (Apêndice M) para se ter uma ideia do valor, visto que o livro ainda não estava pronto. Foram feitos dois orçamentos diferentes: a de autor, que seria equivalente apenas ao valor de produção, que depende do número de exemplares; e o de marketplace, referente ao preço do público. Inicialmente, foi solicitado o orçamento de trinta livros, que resultou no valor final da unidade de R\$ 9,51 (sem contar o frete). Já nos *marketplaces*, o livro estaria disponível por R\$34,90.

Além da produção de trinta livros, perguntei se haveria a possibilidade de receber uma prova da impressão, porém, eles só fariam a impressão caso pagasse o valor da produção unitária do livro, que, pela produção menor, aumentaria o valor. O seguinte orçamento foi enviado com o valor do livro unitário, as possibilidades de frete e um arquivo com o orçamento de trinta unidades (Apêndice N):

Figura 22 — Print do orçamento dos livros feitos pela UmLivro



Fonte: autora, 2023.

<sup>20</sup> Disponível em:

<https://loja.umlivro.com.br/da-sombra-a-luz--uma-jornada-de-transformacao-pessoal-6285321/p>. Acesso em: 6 dez. 2023.

Portanto, para o envio de uma prova do livro, ficaria, no mínimo, R\$ 52,65 para, depois que fosse feita a análise e as alterações, solicitar os trinta livros orçados inicialmente. Para além da produção e envio do livro, seria necessário fazer o pagamento da anuidade da UmLivro (R\$ 390,00) e os trâmites na Câmara Brasileira do Livro (CBL) que incluem a emissão do ISBN (R\$ 25,00), o número de identificação do livro, e o código de barras (R\$ 36,00) — a ficha catalográfica poderia ser feita junto à Biblioteca Central da UFSM, logo não teria um custo. Com todos os valores dispostos e somados, vi que o preço ficaria um pouco caro, totalizando R\$ 503,65 com a compra de apenas um livro. Entretanto havia uma outra possibilidade e oportunidade: publicar pela Editora Crisálida.

A Crisálida é uma editora fundada em 2023 a partir de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Lucas Braga e Mar Fonseca que tem como objetivo “ampliar vozes e contribuir para a bibliodiversidade” (ANJOS; FONSECA, 2023, p. 19). O contato direto e próximo dos fundadores comigo facilita a transação, visto que ainda estarei próxima do projeto e eles têm conhecimento de todo o trabalho — estão presentes na equipe técnica do livro, acompanharam o processo de perto e, principalmente, por terem uma missão que condiz com a proposta.

Com essa nova oportunidade, entrei em contato com a representante da UmLivro para saber como poderia ser feito com esse novo cenário; assim, ela me repassou para um outro representante, que fizemos uma reunião pelo Google Meet para que ele pudesse nos apresentar a empresa e o seu trabalho. A partir da análise e aprovação da editora, foi iniciado o processo para a parceria entre a Editora Crisálida e a UmLivro. Entretanto, com toda a burocracia necessária e a urgência na impressão, foi decidido que seria feito um protótipo para este Trabalho de Conclusão do Curso para, posteriormente, com calma, fosse publicado e dado a devida atenção a essa publicação.

### **7.1.1. Impressão**

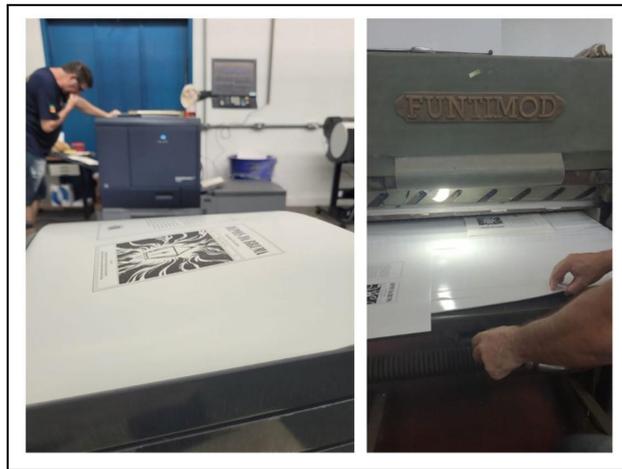
Um novo modo de impressão precisava ser definido para produzir o protótipo. Por isso, entrei em contato com sete gráficas de Santa Maria. Entre elas, apenas três gráficas faziam a impressão e a montagem do livro: Imprensa Universitária da UFSM, Espaço Gráfico e Copigráfí. Com o objetivo de deixar o mais próximo possível das especificações feitas pela UmLivro (miolo no papel pólen 80 g/m<sup>2</sup> e capa em cartão triplex 250 g/m<sup>2</sup> e acabamento em cola/ fresado pur), a Copigráfí não atendia a essas especificidades e foi descartada.

Para a impressão de seis exemplares, a Espaço Gráfico cobrou R\$ 340,00; enquanto a Imprensa Universitária cobrou R\$ 58,00. A discrepância do valor e a possibilidade de

acompanhar o processo mais de perto na Imprensa, fez com que optasse por ela; além de que havia feito o boneco do livro na mesma gráfica e fiquei satisfeita com o trabalho final, apesar de ainda ter algumas críticas, como o mal acabamento da lombada.

Por já ter feito outros trabalhos na Imprensa Universitária, já conhecia a equipe, o que permitiu com que acompanhasse todas as etapas presencialmente, desde a impressão do miolo e das capas, o refile na guilhotina e a montagem.

Figura 23 — Registros da impressão e refile do livro na Imprensa Universitária da UFSM



Fonte: autora, 2023.

### 7.1.2. Livro digital

Outra produção trabalhada é o livro digital que tem o formato *ePub* por esse ser um formato mais acessível que permite a leitura de tela. Com isso em mente, o livro foi produzido pelo software Sigil de recurso aberto para a edição de e-books no formato *ePub*<sup>21</sup>.

Como o livro possui ilustrações, foi feita a descrição de imagem como texto alternativo de forma a possibilitar a descrição de cada ilustração ao ser feita a leitura de tela (Apêndice O).

O processo da edição do livro digital no Sigil é feito por meio da linguagem de códigos. Aprendendo enquanto seguia o processo, encontrei algumas dificuldades no caminho, que foram resolvidas, como a quebra dos capítulos e o link entre as notas de rodapé. Além disso, um dos principais leitores digitais é o Amazon Kindle que, teoricamente, deveria

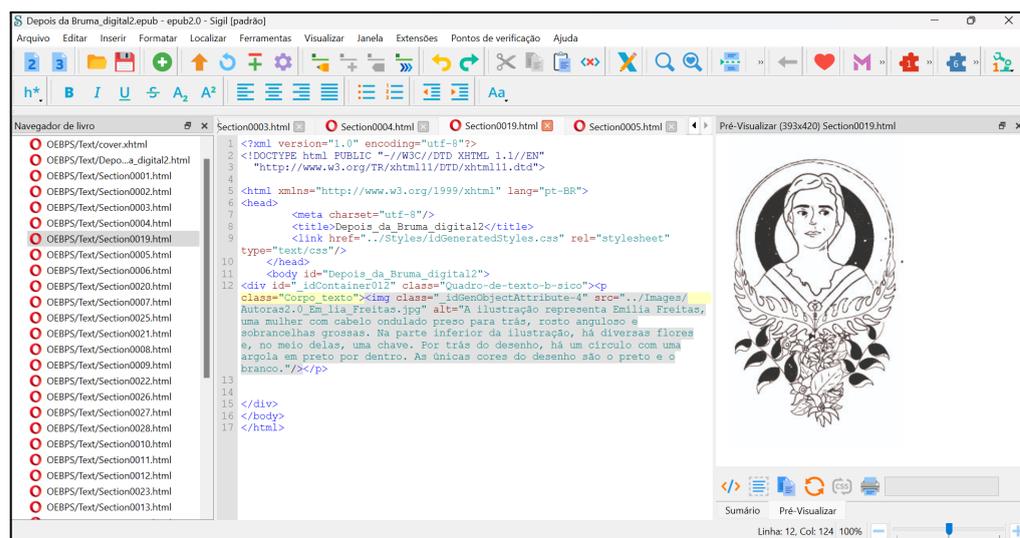
<sup>21</sup> Disponível em: <https://sigil-ebook.com/sigil/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

aceitar o formato *ePub*, mas não é tão simples assim. Nos primeiros testes, conseguia abrir o arquivo em outros leitores de ebook, mas, no Kindle, dava erro.

Segundo Prado e Leonardo (c2023), o *ePub* não é um formato reconhecido nativamente pelo Kindle, por isso é necessário que ele seja convertido pelo *AMW3*. Em alguns casos, como o envio por meio do e-mail, o próprio Kindle faz a conversão — apesar de não conseguir enviar dessa forma —, mas o envio direto do *ePub* por USB normalmente não funciona.

No final, consegui a quebra de capítulos, as notas de rodapé linkadas, o sumário responsivo e que o leitor de tela respondesse aos textos. Entretanto, não consegui que as imagens fossem descritas e, como não tenho tanto conhecimento sobre linguagem de códigos, não consegui decifrar o problema ainda.

Figura 24 — Página do texto alternativo do Sigil



Fonte: autora, 2023

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher na literatura passou por muitos percalços, desde o direito à educação e a leitura, os impedimentos culturais e sociais que a fizesse precisar de uma casa e uma renda totalmente sua para exercer o poder da escrita (WOOLF, 2014), à dificuldade em publicar e ser aceita pela crítica. De forma mais segmentada, vê-se a literatura fantástica como um espaço em que a probabilidade de a mulher ter alcance era pequena, por essa não ter sido considerada hegemônica. Literatura esta que Todorov (2007) a caracteriza pela *hesitação* do leitor e do personagem quanto ao que é real e o que é imaginário a partir das leis naturais e da “normalidade” e pode ser categorizada como *maravilhoso e estranho*.

Felizmente, o produto final foi bem sucedido, mesmo com todas as dificuldades em encontrar conteúdo e dúvidas enfrentadas no meio do caminho. Logo, foi possível produzir um livro, em mais de um formato, com sete autoras diferentes e oito textos, trabalhando a individualidade de cada autora e de cada texto por meio do projeto gráfico, mantendo a harmonia da produção.

Outro objetivo almejado era de que ele fosse um livro publicado e pudesse ter o alcance da sociedade. Infelizmente, essa etapa não foi concluída por motivos financeiros. Mas, felizmente, há ainda o planejamento de que ele seja publicado e veiculado.

Para que todo o produto fosse finalizado, os seguintes processos foram desenvolvidos: a pesquisa documental para encontrar as histórias, a escolha das obras, a transcrição digital, a pesquisa biográfica, a preparação e revisão textual, o projeto gráfico com a elaboração de ilustrações e a impressão. Apesar de eu estar à frente de todas as etapas, foi imprescindível a ajuda de muitas outras pessoas, seja participando de forma ativa, como consulta ou apenas como apoio, tanto nos momentos turbulentos como apenas de incentivo.

Durante o processo, muitas dificuldades foram encontradas, dentre elas, duas se destacaram: o excesso de etapas concentrado em uma pessoa só e a insegurança por adentrar em um campo que, teoricamente, não é meu. A quantidade de etapas a serem cumpridas — e muitas vezes ao mesmo tempo — é desafiador e cansativo. Os processos desenvolvidos por mim foram: busca documental pelas histórias; pesquisa e redação biográfica; transcrição digital; preparação e revisão textual — desenvolvida com mais oito pessoas —; desenvolvimento do projeto gráfico; ilustrações; e pesquisa, orçamento e acompanhamento com as gráficas. Por tantos processos serem desenvolvidos nos mesmos momentos, tudo parecia que era feito pela metade e nada parecia de fato ser finalizado, o que é desesperador, mesmo estando dentro do cronograma. Ao mesmo tempo que acompanhava a preparação e revisão de textos, por exemplo, desenvolvia o projeto gráfico, com testes da mancha gráfica e ilustrações e analisava as propostas de impressão, sem contar a vida acadêmica e outros problemas que eram encontrados no caminho.

Já a outra dificuldade foi adentrar a parte histórica do projeto, que foi muito prazeroso, mas, ao mesmo tempo, muito difícil. Apesar de esse ser um assunto que gosto bastante de estudar, eu sentia a todo momento uma necessidade de reafirmações. Cada afirmação feita, eu precisava conferir outras três fontes diferentes antes de, de fato, colocar, ainda insegura, aquela informação no papel — isso porque essa informação já vinha de uma fonte confiável.

Nas pesquisas biográficas, eu entrei em muitos buracos difíceis de saírem. Eu já tinha feito análises biográficas de autores antes, mas nunca foi algo que parecia tão concreto. E se eu colocasse alguma coisa que não era verdadeira? Essa pergunta ficava martelando na minha cabeça, principalmente em pesquisas em que as informações, de fontes diferentes, não batiam. Quando isso acontecia, eu tentava ir à fonte primária e aí vinha outro questionamento: como eu posso confiar em um jornal, feito por pessoas com opiniões próprias e que podem distorcer uma informação? E esse era o fundo do poço. Foi um pouco difícil de aceitar que não tinha muito o que eu pudesse fazer além de apresentar os fatos encontrados. O ruído aqui é inevitável. E ele não deveria me impedir de continuar o trabalho.

A reedição das obras traz consigo muitos significados. Cada palavra escolhida pode contar uma história, e conhecer obras do nosso passado, que fizeram parte da criação do que somos hoje, de nossa identidade, é imprescindível para a formação do cidadão, principalmente as obras das vozes que fizeram a mudança, mas foram deixadas de lado. Dar voz àqueles que, no passado, talvez não tiveram a devida importância é essencial, principalmente se pensarmos que a identidade nacional foi moldada a partir de um grupo seletivo e homogêneo, sem abranger a pluralidade de experiências e vivências existentes. Portanto, resgatar essas obras tem o intuito de reconstruir uma parte da memória e da identidade nacional.

Tanto a literatura feminina, quanto fantástica e brasileira possuem uma vasta produção que não é tão valorizada quanto deveria. Ainda há muita coisa a ser explorada e encontrada. Há tantos textos incríveis encontrados durante esse processo que não entraram na temática e que ainda não foram *descobertos*. Não só a literatura feminina entra nesse segmento de exclusão, mas autores com outros tipos de recorte como o social, racial ou da comunidade LGBTQIA+, que ainda estão por aí perdidos. A instigação para este trabalho veio da indagação de o que eu estava lendo e *quem* eu estava lendo, por ser algo que me incomodava e que ainda incomoda. Um objetivo que, infelizmente, não é mensurável, mas que espero alcançar é a provocação para que as pessoas procurem e vão atrás daquilo que ficou por trás da bruma.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ânsia Eterna**. 2. ed. rev. Brasília: Senado Federal, 2020. (Coleção Escritoras do Brasil, v. 2)
- ANJOS, Lucas Braga dos; FONSECA, Mar Rodrigues. **Espaços de representação: a construção do livro Populário LGBTQIA+**. Orientadora: Dra. Marília Barcellos. 2023. 182 p. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Produção Editorial, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.
- AZEVEDO, Arthur. Cavaco preliminar. **O álbum**, Rio de Janeiro, ano1, n. 1, p.1, 1893.
- BRASIL. Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1998.
- BRASIL. Senado Federal. **Livraria do Senado**, [s.d]. Disponível: <https://livraria.senado.leg.br/escritoras-do-brasil>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BRUMA. *In*: Houaiss UOL. São Paulo: UOL, 2023. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1). Acesso em: 6 dez. 2023.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira**. Origens e unidade – volume I. 1. ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- CAVALCANTE, Alcilene. Cronologia. *In*: FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. 3. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- CESERANI, Remo. **O fantástico**. Curitiba: Editora UFPR, 2006.
- COSTA, Camila. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **BBC**. 15 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- COSTA, Maria Ione Caser da. A mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira. **Biblioteca Nacional Digital**, Rio de Janeiro, c2023a. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/a-mensageira-revista-literaria-dedicada-a-mulher-brazileira/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- COSTA, Maria Ione Caser da. A Perola: revista humorística e litteraria, dedicada ao Bello Sexo. **Biblioteca Nacional Digital**, Rio de Janeiro, c2023b. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/a-perola-revista-humoristica-e-litteraria-dedicada-ao-bello-sexo/>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- COSTA, Maria Ione Caser da. Echo das Damas: órgão dedicado aos interesses da mulher. **Biblioteca Nacional Digital**, Rio de Janeiro, c2023c. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/echo-das-damas-orgao-dedicado-aos-interesses-da-mulher/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

COSTA, Maria Ione Caser da. O álbum. **Biblioteca Nacional Digital**, Rio de Janeiro, c2023d. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/o-album/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. *In*: AGUIAR, Neuma (Org.) **Gêneros e Ciências Humanas** – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 85-94.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

FONSECA, Joaquim da. **Tipografia e design gráfico: design e produção gráfica de impressos e livros**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula Guimarães. O estudo da comunicação nos Estados Unidos: a Mass Communication research. *In*: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula Guimarães. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREITAS, Naiana Pereira de. ANOTAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA. **Inventário**, n.27, p. 96-117, fev. 2021.

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II: como criar e produzir livros. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitora no banco dos réus. *In*: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 235-306.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **O conto feminino**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

MARTINO, Luiz. De qual comunicação estamos falando? *In*: HOHLFELDT, A. MARTINO, Luiz. FRANÇA, Vera. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001. P. 11 a 25.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéas. **Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo**. Curitiba: Arte & Letra, 2019.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**. Santa Cruz do Sul, RS : Edunisc, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX: vol II. Ilha de Santa Catarina**, SC: Edunisc, 2004.

MÜLLER, Leandro. **Como editar seu próprio livro: um manual básico para quem quer se publicar ou ser publicado** Versão 2.0. 1.ed. Rio de Janeiro: NESPE, 2018.

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo *et al.* A hemeroteca enquanto espaço documental, informacional e memorial. **Em questão**, v. 20, n. 2, jul./dez. 2014.

PRADO, Jean; LEONARDO, André. Como converter ePub, PDF e outros formatos para o Kindle. Tecnoblog, c2023. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/epub-pdf-converter-kindle/#:~:text=Estes%20formatos%20eram%20utilizados%20pelo,outras%20que%20melhoram%20a%20legibilidade>. Acesso em: 11 dez. 2023.

PEDROZO, Elisa Capelari. **A voz feminista de Presciliana Duarte de Almeida na revista A Mensageira**. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6721>. Acesso em: 28 ago. 2023.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. 18. ed. São Paulo: Record, 2002.

RODRIGUES, Selma Calasans. O fantástico. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro**. 1. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

UMLIVRO. UmLivro, [s.d.]. Sobre nós. Disponível em: <https://www.umlivro.com.br/about-us>. Acesso em: 6 dez. 2023;

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

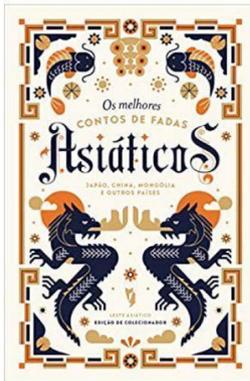
XIMENES, Sérgio Barcellos. Florina, um conto inédito de Emília Freitas, a autora de A Rainha do Ignoto (1883). Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@sergiobximenes/florina-um-conto-in%C3%A9dito-de-em%C3%ADlia-freitas-a-autora-de-a-rainha-do-ignoto-6ec62fe6d8cd>. Acesso em: 6 dez. 2023.

## APÊNDICE A — ANÁLISE DE REFERÊNCIAS EDITORIAIS

### Análise de referências editoriais

#### Estudo de referências

*Contos de fadas asiáticos*, Editora Wish



<b>No que ela é parecida com o que eu quero?</b>	É uma antologia de contos antigos e raros com paratextos, uma parte exclusiva dedicada aos autores e é específico de uma região.
<b>No que ela é diferente com o que eu quero?</b>	É um livro de luxo
<b>O que eu mais gosto dessa referência?</b>	A especificidade regional, os prefácios com foco no contexto histórico e um relato da editora de como foi a produção do livro
<b>O que eu não gosto?</b>	O excesso de informação, cores durante a leitura e acredito que a seleção dos autores não é inteiramente de pessoas do leste asiático, mas daqueles que admiram a região; não tem ebook
<b>Quais são os pontos fortes dessa referência?</b>	A coleção de textos e imagens em domínio público que são de difícil acesso
<b>Quais são os pontos fracos dessa referência?</b>	A quantidade excessiva de textos (31), ter apenas 1/3 de autoras e de histórias presentes. Além disso, muito dos autores que foram reproduzidos não são do Leste Asiático, são brancos apaixonados pela cultura asiática
<b>Como eu posso aplicar essas referências ao meu próprio trabalho?</b>	O modo como foi trabalhado a regionalidade e a apresentação dos autores

1

#### Os melhores Contos de Fadas Asiáticos

A magia transborda das páginas dos antigos contos de fadas. Com histórias recheadas de dragões ancestrais, chefes de guerra, corajosas donzelas, deuses celestiais e a famosa raposa de nove caudas, conheça o legado do leste asiático em mais de 30 contos selecionados. Os Melhores Contos de Fadas Asiáticos apresenta

<https://www.editorawish.com.br/products/os-melhores-contos-de-fadas-asiaticos>



#### Medo Imortal, Darkside



<b>No que ela é parecida com o que eu quero?</b>	Uma antologia de textos também que foca em autores do terror brasileiro, que não deixa de ser fantástico
<b>No que ela é diferente?</b>	Tem uma gama gigantesca de autores masculinos, apenas a Júlia Lopes de Almeida entra na lista como mulher entre 14 autores e o foco exclusivo em escritores consagrados que fizeram parte (ou deveriam como a Júlia) da Academia Brasileira de Letras. Além de ser um livro de luxo
<b>O que eu mais gosto dessa referência?</b>	O caráter sobrenatural das histórias e o foco no Brasil e a apresentação dos autores
<b>O que eu não gosto?</b>	Projeto gráfico da capa é bem bonito, mas não muito usual, ele não fala diretamente sobre o que é, não tem nem o título na capa; não tem ebook
<b>Quais são os pontos fortes dessa referência?</b>	A seleção dos textos, a apresentação dos autores e o foco no Brasil
<b>Quais são os pontos fracos dessa referência?</b>	O foco no consagrado e, conseqüentemente, no homem
<b>Como eu posso aplicar essas referências ao meu próprio trabalho?</b>	

2

**Medo Imortal + Brinde Exclusivo**

O ano é 1897. Estamos nas vésperas da celebração dos oitenta anos de publicação da primeiríssima edição de Frankenstein, ou o Prometeu Moderno, escrito por Mary Shelley. Naquele mesmo ano, outro inglês, H.G. Wells, lança em forma de livro O Homem Invisível e publica os capítulos iniciais de A Guerra dos Mundos em revistas

<https://www.darksidebooks.com.br/medo-imortal-drk-x/p>

**Se todas as rainhas estivessem em seus tronos**, Independente (indisponível)

<b>No que ela é parecida com o que eu quero?</b>	Ela é uma antologia fantástica escrita apenas por mulheres e é independente
<b>No que ela é diferente?</b>	São de autoras contemporâneas
<b>O que eu mais gosto dessa referência?</b>	Apesar de os contos serem independentes, eles tem uma lógica, um conceito, uma unidade
<b>O que eu não gosto?</b>	-
<b>Quais são os pontos fortes dessa referência?</b>	Ela conseguir unir várias autoras independentes
<b>Quais são os pontos fracos dessa referência?</b>	Por ser uma publicação com várias autoras de forma independente, o livro precisou sair da Amazon porque o repasse dos lucros era muito complicado e agora elas podem publicar sozinhas, mas isso acaba perdendo um pouco a magia dessa publicação
<b>Como eu posso aplicar essas referências ao meu próprio trabalho?</b>	Ela segue o mesmo conceito de histórias e autoras não tão conhecidas e publicadas de forma independente

**Se Todas as Rainhas Estivessem em Seus Tronos**

Dez autoras. Dez reinos. Dez histórias fantásticas de mulheres que querem ser ouvidas. Entre fadas e...

<https://www.skoob.com.br/se-todas-as-rainhas-estivessem-em-seus-tronos-12085579ed12070225.html>

**Vitorianas Macabras**, Darkside

<b>No que ela é parecida com o que eu quero?</b>	Também é uma coletânea de autoras vitorianas sobrenatural
<b>No que ela é diferente?</b>	Foca em uma época específica; tem uma edição mais de "luxo" com capa dura e fitilho
<b>O que eu mais gosto dessa referência?</b>	O enfoque na época e nas autoras
<b>O que eu não gosto?</b>	Não tem ebook
<b>Quais são os pontos fortes dessa referência?</b>	O enfoque nas autoras em uma época com publicações majoritárias de homem como diz na sinopse
<b>Quais são os pontos fracos dessa referência?</b>	-
<b>Como eu posso aplicar essas referências ao meu próprio trabalho?</b>	O conceito das autoras, do gênero e de uma época específica

**Vitorianas Macabras + Brinde Exclusivo**

Macabra é novo selo da DarkSide® Books pronto para trazer à vida obras assustadoras de autoras e autores transgressores e macabros perdidos no tempo. A Era Vitoriana foi um marco na história da Inglaterra e também no mundo. De um lado, o conservadorismo, a repressão e a subserviência. De outro, as transformações

<https://www.darksidebooks.com.br/vitorianas-macabras-drk-x/p>



**O sino e o relógio: Uma antologia do conto romântico brasileiro, Carambaia**



<b>No que ela é parecida com o que eu quero?</b>	Ela é uma publicação simples de vários contos de autores brasileiros
<b>No que ela é diferente?</b>	O livro não tem um foco muito específico, as histórias são do romance como geral, sendo que um dos tópicos é o fantástico no sumário
<b>O que eu mais gosto dessa referência?</b>	A simplicidade da edição
<b>O que eu não gosto?</b>	Da amplitude dos gêneros abordados
<b>Quais são os pontos fortes dessa referência?</b>	A simplicidade e os autores brasileiros
<b>Quais são os pontos fracos dessa referência?</b>	Pouca quantidade de autoras e pela amplitude de gêneros
<b>Como eu posso aplicar essas referências ao meu próprio trabalho?</b>	Analisando como a simplicidade pode ainda trazer um livro bem feito e bonito

O sino e o relógio – uma antologia do conto romântico brasileiro – Acervo 14

Acervo 14

 <https://carambaia.com.br/o-sino-e-o-religio-uma-antologia-do-conto-romantico-brasileiro-acervo-14>



## APÊNDICE B - BUSCA NOS ACERVOS DIGITAIS

Analizados	Título	Ocorrência	Origem da referência	Período digitalizado	Análise	Observações
x	<a href="#">O Paiz (RJ)</a>	8	Ocorrência de publicações de mulher	1884-1934 (50 anos)	1884 - 92 ed. 1885 - 363 ed. 1886 - 181 ed.	Palavra-chave: folhetim Foram encontrados muitos romances que se estendiam por muitas edições
x	<a href="#">Correio Paulistano (SP)</a>	2	Ocorrência de publicações de mulher	1854 - 1963 (109 anos)	Não registrado	-
x	<a href="#">A Marmota / A Marmota Fluminense (RJ)</a>	2	Ocorrência de publicações de mulher	1849 - 1861/1864 (15 anos dispersos)	Não registrado	-
x	<a href="#">Echo das Damas</a>	2	Ocorrência de publicações de mulher	1879; 1880; 1888	1879 - 4 edições 1880 - 1 edição 1888 - 7 edições	4 possíveis histórias encontradas
x	<a href="#">Mensageira - Revista Literaria dedicada à mulher brasileira (SP)</a>	2	Ocorrência de publicações de mulher	1897 - 1 edição 1898 - 2 edições	1897 - 1 edição 1898 - 2 edições	Aparentemente é focada em histórias escritas por mulheres A 1ª edição está com ótima digitalização Só tem 3 edições digitalizadas (n. 1, 17 e 18) Tem sumário!!
x	<a href="#">Almanack d'o Theatro (RJ)</a>	2	Ocorrência de publicações de mulher	1907 - 1 edição	1907 - 1 edição	MUITO grande. E é um almanaque
x	<a href="#">A Vida elegante: O Jornal das Senhoras</a>	2	Ocorrência de publicações de mulher	1909	1909 - 2 edições analisadas	-
x	<a href="#">A verdadeira marmota</a>	2		1851; 1852	1851 - 4 edições	Focada mais em notícias, ensaios e poemas
x	<a href="#">Corymbo (RS)</a>	1	As editoras são mulheres	1893 - 1 edição	1893 - 1 edição	-
x	<a href="#">Libertador : Orgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE)</a>	1		1881-1890	Não registrado	Não tem autoria nos folhetins nos anos iniciais do periódico (1881) Pesquisei pela palavra "maravilhoso" (como foi encontrado <i>Florina</i> ), foram encontrados 1662 ocorrências. Todas foram conferidas, mas só foi encontrado <i>Florina</i> novamente
x	<a href="#">O lyrio (PE)</a>	1		1902 - 2 edições 1903 - 3 edições	1902 - 2 edições 1903 - 3 edições	
x	<a href="#">A Brisa : Jornal Litterario, Recreativo e Noticioso (CE) - 1875</a>	1		1875 - 7 edições	1875 - 7 edições	
x	<a href="#">A Abelha : Folha litteraria e recreativa (RJ)</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1 edição (1901)	Uma autora portuguesa (apenas introdução)	Editada por mulheres
x	<a href="#">ABELHA: SEMANÁRIO SCIENTIFICO, INDUSTRIAL E LITTERARIO</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	Ano 1856 - 16 edições	Não registrado	Em sua maioria, os artigos publicados n'A Abelha não eram assinados, eram extraídos e algumas vezes traduzidos de periódicos europeu
x	<a href="#">A ACTUALIDADE: PERIÓDICO IMPARCIAL, LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1900 - 1 edição	1900 - 1 edição	-
x	<a href="#">ACTUALIDADE: JORNAL CRITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	Ano 1867 - 19 edições	Não registrado	Pertence a biblioteca de Porto Alegre Apenas texto traduzido (analisado)
x	<a href="#">A ALAVANCA: ORGÃO LITTERARIO, ARTISTICO, SCIENTIFICO E COMMERCIAL</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	Ano 1900 - 1 edição	1900 - 1 edição	Não encontrei o folhetim
x	<a href="#">O ALBUM</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	Ano 1893 - 44 edições Ano 1894 - 10 edições (45-55)	Edição 9 tem um poema interessante da Francisca Julia da Silva que pode abrir a antologia (Paizagem) Possui alguns pseudônimos (que não tem identificação) A maioria dos textos das mulheres são poemas Tem um número considerável de autoria feminina	A título de informação, pode ser observado que dos cinquenta e cinco biografados, apenas três são mulheres Tem sumário <3
x	<a href="#">ALBUM DO DOMINGO</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1878; 1879	1878 - 7 edições 1879 - 2 edições	
x	<a href="#">A MARQUEZA DO NORTE: PERIÓDICO FEMININO - POLITICO</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1866 - 1 edição	1866 - 1 edição	Muita poema
x	<a href="#">ÚNICA: REVISTA FEMININA</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1925-1927; 1930; 1949-1953	1925 - 3 edições 1949 - 1 edição	Encontrei uma história focada para criança Foco maior em colunas
x	<a href="#">A VIOLETA: ORGAM DO GREMIO LITTERARIO JULIA LOPES</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1918-1950	Não registrado	
x	<a href="#">A VIOLETA: ORGAM LITTERARIO DEDICADO AO BELLO SEXO</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1900 - 1 edição	1900 - 1 edição	Maior parte da autoria tem nome masculino ou abreviado
x	<a href="#">A VIOLETA: PERIODICO LITTERARIO E NOTICIOSO</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1899	1899 - 4 edições	

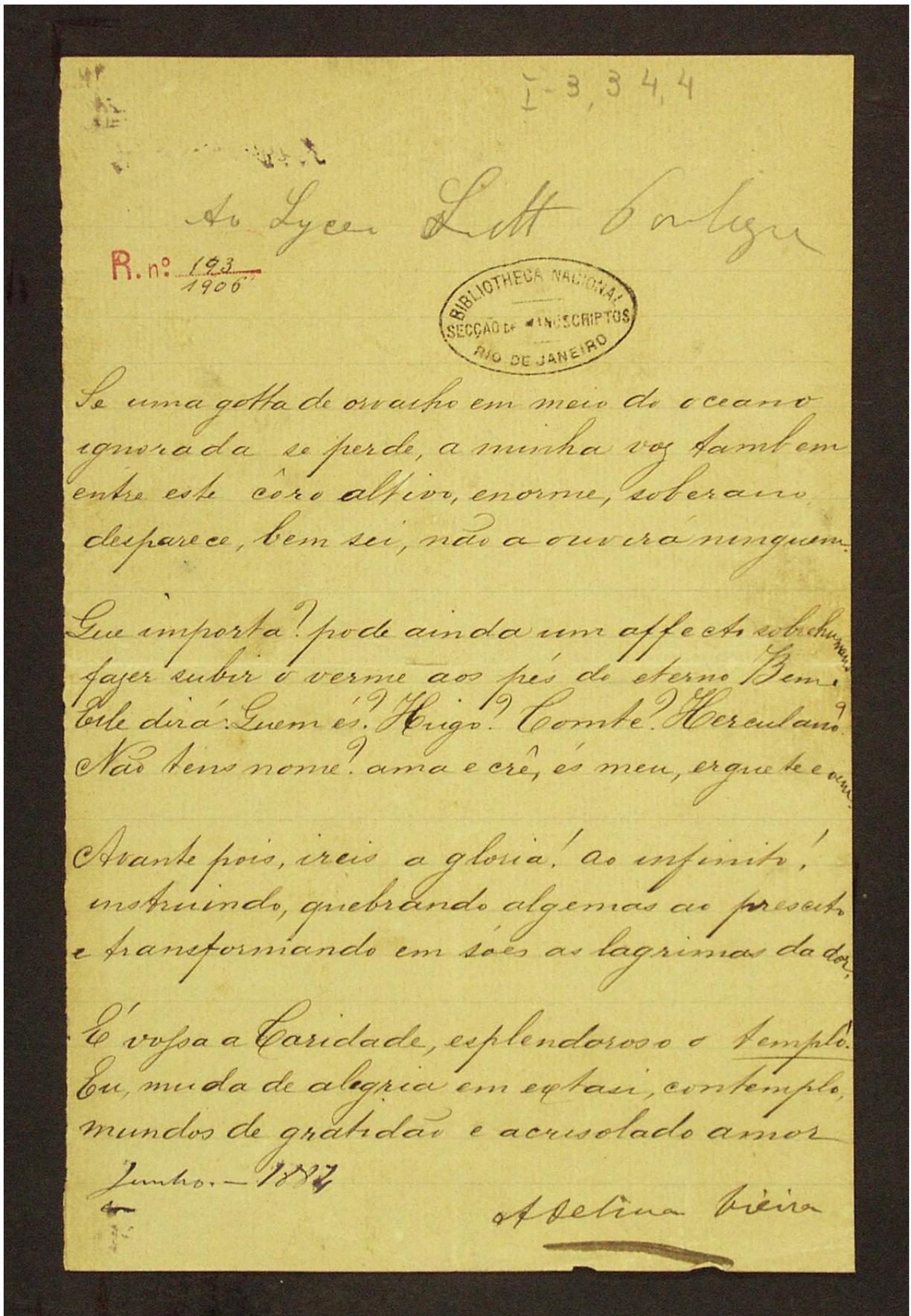
Analizados	Título	Ocorrência	Origem da referência	Período digitalizado	Análise	Observações
x	<a href="#">YPIRANGA: PERIODICO LITTERARIO DO RIO DE JANEIRO</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1865 - 3 edições	1865 - 3 edições	
x	Jornal dos Artistas : Periodico Artístico, Litterario e Noticioso (RJ) - 1862	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1862 - 1 edição	1862 - 1 edição	-
x	<a href="#">Brasil Feminino (RJ)</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	1932	1932 - 1 edição	Só tem colunas, não encontrei histórias
	Gazeta de Notícias	3				
	O Domingo	3				
	<a href="#">Revista Brasileira (RJ)</a>	2				
	Almanaque das Senhoras	2				
	Almanaque de Lembranças	1				
	Cearense	1				
	A Violeta	1				
	Diário de Notícias	1				
	O Globo	1				
	Cidade do Rio	1				
	Gazeta de Campinas	1				
	Revista Maranhense	1				
	O Diário do Rio de Janeiro	1				
	O liberal	1				
	O Brasil ilustrado	1				
	Semanário maranhense	1				
	Pacotilha	1				
	Federalista	1				
	Jornal do Commercio	1				
	Revista Brasileira	1				
	O Guaíba	1				
	O Artista	1				
	Partenon Literário	1				
	A verdade	1				
	Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro	1				
	O anjo do perdão	1				
	A renascença	1				
	O Tempo	1				
	A Semana	1				
	A Estação	1				
	Novo Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro	1				
	Lux	1				
	Cruzeiro	1				
	Gazeta da Tarde	1				
	A noticia	1				
-	CONSULTORIO DA MULHER	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	Não tem digitalizado		
-	<a href="#">A FACEIRA: CULTO A MULHER</a>	-	Acervo Periódicos e Literatura da BN	Não tem digitalizado		

Legenda	
x	Período conferido
-	Período conferido na hemeroteca digital, mas não digitalizado
	Período listada com ocorrências, mas não foi conferido

## APÊNDICE C - TÍTULOS ENCONTRADOS

Dentro?	Título	Autora	Tamanho	Origem	Ano de publicação	Links	Comentários
Sim	Poesia Adelina Vieira	Adelina Lopes Vieira	Pequeno	Manuscrito BN	1882	<a href="http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_1_07_15_021/mss_1_07_15_021.pdf">http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_1_07_15_021/mss_1_07_15_021.pdf</a>	Tem algumas partes que parecem uma boa epigrafe para o livro, por falar de uma voz perdido no meio do oceano e que ela deve quebrar as algemas
Sim	O sonho de Nina	Adelia Barros?	Pequeno	Echo das Damas, 1888, 11 Pacotilha (MA), 8, 49, fev. 1888	1888	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Ok. Fantasia - sonho, anjo e flor. Difícil de ler
Sim	Pela Pátria	Júlia Lopes de Almeida		<i>Ânsia eterna</i>	1903	<a href="https://www2.senad.gov.br/legis/br/legisacao/legisacao.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://www2.senad.gov.br/legis/br/legisacao/legisacao.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Bom é que é comprido e bem bom, MAS a parte fantástica é questionável. Ela está presente apenas em uma parte em que ela vislumbra os filhos, que estão mortos, ao longe, isso em duas linhas...
Sim	Florina	Emília Freitas		Libertador, 3, 171 e 172, 1883	1883	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Estilo conto de fadas, e autora bem importante para o contexto fantástico
Sim	Biographia de uma penna	Maria Clara da Cunha Santos	Pequeno	O álbum, 1, 36, 1893]	1893	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Simple, fala da história de uma pena de escrever. A fantasia está presente na humanização do objeto pena (ela que conta a história para alguém (ou algo?))
Sim	A casa dos mortos	Júlia Lopes de Almeida	Médio	<i>Ânsia Eterna</i>	1903	<a href="https://www2.senad.gov.br/legis/br/legisacao/legisacao.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://www2.senad.gov.br/legis/br/legisacao/legisacao.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Fantástico presente em um vivo na dimensão dos mortos para ver a mãe
Sim	A porta do paraíso	Narciza Amalia	Médio	Echo das Damas, 3, 51, 1888	1888	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Realismo mágico relacionado a religiosidade
Sim	Na agonia	Maria Antonietta Gama		A Pérola, 1, 18, 1895	1895	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=824739&amp;pesq=&amp;pagfis=13">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=824739&amp;pesq=&amp;pagfis=13</a>	Fico na dúvida quanto a presença do fantástico nesse. Ele parece estar muito vinculado a morte. Sendo a ida a morte algo meio fantástico
Talvez	As fadas da rainha Mab	Desconhecido	Pequeno	Única			Bem conto de fadas. Único elemento fantástico são as fadas
Não	As duas margaridas	Guíomar Torrezão	Médio	Echo das Damas, 1888, 55	1888	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	É bem um conto de fadas com moral.
Não	Borboletas	Zalina Rolim	Médio	A mensageira, 17	1898	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	MORREU EM 1961 Parece mais uma fábula, meio que conta a história da vida de uma borboleta, mas ela sendo personagem principal/ humanizada (ela tem sentimentos) Mais infantil. A fantasia tá presente nessa humanização da borboleta, pq a narrativa em si é a vida e a transformação da lagarta em borboleta
Não	Paizagem	Francisca Julia da Silva		O álbum, 1, 9	1893	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Poesia que não está relacionada ao tema
Não	?O lenço de gaze	Ignez Sabino		O álbum, 1, 55	1894	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Infelizmente, não tem nada de fantástico
Não	INACABADO - História de umas flores	Desconhecido		Echo das Damas, 1888, 54	1888	<a href="https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569">https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&amp;hf=memoria.bn.br&amp;pagfis=7569</a>	Não tem continuação

## APÊNDICE D - MANUSCRITO DE ADELINA LOPES VIEIRA



APÊNDICE E - TEXTO DE FLORINA EM O LIBERTADOR

LIBERTADOR

PORTALEZA 8 DE AGOSTO DE 1851.

O Ceará e a causa abolicionista

Não nos perdamos os negreiros do sul a attitudie franca e decidida, que tomamos em pro do abolicionismo.

Para elles é um crime, uma insensatez imperdoavel, o restituir-se a liberdade roubada, o tornar uma realidade o principio liberal e sacrosanto da igualdade humana.

Apregão-se humanitarios, republicanos, e diabolos, mas querem a escravida, isto é, o direito absurdo do homem sobre o homem, a esterilidade do trabalho, omissão.

São liberais e republicanos, que só almejam a liberdade para si. Tudo que fo; contra o seu egoismo, ocio, aristocracia e grandeza, é condemnado como um paradoxo intoleravel!

Porque pensamos defferentemente; porque miramos o ideal supremo da democracia,--cidadãos livres, trabalho livre, e pensamento livre,--somos uns incendiarios, uns aventureiros, e amotinadores!

Como se enganam, porém, os negreiros do sul... Nós trabalhamos pela ordem e pelo progresso da patria, procurando estabelecer sem abalos, sem agitação, as condições normaes da nossa communidade social.

Nas circumstancias actuaes do Brazil, a escravida não é somente um attentado contra a philosophia, a razão, a moral e a religião; é mais que tudo isto: é um perigo imminente, um elemento terrível de convulsão social, e de desorganisação.

Está no proprio interesse dos grandes fazendeiros e proprietarios procurarem quanto antes uma solução razoavel a esse terrível e modonho problema, que se riup a todos os espiritos.

O trabalho ruivo, os principios economicos exigem que a rotina seja banida, que desapareça o braço escravo, que colono indiano, activo e intelligente possa vir competir no rotar de nossos campos com o homem livre.

Essa é a grande preocupação do pensamento do povo cearense. Nessa cruzada, toda de civilização, humanidade e progresso, não se pretende prejudicar a ninguém.

Entendam, porém, assim, ou não queiram entender os egoistas senhores potentados do sul do Imperio, pouco nos importa. Iremos por diante com a cruzada que temos pregado e organizado. Não nos assistam, nem nos arredem o animo, os insultos e apodos, do que temos sido victimas.

Si a Ceará, hontem, por uma fatalidade das leis phisicas, precisão de socorros publicos, alitis impostos pela lei fanalmenta do paiz; isto não é deplacora, nem o convergouha; e, a despeito da injuria e da affronta, que hoje lhe fazem os cearenseos do sul, bem poderá ser que amanhã tenha de salvar os da terrível condemnacão, a que foram levados por seus erros, faltas e egoismo.

Ainda cresce do dia em dia. O sentimento da liberdade invade as senzalas; não demorará muito o incendio. E, a opinião já se pronuncia.

Si por um lado partem vozes de imprecacão contra o Ceará, do outro, ergue-se o brado da justiça, defendendo-o.

O seguinte artigo da Gazeta da Tarde bem define o nosso posto de honra:

A PROVINCIA DE S. PAULO DEPOIS DA ABOLICÃO

(Gazeta da Tarde)

Ha uma singular antithese entre as provincias do Ceará e do S. Paulo. O Ceará é o heroe da abolição; S. Paulo é o castello forte do hediondo esclavagismo.

No entanto, provincia alguma está melhor preparada para a abolição, immediata, instantanea e sem indemnisação alguma, do que S. Paulo.

A rede de estradas de ferro está completa em seus grandes troncos: uns já chegaram aos confluentes navegaveis do Rio Grande ou do Paraná; outros já penetra em nas provincias limítrophas do Govaz e de Minas-Geraes.

O planalto de S. Paulo possui o mais ameno clima do mundo; a capital da provincia já é servida por lombardos e por italianos de todas as procedencias. No entanto, sabem todas as que o italiano é o imigrante mais difficil de acclimar; e sempre a primeira victimada da febre amarella.

A provincia de S. Paulo é a mais conhecida na Europa; no dia, em que se annunciase no Times, que o territorio uberriño d'essa riquissima provincia...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

estava livre, n'esse dia tomariam vapor para o porto de Santos milhares e milhares de emigrantes.

Não a negar; quem repelle o emigrante é o fazendeiro; o senhor do barco e cutello; o hospoda de chicota, de velha e do zorrango; é o usurpulo dos lotes dos colonos; o incendiario de suas choupanas; o saltao insaciavel prostituindo mulheres casadas, viúvas e orphãs.

Estes monstros do escravismo são evidentemente mil vezes mais temiveis do que o typho e a febre amarella.

No dia seguinte ao da abolição, aconteceria ao planalto do S. Paulo o mesmo que ao valle do Mississippi, depois da guerra da emancipação nos Estados Unidos. A producção em café cresceria, como a cresceu a do algodão.-- A terra-róxa e o massapê, lavrados por homens livres, produziram dez vezes mais do que regadas pelas lagrimas e pelo suor de miseros escravos.

O valle do Mississippi ora também refutado pestifero e impossivel de immigrante.

Depois da abolição verificou-se só havia chi uma peste: a escravida.

Com a liberdade a população africana multiplicou-se de um modo admiravel; as estatísticas demonstraram, nos ultimos annos, que a raça africana ainda é mais prolifica do que a famosa raça germanica.

Todos os americanos hoje dão testemunho de que o africano liberto é primeiro dos operarios para a agricultura.

A abolição trará a subdivisão do solo na provincia de S. Paulo; os fazendeiros não poderão sustentar, por mais tempo o monopólio territorial; não poderão mais impedir que se construam habitações e que se formem nucleos de população nas margens das estradas de ferro.

Ligando a população escrava actual, rigorosamente empregada na lavoura, succederão milhares e milhares de imigrantes, livres, industriosos, emprehedores; as culтивaras, os productos agricolas, as pequenas industrias multiplicar-se-hão em immensa variedade, cessará o absurdo de estar dependente só do café uma provincia, que pôde produzir sôa, vinho e todos os productos da Italia.

A experiencia está feita em todos os Estados escravistas...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

do valle do Mississippi; apesar de todos os danos e prejuizos da horrerosa guerra do cinco annos, sua prosperidade actual não tem comparacão com a dos nefandos tempos do barba exploracão dos africanos.

Tvesso a provincia de S. Paulo a coragem de decretar a abolição que em poucos annos excederia, em riqueza e prosperidade, aos mais opulentos Estados da grande republica Norte-Americana.

GAZETILHA

1.ª Vara.—O Sr. Dr. Joaquim Barbosa Lima despacha actualmante á Rua da Boa Vista n.º 3, onde pode ser proferido das 9 horas do dia até ás 3 da tarde.

Exames impossiveis.—No edital da Secretaria da Deputação Especial publicado na Gazeta do Norte de hoje se lê que: «A banca de inglez não funciona por falta dos respectivos livros exigidos pelo novo programma.»

Muito bem! Veiu mais esta agravar a injuria que se fez ao Ceará, obrigando-o a comparecer ao novo programma de exames; quando d'elle se dispunou inteiramente a Corte.

Si os Cearenses tivessem espirito de bairrismo, ou não acceitariam a nomeação de examinadores, ou imporiam para o Ceará mesma concessão que se fez a Corte.

O Governo ficou habilitado a fazer nova e maior injuria á nossa provincia, porque não viu que se resentissen da injustiça, que ella acaba de sofrer.

E assim sem ter funcionado a banca de inglez por falta dos respectivos livros exigidos pelo novo programma, terminaram hoje os exames geraes de preparatorios.

Contra o Manivão.—E' de nosso estimavel collega da Appellação em seu numero de hoje a seguinte noticia:

RESPONSABILIDADE.—Já se acham em poder do Excm. Desembargador Procurador da Corá todos os papéis concernentes a questão da prola Francisca, afim de dar a competente denuncia contra o Dr. chefe de policia perante o Superior Tribunal da Relação.

Tambem foram remettidos os documentos necessarios ao promotor publico d'esta capital.

Flórina, pensai em vós, se e' não pretendes introduzir entre nós os novos costumes.

Quanto á mim só tenho á dizer-vos: vós a fechadura que possa contrariar esta chave, e estas salva, poderis impellar uma graca, uma só! á nossa segunda magistrado.

Immediatamente Flórina por mãos á obra; ella experimentará a chave em mais de trezentas portas.

Para este trabalho ella só tinha o resão do dia; o sol baixava, e ainda ella não tinha encontrado fechadura para a chave de ouro.

Aphelegmatizemos, como vares verdes; nasua precipitação, ella não tinha a precisa serenidade para fazer convenientemente suas experiencias. O chelo e outros ajudantes armados de suas grandes focas, seguiram-na passo a passo, e atterramente d'riam a timida donzella.

A porta achava-se aberta em frente á um grande espelho pendurado á parede, e como para alli lançasse os olhos, viu sua mão e seu pé sentados em uma chajua; elles choravam, e sem duvida prantavam suas lagrimas.

Alta esta vista, a desgraçada to'ra de si gritou:

—Mens pobres pais não posso entrar a vê-los antes de morrer!

Flórina, pensai em vós, se e' não pretendes introduzir entre nós os novos costumes.

Quanto á mim só tenho á dizer-vos: vós a fechadura que possa contrariar esta chave, e estas salva, poderis impellar uma graca, uma só! á nossa segunda magistrado.

Immediatamente Flórina por mãos á obra; ella experimentará a chave em mais de trezentas portas.

Para este trabalho ella só tinha o resão do dia; o sol baixava, e ainda ella não tinha encontrado fechadura para a chave de ouro.

Aphelegmatizemos, como vares verdes; nasua precipitação, ella não tinha a precisa serenidade para fazer convenientemente suas experiencias. O chelo e outros ajudantes armados de suas grandes focas, seguiram-na passo a passo, e atterramente d'riam a timida donzella.

tal, para denunciar do administrador da cadeia publica d'esta cidade por crime de desobediencia, a proposito da mesma questão.

Jury de Soure.—Ante-hontem (6) começou a funcionar, em sua 3.ª sessão ordinaria d'este anno, o Jury de Soure.

Segunda feira foi julgado o caso João Francisco da Silva, conhecido por Cabrobó, accusado de ter dado uma cantada no sub-delegado de policia do Soure em data de 24 de Setembro do anno passado.

Pronunciado no art. 205 do código criminal, foi unanimemente absolvido pelo Jury, tendo produzido a defeza o advogado Justiniano do Serpa.

Hontem, submettidos a julgamento os rios Vicente Luiz da Silva e Manoel Caipora, accusados do crime de furtos graves, na pessoa de Raymundo Paragnay e Manoel Francisco Xavier, na povoação de S. Gonçalo, em 12 de Novembro do anno passado, foram absolvidos por unanimidade de votos.

Produziu a defeza o advogado do Justiniano do Serpa. Ha ainda dous processos por julgar.

Um pelo outro.—Em substituição ao Sr. Adelario de Paula Martins foi nomeado collector provincial do Aracaty o cidadão Raimundo Monteiro da Silva.

Autoridades do matto.—Foram nomeados: —Subdelegado de Goianninha, em Missão-Velha, Manoel Rodrigues da Costa;

—1.º supplente do mesmo lugar, Manoel Evangelista Dantas;

—1.º supplente de subdelegado em Arronches Narciso Alves de Moura;

—2.º dito, Manoel Pereira Parrião.

No sessão de hontem.—O venerando Tribunal da Relação proferiu os seguintes julgamentos.

Recurso de habeas-corpus.—Confirmou o despacho do juiz de direito da 1.ª vara da capital que mandou pôr em liberdade os pacientes Francisca, conhecida por Euzabia, e seus filhos.

Appellação crime.—Confirmou a sentença do jury do Crato que condemnou o réo Agostinho Felipe Benicio.

Appellações commerciaes.—Tomou conhecimento da appellação interposta por Augusto Alexandre Castello-Branco na questão com Francisco Pereira Marques, para julgar competente o foro de Maranguape, e decretar a nulidade da sentença appellada, afim de despresar-se os embargos oppostos a execução para se proseguir no mesma.

Det provimento a appellação interposta por Luiz Ribeiro da Cunha & Sobrinhos da sentença proferida pelo juiz do commercio da capital a favor de Duarte, Fonseca & C.º afim de julgar estes carecedores da acção intentada.

Entendam isto!...—Em o quotucionario do Cearense de hoje lê-se o seguinte periodo:

«Defronte da casa do nosso amigo Liberalino Salles, que se achava illuminada exteriormente e na qual se achava uma commissão de membros do partido liberal de Soure, que veio a esta cidade expressamente para tomar parte nos festejos, composta dos Sr. Vigarjo Pedro L. A. Feitosa, capitão José Salles, Ignacio Monteiro Gondim, Miguel F. Salles e Tito Braga.»

Decididamente foi o proprio Sr. Liberalino Salles que escreveu esse trecho que se achava illuminado exteriormente, e no qual se achava uma escuridão in-

...

...

...

...

...

...

...

...

torriamente que ninguém o entenda.

Razada do Lyroux, plangendo de bravos que fostes approvados plenamente em portuguez, desmanicai, si podeis, a nebulosa estancia do luminoso poeta.

O flado do governo.—Abriu-se um credito de 150\$000 á verba «Culto Publico» para pagar-se no vigario do Aracaty a sua congrua de Janeiro a Junho.

—Mandou-se pagar 426\$000 a Antonio Francisco Pinheiro, 1.º supplente do juiz municipal do Aracaty, pela gratificação do tempo que exerceu o juizado do direito.

—As gerentes da «Ceará Gaz Company» 350\$000 pelo novo encanamento e faparelho de gaz para a Cadeia Publica.

Limocira.—Devemos ao nosso correspondente Ricarte Antunes de Menezes o quadro, que hoje publicamos, das liberações que se tem realizado ultimamente na villa do Limocira.

Com o nosso fraternal amplexo enviamos aos generosos libertadores as nossas sinceras felicitações.

Quatro para um.—São candidatos ao Tabellionato de Soure os senhores: —Antero de Melo Cezar;

—João de Souza Donnetas. João F. da Cunha Luthares. João Felipe Ribeiro.

Mais vida e menos morte.—No trimestre de Abril a Junho ultimo deram-se na frequência de:

ARRONCHES

Baptisados 48

Do sexo masculino 27

«a» feminino 21

Casamentos 19

Obitos 20

Do sexo masculino 8

«a» feminino 12

Para a panela.—Abateram-se hoje para o consumo da manhã 45 reses; sendo 35 bois, 9 porcos e 1 carnoiro.

Depois dos bailes.—O Zabumba fez mais uma victima na brigar.

Registro mortuario.—Falleceram e tiveram sepultura no cemiterio de S. João Baptista na:

Dia 6.

14 Luzia Ribeiro, parda, 17 annos, solteira, Ipu—tuberculos pulmonares.

15 Maria Celeste Maia, branca, 43 annos, casada, Aracaty —fzbr.

Dia 7.

16 Maria, filha natural de Anna Maria; parda, 18 mezes, Fortaleza—dentição.

17 Luiz, filho legitimo de Antonio Francisco dos Santos, branco, 3 mezes, Fortaleza—clamancia.

TRIBUNA DO POVO

789 Ao publico.

Penho procurado por todos os meios compatíveis com a decencia e respeito ao publico, defender-me das injurias e torpes insinuações que me tem assacado o Sr. José N. Teixeira; mas, baldado esforço: quando supplicia teli—chamado a razão, ali vem M. Mco. aos couces e patadas.

Agora que o Sr. José Nunes Teixeira tomou o boudac expedito de occultar sua respeitavel firma sob o pseudonimo Vigilante, forçoso é confessar que estou deveras temeroso; pois que por tal meio é mais facil ser eu subjugado, o que

POLHETIM

(CONTÓ MARAVILHOSO.)

FLORINA.

(CONTÓ MARAVILHOSO.)

Havia uma creança popular que ninguem devia entrar na caverna da montanha, chamavão-na a caverna magdala; todos os pastores a avistavam de longe, mas não os avistavam approximadamente della.

Entretanto Flórina, a famosa pastora, que, ha tres annos conduzia as vacas a pastagem, sentia um violento desejo de saber o que havia naquelle caverna, e de dia a dia ella experimentava mais viva curiosidade. Mal completou seus dezessete annos, disse ella consigo—sou moça, não devo mais ter medo.

Um dia, pois, ella deixou o rebanho sob a guarda de seu jovem irmão, deixando-lhe que a collor morangas; mas ella concebera outro pensamento, e entrou na floresta, dirigindo-se para a terrível caverna.

Penetrou na caverna sem hesitar, ante sua curiosidade era viva, mas apenas des alguns passos, veiu-lhe o desejo de recuar.

Infortunadamente não era contra parede; a caverna doçava e a medulla que ella avistava, era o que era mais maravilhoso, ella era de uma belleza sufficiente para caminhar... Por toda a parte um clarão, cujos raios não tinham focos projectiva, e Flórina litorajava no longe outra abertura da montanha, que parecia convertida a animal-se proseguir sua jornada.

Elia acelerou o passo, porque temia que a caverna fechando-se por diante, fosse sepultada viva na montanha.

Não foi Flórina, depois de ter caminhado longo tempo, muito tempo,

sem cessar de ver muito longe de si a abertura, que ella acreditava nunca atingir, chegou ao fim, e ficou bem surpreendida de descobrir um paiz maravilhoso, e mil cousas das quaes não tinha idea alguma.

O ceo era rosso, a herva e as folhas azues, as menores borbotelas eram grandes como folhas de spumero, e agua jorrava aqui e acolá em mollos de espinhos scintillantes, que extrahiam os mais suaves perfumes, os gomos de pelo branco, de corcos dourados, de olhos azues, que vinham beber á essas fontes embelesantadas, dançavam ao redor da donzella, e fallavam-lhe um idioma desconhecido mas tão doce e tão sonoro, que ella sentia indivisivel prazer em ouvi-lo, tão expressivo que, em poucos momentos ella advinhava quasi tudo; o verdade que essas lindas creaturas occupavam-se salteado de sua belleza.

Flórina marchava de surpresa em surpresa; todo esse paiz encantado parecia ser o seu destino. Ella moveu por traz de muitas arvores, inteiramente novas para si, concebio de vozes humanas, para esse lado dirigia-se ella.

Na quadra de uma avenida jurcunda de ouro, ella avistou, através de magnificas sombras, um palacio de prodigiosa belleza. A medulla que parecia ser a entrada, era um túnel, curvo, ornado com rizes, cuja luz parecia ser a luz do sol.

Elia não osou apresentar-se á grande entrada, e fazendo um devoto, abraçou-se de uma joella laxa. O devoto de sahia um odor da mais appetitosa consistia do mundo.

Elia lateo limitando-se a porta. Um grande consinheiro appareceu, que fallou-lhe com voz aspera:

—Que procenas são?

—Proceno me caminhar, senhor, e

propoz-me dizer-me por onde puderei voltar a minha casa.

—Ah! sóis a bella, que atravessastes a montanha! Sóis bem vinda, Flórina! não esperavamos senão a vós!

Ligando estas palavras com riso sardonico, o grande consinheiro afava sua face a um amolador do ago, e arremessava sobre a donzella olhares fulgentes.

—Báira, disse-lhe elle; mademoiselle entre, vosso caminho é por aqui. Flórina, depois de ter percorrido um longo corredor, achou-se no meio de uma vasta cozinha, onde vinte marmellos e outros lindos criados estavam occupados nos apressos de um sumptuoso festim.

Por toda a parte coziam-se as vindas, trahiam-se as aves. Ao mesmo tempo trinta marmellos estavam occupados; mas a pastora arreprehendo-se vendo á maior desmarmellos aberta e vazia junto ao fogão, e mais grado, seu espanto, não pôde conter-se, e disse a meia voz:

—Senhor consinheiro, porque esta marmella não está cheia como as outras?

—Porque ella esperava a sua cage, Flórina, e está acaba de chegar neste momento. Reis vós a quem nós esperavamos para pôr dentro, e quando os estiverdes prompta, começará o festim.

Flórina desistiu a chorar, e pediu ao consinheiro que possapasse-lhe a vida.

—Aquí ha um meio de salvacão para vós, se não quizerdes morrer. Desce a um chavo de ouro; prochari no topo do palacio a porta, que ella poder abrir. Se acares, no a não vos esparrenos, e escolhermos outra pessoa para o festim de Sua Magestade.

—Em nome do rei, senhor consinheiro, não ponhais passa alguma em mim; ligar neste momento! Não ha aqui vândas em abundancia para a refecção de Sua Magestade!

(Continúa.)

ton em nossas almas—a gratidão para com os nossos benefactores, a veneração por todas as cousas, que os representam!

Confundem os hereges e idolatras, dos falsos deuses, e do culto de idola, que a Igreja rende aos santos, e por causa d'elles as suas imagens!

Toda sua argumentação funda-se sobre a cronica, falsa e desparatada interpretação, que fazem do v. 4. do cap. 20 do Exodo. E' verdade que este texto apresenta a primeira vista alguma difficuldade; esta porém desaparece se nós o examinarmos á luz da razão, e da mesma Scriptura pelo contexto, e por outros muitos textos, que entendem com a seguinte:

«O texto alludido é como se segue: «*Não farás nenhuma escultura, nem figura de tudo, que ha em cima no céu, e em baixo sobre a terra, nem do que ha nas aguas debaixo da terra.*»

Logo, dizem os protestantes, as imagens são prohibidas. Si esta conclusão fosse verdadeira; si este texto se devesse entender no seu literal, como quem os protestantes, não nos levariamos a contentar com uma conclusão tão restricta, mas tirar do principio enunciado toda a conclusão latissima que n'elle se contém o que por este texto são condemnadas a exphora a a pintura.

Ora isto é simplesmente absurdo, ou antes grosseiramente absurdo.

Entendemos que se pode tomar o texto no seu sentido literal, não como quem os protestantes, mas como indica o contexto; tanto no verso precedente, como no subsequente.

Em 3.º versos, que são o 3.º, 4.º e 5.º do cap. 20 do Exodo, expõem o 1.º mandamento do decalogo.

O 3.º diz: *não terás deuses estranhos em minha presença.*

O 4.º diz: *não farás escultura, figura, ou imagens, etc.*

O 5.º diz: *não as adoraras etc.*

Aqui não ha 2 preceitos, mas um preceito só, prohibindo 2 cousas correlativas: 1.º adorar os deuses dos gentios, 2.º adorar os seus simulacros.

Que é um preceito só, é claro, pois que á não ser assim os mandamentos já não seriam 10, mas 11. Ora todo o mundo sabe que são dez, tanto que são chamados o decalogo. De

**POLHETIM**  
**FLORINA.**  
(CONTINUAÇÃO MARAVILHOSA.)

—(Continuação.)  
Pallando assim, ella precipitou-se ao vianamente para a sua mãe para abraçá-la, que a chorava de ouro saltando dentro no cospelho e folheando mil pedacinhos de cera, por trat do espelho achava-se uma porta occulta; esta porta tinha uma fechadura, esta fechadura continha, perfeitamente a chave do ouro. Logo que a pobreza se apercebeu, a porta abriu-se.  
—Não esperavamos senão a vós bella Florina, disse-lhe o jovem e lindo monarca, apresentando-lhe, em magnifica sala, sete oitões, a mais brilhante do mundo inteiro.  
A pastora, olhando para si mesma, viu-se como transformada. Entendeu em si não havia mudança senão no vestuario, que resplandecia de diamantes e rubis. Florina nasceu bella, mas não necessitava de outros ornatos para transformá-la em outra primeira.  
Entretanto, no meio do esplendor soberano, o jovem monarca calava pensativo, e melancólico; parecia exposto a uma secreta inquietude, e confundida a estranheza á mesa do festim, disse-lhe com voz commovente:  
—Formosa Florina, tendes alguma grãcia a pedir-me, qual é?  
—Ah! senhor, respondeu ella, não hesitarei em pedir-vos que me deis a tua e a tua mãe, mas, vosso felicidade e vossa gloria tocam-me mais do que tudo, eis porque peço-vos a graça de toda a vida, que me permitta casar-me com os vossos dois filhos.  
—Ora, disse-lhe o monarca, não hesitareis em dar-me a tua e a tua mãe, mas, vosso felicidade e vossa gloria tocam-me mais do que tudo, eis porque peço-vos a graça de toda a vida, que me permitta casar-me com os vossos dois filhos.

mas se houvesse aqui 2 preceitos, o mandamento do 1.º taboa já não seriam 3, mas 4, erro esse, em que quem grosseiramente os protestantes contra a tradição mais seguida dos seculos christãos.

E' verdade que Hesichio e Osignes contavam tambem a respeito na 1.º taboa, e 6 na 2.º, como os protestantes; mas essa opinião foi abandonada por ter contra si os santos padres, entre os quaes, S. Agostinho, e S. Thomaz.

Que esse preceito não prohibe fazer estatuas, esculturas, ou imagens, senão quando se faz para serem adorados, prova-se:

1.º Pelo absurdo, que se seguiria de se a doutrina, como já heug dicto.

2.º Porque assim o dizo Levítico, que, tratando do mesmo preceito, assim se expressa: «*não farás idolo, nem escultura etc. para adoraras.*»

3.º Porque o mesmo Deus mandou á Moyses fazer 2 cherubins de ouro e pol-os de cada lado da arca (Exodo cap. 25 VV 18, 19, 20); e no Livro dos Números, e 21—8 lê-se: *farás uma serpente de bronze, e a parrás por aquil: o que fu ferido e dar para ella, viverá.* Ora sabese que essa serpente de bronze era uma figura de N. S. J. Ch.

Mas dirão os protestantes, tanto monta adorar um idolo, como a imagem d'um sancto, pois toda a devoção que não é dirigida á Deus, é uma idolatria.

E quem o contesta? Não é essa a doutrina clara, e constante da Igreja?

Para que fingis ignorar? Não vo-lo temos dicto milhares de vezes? Ora si a Igreja diz que não devemos adorar as imagens, mas somente venerá-las, ouzais affirmar que a Igreja prega uma doutrina, e observa outra? Mas tanta teimosia desanda em ridiculo.

—794—  
**Telegramma.**  
Rua do Major Facundo, primeiro quartelão: Depois do saltar-se muros, espantando-se galinhas e porcos, entra-se pela frente. Caudidamente, acordando das suas *magas*, os primeiros raios do Sol!

—793—  
**Publico**  
Tendo eu prometido ao publico, patentear as feitas do *Recebidissimo Padre Liberato Cacez*; declaro que deixo de o fazer por pedido de um amigo, ao qual não devo fallar.

Em vista disto, aggradeço-me para a primeira occasião.

Manoel Nabuco.

—794—  
**Telegramma.**  
Rua do Major Facundo, primeiro quartelão: Depois do saltar-se muros, espantando-se galinhas e porcos, entra-se pela frente. Caudidamente, acordando das suas *magas*, os primeiros raios do Sol!

—793—  
**Publico**  
Tendo eu prometido ao publico, patentear as feitas do *Recebidissimo Padre Liberato Cacez*; declaro que deixo de o fazer por pedido de um amigo, ao qual não devo fallar.

—794—  
**Telegramma.**  
Rua do Major Facundo, primeiro quartelão: Depois do saltar-se muros, espantando-se galinhas e porcos, entra-se pela frente. Caudidamente, acordando das suas *magas*, os primeiros raios do Sol!

—793—  
**Publico**  
Tendo eu prometido ao publico, patentear as feitas do *Recebidissimo Padre Liberato Cacez*; declaro que deixo de o fazer por pedido de um amigo, ao qual não devo fallar.

**VARIEDADES**

**Encyclopediana.**  
—O *Diario de Noticias da Bahia*, publicou a seguinte recapitulação dos seus annuncios:  
—Aluga-se um bom sobrado;  
—Andou-se o Xico salgado;  
—Traspasou-se um armazem;  
—P. C. o. ! Sofro meo bem!  
—Tem bom calculo o *Saltão*;  
—Furoo vendi o *Leão*;  
—Tem do tudo o *Barracão*;  
—Vende lãvas e *Fendia*;  
—Glegem nova manilhada;  
—Quer chitas? Vá ao *Triangulo*;  
—*Moude-Christo* é hoje *Triangulo*;  
—No jogo das *popelines*.  
—Vos *baizes* já não ha guiso;  
—Perdeu-se um cão todo branco;  
—Sou só len! eró que sou franco;  
—Vende soltas as *Almas d'Oró*;  
—Pezesé hoje no *Thesouro*?!  
—Quem quer rubias indolitas?  
—Vende o *Castro* lindos lãguis;  
—Compram-se lãas e *chachores*;  
—Vende o *Marinho* bons *fortes*.  
—Quer *cachalotes* no *Paraiso*.  
—Perdeu-se um *Botas* um *brinco*!  
—Tudo len e *ó*.  
—Vende-se um lindo *coupe*.  
—Tem o *Mezuro* bom *rapé*.  
—Quer *juas* no *Mariz* *Pinto*.  
—O *Mozuro* tem *leão* *tinto*.  
—Quer-se um *professor* de *dança*.  
—Quero *for* as *Alfomgas*.  
—Compra, do certo, um *vestido*.  
—No *Passeio*! não quejido!  
—Compram-se *uma* *grãcia* *idiale*.  
—Na *laja* do *Prohibido* ha lindas *chitas* de *colletas*.  
—O *mezuro* *de* *Albas* *Pinto*.  
—Vende o *diabo* *solto*.  
—*Palais* *Regal* *bon* *lãguis*.  
—*Castro* *larado* o *Duro*.  
—Quer em *noticias* é *mi* *vario*.

**Quadras Populares.**  
Atirei com um limão n'agua  
—Relando foi a fundio;  
—Triste da moça solteira  
Que cai na bocca do mundo.  
—  
As telhas do teu tellado,  
Com as pedras do teu muro,  
E' que podem declarar-te  
As vezes que eu te procuro.  
—  
Quando passares por mim,  
Põe os teus olhos no chifro.  
Podemos querer-nos bem  
E o mundo cuidar que não.  
—  
Os olhos desta mocinha,  
São vivos como um tigeio;  
Mas quando toca a viola  
Morrem, meu Deus, do paixão.  
—  
Minha avó chama-se *Caca*  
Minha mãe *Caca* *Maria*.  
—Valha-me Nossa Senhora  
Sou filho da *Cacaria*.  
—  
Minha mãe me deu um dote  
Um dote de 3 ovelhas;  
—E uma torta, outra aleijada  
E outra sem orelhas.  
—  
Menina da saia branca,  
Gravata da mesma cor;  
Pede a teu pai que te case  
Antes que eu tome amor.  
—  
Defronte da minha porta  
Mora uma chocalheira;  
Leva novas, traz recados,  
Anda sempre na carreira.  
—  
O annuncio já invado é *comer*.  
N'um cemiterio de Paris lê-se  
o seguinte epitaphio:  
Aqui jaz Joanna Faber  
Mulher de Thomaz Faber  
Marmorista  
Este monumento lhe foi erigido  
pelo seu esposo como  
amostra do seu trabalho.

Em outro cemiterio de Paris, lêem-se os dous seguintes e curiosissimos epitaphios, que denunciavam bem o espirito commercial da nossa epocha:  
Diz um:  
Aqui jaz  
Madame N...  
Fallecida na idade de quarenta e quatro annos  
Foi esposo de Mr. N..., mestre serralleiro  
A grade que rodeia este monumento foi  
Fabricada nas officinas de seu marido  
Diz o outro:  
A qui jaz Mr. A...  
Sua inconsoavel viuva annuncia aos freguezes  
Do defuncto, que continúa á testa do seu  
Estabelecimento de sedas, na  
De S. Diniz  
Julio Cesar, que foi nomeado deus e o pai da patria; que sua esposa foi declarada sagrada, a cujo nome deram um dos mezos de anno, que cultuham moedas com sua effigie, que lhe levantaram estatuas em todas as cidades do imperio; que para o anniversario do seu nascimento instituiram sacrificios publicos, que até fallaram do pó no numero dos deuses, não escapou de ser sacrificado á inveja de 60 senadores de seu mesmo partido, e um senado foi morto com 23 punhaladas salidas de mão que tinha accumulado de beneficências.  
—Querendo duas mulheres se confusar, apellamam nos pés do um padre, procurando cada uma dellas ser a primeira: o padre, por ser termo a semelhante contenda, disse: fiquem a mais velha; immediatamente levantaram-se ambas

**LIÇÃO DE HISTORIA**  
Quando Urbano Grandier Foi queimado em Itapirica.

Embarrasou p'ra Villa-Rica.  
O visconde Curvier.  
O duque de Branger  
C'uma espingarda d'agulha  
Foz fugir toda a patrulla  
Do sultão de Caudalhar,  
Os quaes foram se occultar  
Na travessa do Pampulha.

Twando sanfona Hypparcho  
N'um baile do boy d'Azgel  
Dausava Guilherme Toll  
A Givolta com Plutarcho  
As rãs gransando no chiaro  
Não deixaram concluir  
A conta de repartir  
Que *Kati* foz com Jacob  
Na ponte de Itororo  
Junto do Alcaer-quirir.

A donzella Theodora  
Fingindo a Vasco da Gama,  
Guardou a roupa da cama  
Na boocca de Pandora.  
Quando Jarbas foi-se embora  
A velha do Syracusa  
Poz lhe um remedio na blusa;  
N'esso dia Manassés  
E-teve dando cafés  
Na cabeça de Moluz.

David já era um marmanjo  
Quando immigrou p'ra Suécia  
Bastó quiz ficar na Grecia  
Por *lê* fazer isso aranja;  
Porém S. Miguel o anjo  
Que era visinho das freiras,  
Levou trez montes inteiras  
A discutir com Grávia  
Questões de *lana caprina*.  
Em Sant'Anna das palmeiras.

Um juiz, um official e um  
releasistico chegaram pela posta  
a uma pequena cidade, cuja  
casa de posta era tambem  
uma hospedaria.  
Apenas se aporaram, cada um  
delles pediu uma cama; mas o  
dono da casa só tinha uma, e  
era costume na casa dormir na  
cama e virajanto, que primeiro  
chegasse, contentando-se os que  
vinham depois só com um colchão.  
N'isto caso todos queriam a  
cama, e o estaladeiro tinha  
que decidir a quem.  
—Quem são Vmcs. perguntou  
elle, e onde tem residido até  
agora?  
—Estive destacado trez annos  
em B., respondeu o official.  
—E em, disse o juiz, ha dez  
anos que estou em F., como  
conselheiro do tribunal.  
—Eu, fallou por sua vez o  
sacerdote, tenho residido em  
Z., como pregador por espaço  
de vinte e cinco annos.  
—Então, acrescentou o hospedeiro,  
está acabada a contenda.  
Vmc. Sr. Official esteve  
destacado trez annos, o Sr. Juiz  
reside n'aquella cidade ha dez  
annos, porém o Sr. Cura tem  
estado de pé pelo espaço de  
vinte e cinco annos; pertence  
lhe pois a cama.

—O rei da Prussia viajava  
incognito pela Hungria; encon-  
trou nos arredores de Teplitz  
um juiz hungaro que passava  
muito tranquilamente a fumar  
no seu cachimbo de porcellana.  
—O rei apostrophou sem mais  
ceremonia o juiz:  
—Quem és tu, meu rapaz?  
—Juiz nesta terra, respondeu  
o magistrado um tanto sor-  
preto.  
—Estás contente com a tua  
posição?  
—Por certo.  
—Está bom, dou-te os parabens.  
—O rei ia-se afastando; o juiz  
retroveo.  
—E tu, meu rapaz, perguntou-  
lhe, quem és?  
—Osobrano ia dar do resolu-  
bros, mas tomou outra resolu-  
ção, e acreditando dar uma  
resposta triplamente:  
—Eu sou o rei da Prussia!  
O hungaro ficou impassivel.  
—Estás contente com a tua  
posição? continuou.  
—Por certo, balbucio Frederico  
Guilherme, insensivelmente  
perturbado com a indifferença  
do seu interlocutor.  
—Está bom, dou-te os meus  
parabens disse o magyaz sauda-  
ndo sua magestade com bo-  
nhomia e continuo seu pas-  
sageo.  
—A historia é authentica e co-  
nhecida em toda a Alemanha.

—O rei da Prussia viajava incognito pela Hungria; encontrou nos arredores de Teplitz um juiz hungaro que passava muito tranquilamente a fumar no seu cachimbo de porcellana.  
—O rei apostrophou sem mais cerimonia o juiz:  
—Quem és tu, meu rapaz?  
—Juiz nesta terra, respondeu o magistrado um tanto sorpreto.  
—Estás contente com a tua posição?  
—Por certo.  
—Está bom, dou-te os parabens.  
—O rei ia-se afastando; o juiz retroveo.  
—E tu, meu rapaz, perguntou-lhe, quem és?  
—Osobrano ia dar do resolu-bros, mas tomou outra resolu-ção, e acreditando dar uma resposta triplamente:  
—Eu sou o rei da Prussia!  
O hungaro ficou impassivel.  
—Estás contente com a tua posição? continuou.  
—Por certo, balbucio Frederico Guilherme, insensivelmente perturbado com a indifferença do seu interlocutor.  
—Está bom, dou-te os meus parabens disse o magyaz saudando sua magestade com bonhomia e continuo seu passageo.  
—A historia é authentica e conhecida em toda a Alemanha.

**SONETO**  
Livrando as feras brutas vras chegadas  
Do cinco ao mais, em jasão impellidas,  
Via a terra grãcia, curtiçados,  
Com soltos e p'cosos alludidos.

Atas a demandar sem comilhandas  
Agora as allufões ficam estudadas  
Est quiza, com a chifra, entrefezas  
De boudades se feroz f'z ferendo

Porque entras vibrante e destinado  
Est jaso, com se feroz comitadas,  
O cado do povo f'z erguido?

Delle então fugiria a cabellaria,  
Se soubesse que sua mais alludida,  
Pois que viva com a comitadas, na alludida

Um individuo que tinha  
mais dinheiro que huez, es-  
tando a morrer depois de  
molestia prolongada, deu a  
seguinte ordem:  
—Desjo que façam autopsia  
no meu cadaver logo que eu  
tinha expirado; se medicos que  
me tem tratado tem estado em  
total divergencia sobre a qual-  
idade de minha molestia, que  
eu que o saber n'um cortez de  
que molestia me

N'um circulo politico dizia  
um esportallido:  
—Tenho occupado cargos  
muito importantes na cidade,  
desde o do subdelegado, verea-

APÊNDICE F - TEXTO DE *BIOGRAFIA DE UMA PENA EM O ÁLBUM*

284

O ALBUM

Por amor d'elle ha quem commetta villanias e—  
o que é mais extraordinario — ha quem minta a  
cada hora, a cada minuto, a cada segundo.

Uma vez encarnado no macaco aperfeiçoado da  
civilização — o homem —, funde-se nelle, sente com  
elle e, depois de bem exploral-o, remette-o para a  
fascinadora consorte D. Ambição, que está atraz  
da cortina e espia de longe os escravos que o espo-  
so vae fazendo.

— Quem é, afinal, o typo convencional acima  
esboçado, casado com a Ambição?

E', leitor, o peor dos inimigos da tua alma, é o  
preposto da vida sonante, que se chama universal-  
mente o Interesse!

ARTHUR GUIMARÃES.

## NINHO DESPEDAÇADO

A MINHA MÃE

Oiseaux,  
Nichez loin de nous dans l'azur,  
Sully Prudhomme (LE PRISME).

Dentro de um ninho, atropeladamente,  
Corpos pequenos jazem machucados,  
Azas inertes, confundidamente,  
Remiges soltas, bicos arrancados!...

Pendido ha pouco á margem do caminho  
Forte rajada ao longe o arremessou!  
Quantos amores nesse pobre ninho!  
Quanta esperança não se lacerou!

A mãe dos filhos nem sequer suspeita!  
O alimento procura azafamada,  
E, quando volta ao ninho, satisfeita,  
Ai! como é triste a volta desgraçada!

Antes um raio lhe partisse ao meio  
Que ver a scena que ella vira agora...  
Chuva de espinhos lhe cravára o seio...  
— Quem não tem lagrimas como é que chora?...

Os pobresinhos nem chamar puderam  
A mãe que andava a procurar o pão,  
Tristes, trementes, timidos, bem leram  
No azul do céu a aza do tufão!

Num desespero lascinante, ó dor?  
Egual ás magoas de Maria em pranto,  
Ella em arranco de esplendente amor,  
Geme e soluça num funereo canto.

Depois distende sobre o roto ninho  
As curvas azas dolorosamente,  
E triste morre á margem do caminho...  
— Mãe, sempre és bella e nunca indifferente!

Rio, 1893.

LEONIDAS E SÁ.

## BIOGRAPHIA DE UMA PENNA

Declinava a tarde melancolicamente. O oceano,  
espelho do céu, estava pallidamente azul.

Eu, partilhando da melancolia que accommette a  
natureza ao pôr do sol, fui sentar-me á beira mar,  
para ver se as vagas me traziam algum lenitivo.

Olhei ao acaso para o chão, e vi uma penna velha  
que, ao ver-me fital-a, cortezmente me saudou,  
cheia de reverencia, deixando perceber em seus  
modos que era penna illustrada ou, pelo menos,  
acostumada a grande tratamento.

Correspondendo ao seu gentil cumprimento, ma-  
nifestesteei-lhe a minha satisfação por encontrar  
naquellas paragens uma companheira tão interes-  
sante.

Passados alguns minutos, a penna conversava  
commigo, tão amigavelmente, como se ha annos  
fossemos conhecidas e tivessemos já dado sobejas  
provas de nossa reciproca lealdade. E' que o isola-  
mento tem o singular poder de dar um encanto  
particular ás expansivas expressões da alma.

Eu, que começava vivamente a interessar-me  
pela penna, pedi-lhe que me contasse a causa de  
suas magoas, pois ella deixava transparecer a tris-  
teza no accento de suas palavras e no tristonho som  
de sua voz. Disse-me que procurava a solidão,  
para occultar-se do bulicio do mundo, que muito a  
incommodava.

Começou, pois, a narrar-me a sua vida, dando á  
sua voz aquella expressão de sinceridade, que ja-  
mais pôde ser imitada.

Disse-me: Eu fui fabricada em Londres, onde as  
minhas mais respeitaveis companheiras têm visto a  
luz do dia. Passei por innumerous processos até tor-  
nar-me uma verdadeira penna, isto é, polida e  
acabada.

Comecei, pois, a viver no dia em que fui collo-  
cada numa luxuosa caixinha de papelão.

O meu senhor, ou o dono da fabrica a que eu  
pertencia, satisfazendo a um pedido, que tivera de  
uma casa commercial do Rio de Janeiro, de um  
grande sortimento de papeis e objectos de escripto-  
rio, fez-me embarcar num grande vapor com des-  
tino á capital do Brasil.

No vapor, occupando os compartimentos menos  
importantes, fui alojada no porão, de sorte que  
fiquei alheia a todas as aventuras de viagem.

Soube, e isso mesmo por um abelhudo tinteiro,  
que estavamos quasi a ter um tragico fim, isto é,  
a sermos lançados no oceano, porque o piloto, te-  
mendo uma grande borrasca, aconselhava que pu-  
zessem cargas ao mar. Isso, porém, não se realisou,  
porque o accidente, temido pelo piloto, terminára,  
dando logar a uma excellente viagem.

Chegada que fui ao Rio de Janeiro, tive um vis-  
toso logar numa magnifica *vitrine* da rua do Ou-  
vidor. Ahi, ao pé de rico album de autographos,  
de lindas caixas de papel phantasia, de bellos

cartões e de uma grande variedades de tinteiros e canetas, fui collocada.

Já conhecia alguns objectos estrangeiros, como, por exemplo, um areeiro chinês, que me contava maravilhosos casos de seu paiz.

Confesso-vos que senti grande pezar quando fui vendida a um transeunte, e me despedi de minha familia, isto é, das outras pennas, que ficavam na caixinha. Chorei muito.

Nesse mesmo dia o meu novo possuidor fazia-me mergulhar num oceano horrivel, tempestuoso e negro. Estava dentro de um grande tinteiro feio e antigo, suspensa numa caneta de pão, grosseira e roliça. Eu sahia de dentro do tinteiro, nervosa, temendo que o banhista, isto é, a caneta, me deixasse a mão e eu morresse afogada.

Comecei, então, machinalmente, a correr sobre o papel, impulsionada pela forte mão de um robusto estudante de medicina. Era esse o transeunte que me havia comprado.

Tracei grandes trechos de medicina, cheios de termos apropriados. O estudante escrevia a sua these, para apresental-a d'ahi a dias á Faculdade.

Immediatamente senti grande differença, não só sobre o papel em que corria, como tambem sobre a diversidade das expressões.

Os termos medicos foram substituidos por termos amorosos, doces como o nectar celeste de que tanto fallam os poetas.

D'ahi a pouco, nova desillusão: eu fazia o rol da roupa servida e escrevia frios algarismos.

Depois, rabisquei uma feia correspondencia anonyma contra um visinho, fiz um soneto mal metrificado, copiei umas notas importantes, até que... já velha, quando precisava de carinho, de consolo, fui atirada á rua.

Hontem embarquei numa pequena enxurrada e vim ter aqui. Quero ver se no meio das vagas encontro o agasalho que os homens me negaram.

Ha pouco, meditando, tinha dito commigo mesma: Quem sabe se teria sido mais feliz se tivesse sido lançada no oceano, na occasião em que o tinteiro e eu rezavamos, supplicando e pedindo pela vida?

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

### (PALLIDAS) E (PHANTOS)

As *Pallidas*, poesias do Sr. Dr. Fernando de Alencar, reunidas num volume bem manufacturado na Imprensa Official de Minas Geraes, têm o defeito — gravissimo no genero — de ser um tanto serodias não só na fórma como no fundo.

O poeta explora o explorado: faz versos a Christo, a Mirabeau, a Napoleão etc, mas tão momentosos assumptos nada lhe inspiram que já não se tenha dito... com mais talento.

Ha trinta annos este livro produziria o seu effeito; hoje passará despercebido, como tantos outros, apesar de ser mais correcto e mais sincero que a maior parte dos versos que por ahi se publicam todos os dias.

Não quer isto dizer que o Sr. Dr. Fernando de Alencar seja um puritano da fórma, pois nenhum homem de gosto lhe perdoará, por exemplo, o verso inicial da composição intitulada a *Batalha*:

Se approximando vão os dous exercitos...

Num prefacio, escripto em prosa metrificada, o poeta declara que não se prende a nenhuma escola. Eu não lhe peço que tenha uma escola; peço-lhe apenas que seja mais moderno, e não nos dê nesta epoca *pallidos* arremedos de Casemiro Delavigne.

Conto que um novo livro de versos do Dr. Fernando de Alencar me disponha em seu favor. E' o que desejo, se não pelo poeta, que não tenho a honra de conhecer pessoalmente, ao menos pelo seu pesado e glorioso appellido.

Na capital do Ceará existe uma sympathica associação de moços litteratos, espanta-burguezes, que se denomina Padaria Espiritual, e mantêm — ou mantinha — uma revista muito interessante intitulada o *Pão*.

A Padaria Espiritual tem uma bibliotheca sua, quero dizer, composta exclusivamente de produções dos respectivos *padeiros*. Essa bibliotheca foi agora accrescentada com um volumezinho de sessenta e tantas paginas, intitulado *Phantos*, contendo versos que muitas vezes deixam de ser versos, e assignado por Lopes Filho.

Uma carta-prefacio, escripta por Antonio Salles, um *padeiro* de talento, que ha tres ou quatro annos presenteou as letras com bom volume de *Versos diversos*, predispõe-me em favor do poeta e faz-me de ante mão desculpar os seus defeitos.

Os *Simplex*, de Guerra Junqueiro, não podiam deixar de exercer uma influencia funesta na poesia brasileira. Este livrinho dos *Phantos* já não é o primeiro syntoma d'essa influencia.

A patacoada do decadismo não se compadece com a nossa lingua nem com o nosso temperamento. Deixem-se essas extravagancias para uma litteratura velha, septica e *blasée* como a franceza, que diz:

Il nous faut du nouveau, ne fût il plus au monde,

e vae respigar no espolio dos *fabliaux* deixados pelos jograes e menestrels da idade media. Verlaine é um Villon redivivo.

Demais — vamos e venhamos! — para seguir as pegadas dos Mallarmés e dos Moreas, e embarafustar por aquelle mysticismo a dentro, é indispensavel um preparo muito especial, que nós não

## APÊNDICE G - TEXTO DE A PORTA DO PARAÍSO EM ECHO DAS DAMAS

### ECHO DAS DAMAS

—Que lindo presente! mamã, disse elle esfregando as mãos.

—Lindo! lindo! repetiu uma das meninas, e de quem é, mamã? perguntou ella.

—É de Emma, minha querida, vocês vão ter a sua «arvore» e ella tem joias de noivado, em troca.

—É a arvore, Mamã? porque a não trazem?

—Ha de chegar, Joe, vai tu dizer ao feitor que a traga para já acabar-mos com isso cedo, disse escondendo entre uns arbustos a cestinha de forma que não se a visse, com presteza.

—Eu vou, mamã, porém Emma já a teria fiteado?

—Provavelmente, porque se faltavam as velhas, Olha;—diz que trago a caixa de muzica igualmente.

—Não é pezada?

—A trará o criado, meu filho.

—Quem me dera que a tivesse na sorte!... disse Joe suspirando.

—Eu só quero a coroa, mamã, replicou uma das pequeninas passando as mãos sobre o cabelo em caracóis.

—Eu quizera tudo! disse intervindo a outra satisfeita, e rindo-se.

Estou bem certa disso; ella, vai brincar, ou por outra, ajudar a sua irmã que está bem estafada. A noite serão satisfeitos.

As duas sahirão discutidas a correr pela escada que dava para o pomar. A ingleza distraitamente a brincar com os dedos, olhava a rosa; alguma cousa porém attrahio-lhe a attenção.

Elle ergueu-se o prou a janella, olhando em frente.

(Continúa)

IONEZ SABINO DE PINHO MAIA.

#### SERÕES CAMPESTRES

##### «A PORTA DO PARAÍSO»

###### I

—Mecê não acredita, Inhá...  
—Acredito, sim, tia Floripa; conte.  
—Não acredita, eu sei; mas sou capaz de jurar, com as mãos sobre as sagradas escripturas, em como vi abrir-se a porta do Paraíso.  
—Conte!

Diz-se que as mulheres são curiosas; eu sou mais do que todas as mulheres.

Tanto insisti, tão supplices falaram os meus olhos aos olhos enovoados da velha paulista, que a bondosa creatura, em cuja alma serenissima brilhavam as charmas divinamente bellas da creança e da simplicidade bíblica, decidia-se a falar...

###### II

A noite estava esplendida; mas quente.

Abandonamos a casa em busca de uma aura refrigeradora e sentados no terreiro, á tenue claridade das estrelas, absorvemo-nos nas nossas recordações e na saudade mordente dos ausentes amados, que ellas acordavam no fundo de nossos corações...

As vozes monótonas dos patricios, partido de pontos diversos, alternadas em accelerada respondencia, formavam com o canto estridente dos grilos, e zumbido dos insectos noctivagos e os mil rumores indefinidos das paragens arredores, uma orchestra extranha, que não era destituida de encanto.

Em toda a extensão dos descampados circundantes, por entre as alvas e ondeantes plumas dos ubás, as formosas touceiras da brejauva e as folhas elegantissimas das bananeiras guaymbós, brilhavam e extinguíam-se, com phantastica rapidez, as chammas docemente azoladas de milhares de pyralampas; as grandes arvores de sombras poupatas pelo machado derrubado para abrigo das alimarias avultavam agostosas no cimo das immittencias, como atalaías vigilantes destas solidões...

E porque onucto os mais deliciosos quadros uma sombra expressiva, a voz metálica e agoureira de uma sayndria feria-nos o ouvido, de espaço, pondo uma nota sinistra na doce serenidade daquella formosissima noite primaveril.

###### III

Iluminára-se a face pallida e rugosa da Tia Floripa; e ella falou-me assim: —«Tu era pequenina, Inhá, e quanto minhas irmãs corriam pelo grande terreiro da casa de meu pae, que era sitioiro, brincando—«Bento que bento frate,» eu que sempre fui muito fraca e franzina, e que não tinha forças para correr com as outras creanças, deitei-me em uma esteira e fiquei a olhar para o céu.

A noite era bonita como esta; o céu estava tão crivado de estrelas, que não havia entre ellas espaço para a cabeça de um elfeto, e o caminho de S. Felipe, e de São Thiago brilhavam tanto, que os olhos doíam-me de olhar para elle.

O céu é bixo aos innocentes, Inhá! á medida porém, que vamos crescendo, em annos e em peccados elle vne-se afastando de nós, até que collocar-se tão alto, tão alto, que a gente velha chega a perder toda a esperança de alcançal-o no dia da morte.

Nessa noite eu via o céu ainda mais proximo do que nas outras; afigurava-se-me que, para alcançal-o, bastava pô-me de pé e levantar para elle os meus bracinhos.

E eu olhava para o céu, esquecida de todos, esquecida de tudo, sem far-tar-me de contemplat-ol

Nisto bem perto do caminho de São Felipe, uma grande nuvem prateada partiu-se em duas; e essas duas nuvens, movendo-se silenciosas, abriam-se como uma porta, mostrando-me o Paraíso!

Ah, Inhá, quantos esplendores! Quantas maravilhas! Havia lá dentro uma luz tão diaphana, tão suave;

mas tão intensa, que todos anjos pareciam trespassados pela celeste claridade!...

Junto á porta um velho alto, vestido uma comprida tunica flutuante, com longas barbas resplandecentes e a fronte irradiante, sorriu para mim.

Estive muito tempo sem poder falar.

Depois, chamei por minhas irmãs; minhas irmãs chamaram minha mãe, que gritou também por meu pae, e todos elles, muito religiosos, rodearam-me para verem os anjos e S. Pedro.

—Onde está a porta do Paraíso, Flori...?

Allí allí! — gritava eu, designando o ponto em que a distinguia.

Mas S. Pedro molestou-se por eu não ter guardado o segredo.

Di subito sumiram-se os anjos, extinguíram-se as luzes e as mesmas nuvens, pouco antes, reloxentes como a prata, fizeram-se negras e cerraram-se trovejando, escondindo-me o céu...

Foi então que eu senti estallarem-me nas costas as cordas dobradas que meu pae tinha na mão; elle deu-me, nessa noite, a unica sôva que em pequenina levei.

—Isó é que é a porta do Paraíso; gritava elle, louco de raiva, e quanto me batia. Hei de ensinar-te a brincar com os anjos e com o senhor S. Pedro!

Minhas irmãs choravam; minha mãe arrancou-me de suas mãos o fugaz commigo para a casa, e por meu maior castigo, Inhá, por mais que olhasse d'ahi em diante para o céu, nas noites estrelladas e serenas, nunca mais, nunca mais vi abrir-se a porta do Paraíso!

NAUCIZA AMALIA.

#### IMPRESSIONES DO NATAL

Por entre as poeticas e graciosas festividades populares que tanto nos falam ao coração, sobressae o Natal, a festa dos espiritos simples e rectos, a festa das mãos e das creanças.

Ha quasi mil e nove-centos annos; que junto ao funebre monumento de Rachel, nasceu pobre e desconhecido n'um estabulo de Belém, aquelle que devia presidir, mais tarde, o destino do mundo, illuminando-o e aperfeiçoando-o com a luz radiosa de sua sublimo philosophia. Infelizmente porém ao passo que a sociedade se eleva ao maior grau de civilização, vão rareando os lugares em que as deliciosas e pittorescas tradições dos nossos avós se não apagarão de todo, perdendo, pouco a pouco o seu character essencialmente nacional.

E, assim a festa do Natal com a classica Missa do gallo e os seus devotos presepios armados com tanto gosto, já não tem em muitas das nossas cidades, a sua poetica originalidade.

Destituidas do character pittoresco, estas festividades vão perdendo a sua primitiva importancia, e não inspiram mais ao povo, esse sentimento

religioso profundo, que a fé intensa tornava outr'ora tão viva e tão sincera.

«Fatal condição do progresso humano, diz um escriptor notavel: Será pois uma lei da natureza, que cada passo no caminho dos melhoramentos sociais e do aperfeiçoamento intellectual, tenha de ser comprado á custa d'um abaxamento do nivel moral e poetico de originalidade e de verdadeiro genio! L'ungente revelação que envolve um grande problema philosophico.»

Vivendo por alguns annos em uma civilização um tanto diversa, apenas conservava d'esta festividade, que entrevira na minha infancia, a lembrança que me ficara como uma d'essas vistas luminosas esplendidas que se não podem decorever, porém que se estampam na mente para nunca mais se apagarem.

Entretanto quando ouvi o ruido da exuberante alegria d'este bom povo, que com os festivos sons metallicos dos foguetes e girandolas, annunciava ás nuvens do céu o nascimento do Redemptor do mundo, experimentei, (eu o confesso francamente) a mais agradável surpresa, a mais introduzível commoção. Senti exalar-se em torno de mim, como que uma voz suave e doce evocando as lembranças ineffaveis do passado, n'essa época florida tranquilla e deliciosa infancia, sob o perfumado bafego do lar paterno.

Oh! como tive então saudades d'aquella alegria tão franca, em que como espirito perfeitamente desprendido de cuidados e inquietações, eu via tudo esplendido e brilhante como uma primavera sempre luminosa!

O céu me parecia mais limpido mais azul, constellado de astros mais resplandecentes.

A noite tinha para mim reflexos de aurora, e o dia harmonias dulcissimas.

A flor mais vulgar que matiaava os campos, as vvidas rosas que esmaltavam os jardins, inebriando-me com os seus deliciosos aromas, os insectos multicores, os alados cantores que irriavam a plumagem ao mais esplendido sol; tudo emfim na natureza, parecia extornar a flux torrentes de luz e harmonias.

N'essa época em que o coração se expande a tudo quanto é bello e grande em que se confia em tudo, sente-se uma verdadeira sensação de entusiasmo para tudo quanto nos sorri, e a cada creatura formosa que encontramos, crêmos serem os anjos que a Providencia envia do céu á terra, para acrysolarem a nossa fé, falando-nos d'um mundo ideal, povoado de cherubins risonhos, de aparições luminosas, e repleto de delicias infinitas.

Oh! doces e bellos tempos com que commoções sempre vivas, sempre novas, eu não contemplava os presepes da minha terra, tão cheios d'inesperados encantos para o meu coração juvenil! Riam-se muito embora os sectarios da philosophia materialista, das escolas sathanicas e ultrarealistas, que a suave poesia da creança consoladora, as doces puerilidades de infancia, hão de aurolar sempre com todos os seus

# APÊNDICE H - TEXTO DE O SONHO DE NINA EM ECHO DAS DAMAS

ECHO DAS DAMAS

---

ROMANCE DAS ESTAÇÕES

PRIMAVERA

VERÃO

OUTONO

INVERNO

MARIA JOSE CANETO

ROMANCE DAS ESTAÇÕES

PRIMAVERA

VERÃO

OUTONO

INVERNO

MARIA JOSE CANETO

Depois entregou-se a contemplação... Uma atração-lhe a... pelo ballet, outras pelo per... e outras ainda pela modestia... Finalmente seus olhos fixaram-se... sua fadada e pallida saudade:

—Uma mulher-lhe é minha florinha— disse—pôr que junto a meu peito, possa ouvir os breves accordos que nelle vibram tons lemans.

As mãos logo se moveram sobre o... e de lá até ao chão, deixando ao mesmo tempo, uma lagrima despendida occultar-se-lhe nas pestanas.

—Ao cair da lagrima sentia a fôr... tremese ligeiramente, depois crescer, crescer, em forma de bolleza, abindolha de solo uma fantastica vida! Bela, navolta em ondas de gaze, tendo na cabeça d'istal um esplen lido dia... de preciosas pedras, artisticamente... coltando.

Porém, Nina, nas feições desse anjo... notou uma vaga semelhança com a... daquella que amava. Então... em um... piro rasgar-lhe o saio e os labios... tremulo murmuraram um nome.

—Quem és tu? — indagou Nina após... alguns momentos de silencio—que com... tanta magnificencia, podes te occultar... no pequenino calice de uma flor?

—E a vinda respondeu:

—Sou a mesma que ainda agora... quizea colther. Não me conheces? Sou... aquella que preside em todos os coraçõ... na ausencia da pessoa amada; tua... navegavel companhaira na solidão que... procura. Sou a Saturnas.

—E Nina ao despertar levou a mão ao... orelha, dizendo:

—E' me to bello, é anjo da Saudade... mas no entanto de meu cor.

E... um suspiro rasg u-lhe o saio e... os labios tremulos murmuraram um... nome.

ABELIA BARROO.

DEVERES DA MULHER

NO INTERIOR DA SUA CASA

«A dona da casa, e—O seu principa... cuidado deve ser o de se esforçar em... ornar o lar domestico pacifico e agr... davel a todas as pessoas que com... põem a sua familia. Se elle trabalha... no seu caso, a esposa empregará tod... o cuidado em que não seja perturbad... por incommoção algum estranho. A... seu emprego. Se o homem trabalhar... fora da sua casa (e d'antes é o maior... numero) os deveres da esposa devem... prevenir-lhe a hora da chegada, ten... dendo-lhe promptas as refeições, a roupa... fresca ao verão, cobrigada no inverno... os vestidos, as expreções que o in... dousarem das fadigas diurnas. O re... conhecimento d'estes deveres pôde trazer... innumerables consequencias desgraçad... vas e funestas para a moralidade... e para o bem estar das familias.

—Eu tenho visto chefes de familia... com esposas, moças, stravezand... crias de adverteidade abraçados a en...

...e revolvendo... nos filhos que se sorriem e accellam... resignados e contentes o pto negro da... tribulação. Sob aquelles tetos está... longe de abjar e suicidio! Tambem... tenho visto familias sem pão, sem... luz e sem paz porção a má prognostica... alvica e bulbeata, fraza a sua insup... portavel ao marido, que em um dia de... atroz aborrecimento foi empregat... os seus affectos em distrações culpavos!

—Uma mulher bellissima é como uma... piteira em tempo de chuva torrencial... (Prov. XXXII. v. 15.)

—E' melhor habitar no vto de um... telhado que em uma casa espessa... com uma melhor colreica. (Prov. XXI... v. 9.)

Se o destino ligou a mulher a um... homem de genio insupportavel, essa... circumstancia não a exime de usar de... modestas ainda mais innocentes e... benignas afin de o abrandar e educar... lha e corrigir, porque: — A resposta... branda aplaca o furor; a palavra aspera... excita o odio. (Prov. XV. v. 1.)

MARIA JOSE CANETO.

ROMANCE DAS ESTAÇÕES

PRIMAVERA

Vem restando a madrugada.

Da alvobala colreata, franjada de cores... e rosas; munica do dia, derrama on las... de offida luzes nos vales e collinas.

Zephiro, Pihonia e Amor, disputam... a fragrança ao calix das flores, que... entrosuram as boizas frescos da... manhã.

O rosalino tempo n'um hyanno de... amor d'estre o seu leito de almoforas.

Um pintasilgo buliqueo acompaña... chifreando a comorta, que anda tecendo... o ninho na ramada da balca.

—Uma creanga corada de rosas e... peimanturas ando saltitando pela cam... pina arrefridada.

Vae após a boiza flor, até o valado... espinhoso; persegue-o por entre as ro... as ras, e não mostra receio de se ferir!... segue o vto d'um saico, até se espi... alheio onde elle canta; abbe pelo escar... pado da rocha até se despenha leiro... lagrima, cheio de agruras, e inconsu... ciente do perigo não teme revelar!

VERÃO

O sol é chegado ao seu zenith.

Refulge no maximo esplendor da sua... coroa luminosa.

No prado vêem-se na plenitude da... florescencia as dhalias e as rosas.

As arvores abrigam na basta e de... senvolvida folhagem, os frutos ainda... verdes.

Os jampinos leodam as fatadas, on... cingem os troncos das arvores n'um... amplexo todo amor!

As arasinhas novas cantam capri... chiosos cantos, sacudindo as nozeis... azas, mas já se buscam com affago!

OUTONO

São ambos jovens e bellos; deo e... braço, sorriam-se e chamam-se offe... sos.

OUTONO

O sol mergulha no saivo imperio da... Naptuno.

No campo vergam as arvores no peso... das fructas, mas, tambem já deixam... cair as primeiras folhas.

E' mudo: a ruia dos arvores... fl resaca vigorosas as despedidas do... verão:

As arderinhas removem-se nas... bandes, e já se vão voando, voando, até se... perdarem no infinito do espaço...

—

São um doce de folhagem amarel... jada, e expõe vto a garra do abutre... insaciavel da morte, nas faces emun... guezadas e pozas.

Elle indicandolhe o sol, pallido como... um sorriso de moribundo, diz-lhe com... lastima e profunda convicção:

—Quando elle voltar, já te não ve... rará...

Depois... lagrimas!

«Não te verei mais! Dóssimo tri... stissimo!

INVERNO

Cerrou-se as sombras do crepuscu... culo.

De lá vento que cobre o prado um... manto de neve. Flores, folhas, fructos... é tudo morto!

Só ha saudade.

A noite desoladora e mudo, offere... ce-opora resposta á natureza. Não é... porém, o manto de gris bordado de dia... mantos; é o manto escuro da tristiza.

O torvelinho rajá pelos aros. As aves... já não tem abrigos nas arvores; só pelo... rio dos beirões, ou na terra humida.

—

Cerrado aos annos o seu soffrimento... ao velho de cobelles servados e face... enrugada, apresenta-nos a estalua da... desillusão. Esposa, sociedade, ven... tura, tudo perdido.

Tem agora amor como morte.

GUILHERMINA DA COSTA E SILVA

LITTERATURA DRAMATICA

O CHEFE DOS ANIMÉS

Maio uma gloria para as Senhoras... brasileiras separar mais esse bello... fructo do talento e instrução do Exmat... tra. Professora em Taubaté, e illus... trada escriptora D. Anna Emilia... Franco.

Qualquer que fosse o intuito da exi... mia escriptora na concepção desse dra... ma seria util, e lapidada pelo mais fino... buril; mas escolhendo para thema... moral o amor sublime da Mãe!

Esse amor, é como as pedras que... nascem no fundo do Oceano, ella só... tem por lapidario a Deus, não preci... são lapidas-se. Mas se habil marga... llhaes apunhalo-as, as expõem aos... raios do sol, e seu brilho desminta!

# APÊNDICE I - TEXTO DE O SONHO DE NINA EM PACOTILHA

## O SONHO DE NINA

Nina havia adormecido e sonhava que tinha a ilusão, divagava pelas ideias e perfumava raras de um jardim, ouvindo o ranger das pedrinhas que calavam, o chiar da brisa nas rosas e o melancólico cantar dos passarinhos.

De quando em quando, um suspiro rasgava-lhe o seio e os lábios tremulavam um nome.

Cançada, encostava-se passiva a entrada de um bello caramanchão de flores e estregava-lhe a doce contemplação dos astros.

Não valendo ajuizada do céu, seus olhos percorriam os astros todos como se quizessem um delles, a mais brilhante estrella, para sua coincidência.

E de quando em quando um suspiro rasgava-lhe o seio e os lábios tremulavam um nome.

Depois estregou-se a contemplação das flores. Uma estrellinha-lhe a atenção pela belleza, outras pelo perfume e outras ainda pela modestia ou cor. Finalmente seus olhos fixaram-se n'uma flor e pallida saudade.

— Vou colher-te a mimera flor! — disse, para que junto a meu peito possa ouvir os tremulos accordes que nelle vibram ligeira lira.

— Ao deter isso seus nervos dedos tocaram a debil haste da flor, deixando-a ao mesmo tempo, uma lagrima despendida occultar-se-lhe nas petalas.

— Ao cair da lagrima sentia a flor estremecer ligeiramente, depois crescer, crescer em forma de belleza, salindo-lhe do seio uma fantastica vislô Bella, envolta em ondas de gaze, tendo no cabeça divina um esplendido diadema de preciosas pedras, artisticamente collocado.

Perém, Nina, sem forças desse ajuntamento a uma vez senhousa com as daquella que amava. Então... um suspiro rasgou-lhe o seio e os lábios tremulavam um nome.

Quem é tu? — indagou Nina após alguns momentos do silencio — que com tanta magnificancia, podes te occultar no pequenino calice de uma flor?

— É a vislô respondendo: — Sou a mesma que ainda agora quizesse colher. Não me conheces? Sou aquella que preside em todos os momentos da existencia da pessoa humana, insuperavel, omnipotente na solidão que procura. Sou a SAUDADE.

E Nina ao despertar levou o maior coração dizenço.

— És muito bello, ó saia da Saudade, mas no entanto és bem cruel.

— É... um suspiro rasgou-lhe o seio e os lábios tremulavam um nome.

ADÉLIA BARROS

OBITUARIOS

D. Ricardo dos Anjos Moreira Araujo, maranhense, 32 annos, barto.

D. Maria Francisca do Nascimento, cearense, 14 annos, cachexia palustre.

Martiniano, filho de Raimundo M. Pereira, maranhense, 2 mezes, intestino agudo.

D. Maria L. dos Santos Passarinho, maranhense, 26 annos, tuberculose.

Agnelo, filho de Igylio José Lourenço, maranhense, 2 mezes, morte natural.

Fulgencia Lobato, maranhense, 40 annos, congestão pulmonar.

José, africano, 39 annos, legião cardíaca.

Sob a epigrapha Microbio de herb, referio a *Gazeta de Notícias*, o crieo, o seguinte: "O dr. Laurinda acaba de receber do dr. P. Schilling, professor da universidade de Utrecht, e altamente estimado, um livro nas possesões netherlandesas da India, preparações microscopicas raras do sangue de doentes herbericos, o conjunto com as suas preparações, microbio de herb-beri no Brazil e o microbio de herb-beri na India."

Do Marão regressou healthy o vapor *Algodão*.

O presidente dos Estados Unidos, offereceu ao papa, magnificamente encadeada, a constituição politica d'aquelles Estados.

— Uma boa lembrança... para o papa.

Em viagem extraordinaria segue hoje as sete horas da noite, para o Rosario, o vapor *S. Luiz*.

Um marido val fazer uma longa viagem. No momento solemne de partida abraça a esposa e lhe diz com lagrimas na voz: — Não te esqueças de mim e da filha.

A esposa, muito commovida, tira sollemnemente o lenço do bolso... e dilhe um só.

Quando a tua imagem fria No meu peito entrou de leve, Nunca mais acredites Que o fogo derreta a neve.

No salão da Associação Commercial, devem reunir-se amanhã ao meio dia em sessão geral, os accionistas da Companhia de Seguros Confiança Maria, para assistirem a prestação das contas relativas ao ultimo semestre e procederem a eleição da directoria para a sessão geral e do comissario fiscal.

## APARAS

de pedras e borraça. C. mora-se no sobrado n.º 4, á rua de S. Paulo, junto a portaria; e á rua de Nazareth, loja de calçado de Gaspar Lopes For. eira. 681-10

**Alugada.** Quem precisar d'ajuda-se a rua de S. Paulo, em casa de Antonio R. do Rego Matreles. 386-3

**Café.** Café do Ceará, 1ª qualidade, 800 \$ mil, vem tem Bernardo de Freitas e Camões, rua de S. P. Anna, canto d' S. João (784)

**Sociedade dos Machinistas.** De ordem do 1.º m. sr. presidente de S. Paulo, são convocados para a sessão ordinaria que terá lugar segunda-feira, 20 do corrente, no log. de hora do costume. 18 de fevereiro de 1888. 1 O.º secretario, P. P. Rego de Araujo. 781

**Novidade litteraria** Th. Dix.—A comedia dos Deuses. 1 vol. Escrich.—A felicidade. 4 vol. Cesar Machado.—Claudio. 1 vol. Pinto d'Almeida.—O Corsario Portuguez. 1 vol. Pimarel.—Um cor fletio na Europa. 2 vols. C. machado.—O Filho do Padre Cura. 2 vols. F. de Azevedo.—O Conde Kestla. 2 vols. G. nram Borys.—Nas cindades. 4 vol. Almanack Illustrado do Occidente. 1 vol. C. machado.—A Virgínia. 1 vol. Pedro Dufour.—Historia da Prostitution, 4 vols. com estampas. Livraria—Cordeiro Rodrigues 620 39—Rua do Trapiche

**Nesta typogra-** phia publica-se quem precisa de uma criada, que entenda de gramma e o que l'he roupa, pora que seja de conducta e diligencia. 705-3 da.

**Papel para forro** Novo sortimento de papéis, cor-de-rosa e borra pintadas, para forro Grande e um terceiro murado, a praia da Trindade, penhoradas pela fazenda provincial para pagamento de decimas. 752

**Capachos e tapetes** Capachos do Cairo. Capachos de tape. Tapetes grandes (para sala e cama). Tapetes em peças nos metros. Vende—ANTONIO ALBERTO & NEVES. 745

**Colla Ceramique** Colla para collar qualquer peça de louça e vidro. Quem precisar, solicite qualquer peça para te garantido, pague-nos o preço de entregar a peça para o centro. Vende—Antonio Alberto & Neves. 749

**Companhia Fluvial Maranhense.** Vigias em março. Linha do Gr.º-hil, em 15. de Co.º, em 17. de Co.º, em 18. de S.ª, em 19. de S.ª, em 20. de Merim, em 2 e 20. de Puda.º, em 5 e 23. de S.ª, em 7 e 27. de Minim, em 12 e 28. 792

**Gazetas.** Silva Lopez & C.º á rua de Santa Anna, n.º 101, compram jornaes a peso. 788-2

**Canninha-verde.** Não, abarro assignados, delectamos apobis, que no domingo 19 do corrente mez, será o ultimo dia d'esta canninha, neste anno, na rua do Sant'Anna. 18-2-88. 785-1

**Redomas de vidro.** Redomas, ovases e quadradas, para im. guas, religiosas, etc. Para laboratorios de crystal, com o seu coax. Vende Antonio Alberto & Neves. 745-90

**Quem, por engano,** tiver levado da Sociedade Litoranea do dia da ultima partida, corra a valer, uma guarda-velho, de seda, cor de vinho, com cabo e ponteira de marfim, muito obsequiosa, si se quiser dar ao trabalho, de entregar o no sacri torio deste jurnal. 783-2

**Chá Chá.** Especialidade—verde e preto. Vende Antonio Alberto & Neves. 748

## APARAS

de pedras e borraça. C. mora-se no sobrado n.º 4, á rua de S. Paulo, junto a portaria; e á rua de Nazareth, loja de calçado de Gaspar Lopes For. eira. 681-10

**Alugada.** Quem precisar d'ajuda-se a rua de S. Paulo, em casa de Antonio R. do Rego Matreles. 386-3

**Café.** Café do Ceará, 1ª qualidade, 800 \$ mil, vem tem Bernardo de Freitas e Camões, rua de S. P. Anna, canto d' S. João (784)

**Sociedade dos Machinistas.** De ordem do 1.º m. sr. presidente de S. Paulo, são convocados para a sessão ordinaria que terá lugar segunda-feira, 20 do corrente, no log. de hora do costume. 18 de fevereiro de 1888. 1 O.º secretario, P. P. Rego de Araujo. 781

**Novidade litteraria** Th. Dix.—A comedia dos Deuses. 1 vol. Escrich.—A felicidade. 4 vol. Cesar Machado.—Claudio. 1 vol. Pinto d'Almeida.—O Corsario Portuguez. 1 vol. Pimarel.—Um cor fletio na Europa. 2 vols. C. machado.—O Filho do Padre Cura. 2 vols. F. de Azevedo.—O Conde Kestla. 2 vols. G. nram Borys.—Nas cindades. 4 vol. Almanack Illustrado do Occidente. 1 vol. C. machado.—A Virgínia. 1 vol. Pedro Dufour.—Historia da Prostitution, 4 vols. com estampas. Livraria—Cordeiro Rodrigues 620 39—Rua do Trapiche

**Nesta typogra-** phia publica-se quem precisa de uma criada, que entenda de gramma e o que l'he roupa, pora que seja de conducta e diligencia. 705-3 da.

**Papel para forro** Novo sortimento de papéis, cor-de-rosa e borra pintadas, para forro Grande e um terceiro murado, a praia da Trindade, penhoradas pela fazenda provincial para pagamento de decimas. 752

**Capachos e tapetes** Capachos do Cairo. Capachos de tape. Tapetes grandes (para sala e cama). Tapetes em peças nos metros. Vende—ANTONIO ALBERTO & NEVES. 745

**Colla Ceramique** Colla para collar qualquer peça de louça e vidro. Quem precisar, solicite qualquer peça para te garantido, pague-nos o preço de entregar a peça para o centro. Vende—Antonio Alberto & Neves. 749

**Companhia Fluvial Maranhense.** Vigias em março. Linha do Gr.º-hil, em 15. de Co.º, em 17. de Co.º, em 18. de S.ª, em 19. de S.ª, em 20. de Merim, em 2 e 20. de Puda.º, em 5 e 23. de S.ª, em 7 e 27. de Minim, em 12 e 28. 792

**Gazetas.** Silva Lopez & C.º á rua de Santa Anna, n.º 101, compram jornaes a peso. 788-2

**Canninha-verde.** Não, abarro assignados, delectamos apobis, que no domingo 19 do corrente mez, será o ultimo dia d'esta canninha, neste anno, na rua do Sant'Anna. 18-2-88. 785-1

**Redomas de vidro.** Redomas, ovases e quadradas, para im. guas, religiosas, etc. Para laboratorios de crystal, com o seu coax. Vende Antonio Alberto & Neves. 745-90

**Quem, por engano,** tiver levado da Sociedade Litoranea do dia da ultima partida, corra a valer, uma guarda-velho, de seda, cor de vinho, com cabo e ponteira de marfim, muito obsequiosa, si se quiser dar ao trabalho, de entregar o no sacri torio deste jurnal. 783-2

**Chá Chá.** Especialidade—verde e preto. Vende Antonio Alberto & Neves. 748

## Cortes de fustão e gravatas.

Cortes de fustão, novidade, para collas. Gravatas pretas e de cores, novidade. Vende Antonio Alberto & Neves. 456-7

**Selins inglezes.** Naves & Irmao. Despatcharam nos remessa de selins inglezes para militares de homens e senhas, e vendem mais barato do que em qualquer outra casa. LARGO DO CARMO. 574-42

**A' 600 rs. o metro.** Despatcharam—NUNES & IRMÃO. 651-5

**Para crochet e bordar.** Agulhas, linha branca e de cor. Estojos de madeira fina, com linha e todos os preparos, para trabalho de crochet. Outro, seda, fuzeta, froco, missangas, rascunhos e todos os preparos, para bordar. Vende Antonio Alberto & Neves. 936-1

**Na chapelaria alle-** ma de Bernard Blum vende-se de todas as cores, tanto em côco em extractos. 472-3 Rua de S.ª n.º 17.

**Para quaresma.** R. gardo preto de seda para vestidos. Merino preto fino, idem. Xorpe de virilha preto. Chapé e pretos enfeitados para senhores e meninas. Despatcharam NUNES & IRMÃO 761-5

**Sociedade Auxiliadora da Lavoura e Industria.** Esta Sociedade recebeu ultimamente e distribuiu gratis aos agricultores e outras pessoas capazes de se aproveitar, as seguintes sementes: Trigo do Egypto. Para o bromozem de Manoel Martins de Castro & C.º—Largo do Carmo, n.º 17. 665-13

**DEPOSITO** DE Productos ceramicos. Tubos de grés (patente), voltas, fias, forquetas, de diversas dimensões. Estes tubos são applicaveis a diversos misterios, como encanamentos de aguas, desaguetamentos dos telhados, chimineas de fogueiras e chaminés e esgotos d'estas e de latrinas. São de facil transporte; a sua durabilidade é incalculavel, não oxidam, resistem a choques, poeira, curvas, e não se rompem, e portanto mais baratos que os de ferro, mais de 150 %. Recomendamos ao sr. sr. pro prios de engenheiros e de sifios. A' venda—Rua do Sol—10 a 14 José Pinto Bastos. Maranhão. (4993

**Para Militar** Pano azul fino Bandas de seda Galão para fardas e bonet Espadas metal fino Fivelas e corças para bonets Fladros Brochaduras bordadas Luvas de campona e fio descolado Botões para fardas, collas e bonet Vende Antonio Alberto & Neves. 151

**EXTERNATO** DA Immaculada Conceição. Rua do Sant'Anna. n.º 32. (699-4

## Preparados pharmaceuticos

**Abreu Sobrinho** Approvados pela Junta central de Hygiene da Côrte e autorizados por decreto Imperial do 29 de Maio de 1884. Pillulas amareladas de ruina de jalapa da terra ou Brasileira. Purgativo de que se pode usar em qualquer occupação e de que nunca deve est' despreziva a pessoa que soffrer do rigido ou de enstacunas, flatulencias e prisão do ventre. Pós para dentes. Basta servir-se d'estes pós uma vez por semana, limpando os dentes nos outros dias simplesmente com escova e agua, para ter-se os dentes alvos e livres da formação de carie e mau hálito. Vinho a açorpe de Lacto phosphato e açorpe hypophosphito de cal. Rest' ardor das f'ças por excellencia. He o melhor remedio conhecido para as pessoas cahecticas, anemicas e para aquelles que recebem a existencia de turbulência. Substitue o m.º vau-tem o oleo do figado de bacalhão, sem o inconveniente do chairo e gosto deste. Xorpe de Casaca de larvanjas amarelas, Quassia e Froco Induário de ferro. Empregado tambem com proveito nas Anemias, Chlorose, Frouros brancos, Tisicões tuberculosos, Esguetamento ginecologicos e em todas as manifestações da syphilis e das acries, obrando sempre como tonico e depurativo. Xorpe de sambouca. O melhor remedio para extinguir as flores brancas podendo ser tomado alternativamente com o açorpe de casaca de larvanjas amarelas, quassia e froco induário de ferro quando o doente se recusar a Anemia ou Chlorose. 39

**Calçado Calçado** Para liquidar 700 Par de sapatinhos de lã para cri.º de peido. —Para moçoim e menina — 1500 Par de sapatinhos de tranca. 10000 Par de b.º timas de durque. 18000 Par de borbozinhos de couro. 20000 Par de botinas de pelica preta. 25000 Par de botinas de pelica, senhor que nor obsequio é—Sociedade Auxiliadora—b.º timas e bordados. 25000 Par de sapatos de poli-menio alto. 25000 Par de botinas de durque preto. 35000 Par de botinas de durque branco. 35000 Par de botinas de pelica preto e c.º. Para homem 18300 Par de sapatos de tapete bordados com o nome. Não se dá para amostra VENDA DINHEIRO Neves, Pinheiro & C.º—Casa Americana—310-4

**Cortes de fustão para collete.** A maior novidade da epocha. Recobea a Casa Americana, Largo do Carmo.

**Na alfaiataria** do Joaquim de Souza Ferreira Paes, ao largo do Carmo, se istera quem compra um sellin para caçador, em bom estado. 714-2

**Correspondencias Politicas e Litterarias.** semanas, serão recebidas e lidas em jornaes brasileiros, em todos os dias de avios e annuários. Escrever á A.º Oliveira Costa. Rua de la Fidelity—Paris. (370

**Bonets.** Bonets de albaço, chemises e seda, recobeadas e vendem a preços modicos—Neves Pinheiro & C.º Comp.—Casa Americana. 305

**Collarinhos de linho.** Gostos modernos. Completo sortimento. A' Casa Americana.

APÊNDICE J - TEXTO DE NA AGONIA EM A PEROLA

*Billetta e a Na*

# A PEROLA

Revista humorística, litteraria, recreativa e noticiosa

REDACTOR—ACRISIO DINIZ

---

BRAZIL MINAS

---

ANNO I OLIVEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1895 N 18

---

**D. Maria Pia de M. e Silva**

Comprimos por nossa parte o doloroso dever de registrar o deplorado passamento da distincta oliveirense cujo nome acabamos de encimar com o mais profundo pesar.

Moça a inda, idolatrada por seu estremecido marido, amada em extremo por sua querida mãe, affectuosamente prezada por seus dignos irmãos, enaltecendo a sua indole bondosa de educação aprimorada, sorrindo-lhe desde o berço a fortuna com prodigos dons, alargavam-se risonhos horizontes da sua existencia. Mas uma doença insidiosa que apesar de accurado tratamento não poudesse debellada, transformou esse risonho quadro da vida na mais pungente realidade, evoluendo-se na manhã de 22 do mez findo seu espirito á essas desconhecidas regiões donde não se torna mais.

Resta-nos sómente apresentar ao desolado consorte, Dr. Franklin Benjamin de Castro, e á toda illustrada familia da pranteada morta nossas condolencias, o que fazemos mui consteradamente.

O enterramento, que teve lugar no dia seguinte, foi concorredissimo.

Pronunciou, á beira do sepulchro, eloquentes palavras, rememorando os actos da chorada esposa, o nosso collega José Olympio de Castro.

**Na agonia**

O mundo !... o mundo !... ai! como são tristes as scenas d'esse immenso paleo realista!...

Pôde haver prazer e os ha, porém todos terminam e chegam sem distincção, egualmente para a totalidade humana, o derradeiro acto — a morte; depois o panno cego — o esquecimento... o porque não ficará escripta mais uma pagina do martyrologio?...

O que é a morte se não um martyrio soffrido liturgicamente?...

E o mortal que sente a extinguirse, o tenue sopro que era a sua vida, o seu alento — somente deseja o goso da Graça divina, para esquecer as dores physicas e moraes, que n'uma crueldade inexprimivel, naceram ainda, não só ao corpo prestes a inanimar-se — mas á alma tambem!

O sereno humedecia levemente, alijofrando de brilhantes gotas as vividentes folhagens que atapetavam o sole fertil.

A campina alongava-se extensa e larga, semi coberta por neblina diaphana — qual sendal mimoso, atrizado flutuante pelo espaço, por mãos de archanjos discretos, que temessem ser desvendado, com a claridade da lua, o ignoto e celoso Paraíso...

Na planície a casinha branca e humilde pousava, e nesta noite abrigada om seu toldado protector, a idosa camponia agonisava lentamente...

Muito pallida, olhos parados e fitos como se mais uma vez procurassem o azul claro do céu, os labios mudos, as mãos postas religiosamente, ella finava contricta, serena, immersa na crencça divina...

Invejavel !... Deus chamava-a e ella obedecia seguindo-o espiritualmente, com a fé da verdadeira erbitam — o não como a mulher de Loth que voltou-se para as ruinas de Sodoma e Gomorrha...

Subitamente, fóra pela amplidão, estouraram sibilantes foguetes!

Ella estremeceu e agitou os braços... o pranto dos parentes que rodeavam-na augmentou: contraste melancolico !... — aqui lugubre e commovente quadro; — lá miseravel oirrisorio prazer!...

Depois cessou os fôgos e o som allegro e saltitante de uma orquestra, espallhou-se alacero e retumbante !...

Novos e amargurosos traspassos!

infelizes, como se fosse o gelo mortifero que entrossos flues pelas veias sensibilizadas.

A doente mexeu os labios lividos e com esforço murmurou:

— Orvem?... musica...

E praeurem com os olhos algem; um filho levantou-se e movendo a cabeça negativamente, oscitou-a emmudecendo.

Ella pareceu incredula, hesitante, mas abrindo os olhos brilhantes de contentamento, sorriu e levando o dedo e dizendo:

— Então... e lá... onde vou?...

O silencio foi a resposta, porque ella ja não escutava: morrera... a imagem descaueou sobre o seu peito inerte...

E ai! aquillo que ella crêra ser uma accusada por labios de cherubins; aquillo que julgara melodia do reino do Senhor; aquillo que arrebatou-lhe com emogão o ultimo fio da existencia — vinha da vagem perto, onde uma tolda branquejava num epiciclo, sobre a multidão que apinhava-se indolente e febril, para assistir o espectáculo de um circo equestre!...

Os fillos oravam junto ao corpo hirto da amada morta e os gritos escandalosos e blasphemias do palhaço, chegavam a seus ouvidos, como agouros do funobres estryges!...

24—8 95.

MARIA ANTONIETTA GAMA.

**J. FERREIRA DE CARVALHO**

Ha dias acha-se entre nós tendo vindo occupar o lugar de redactor secretario d' *Gazeta de Oliveira*, o nosso distincto amigo e collega José Ferreira de Carvalho, redactor do extinto *O Iapucerico*.

Cavalheiro estimavel, talento cultivado, o nosso collega goza de alto apreço entre seus amigos d'aqui, em cujo numero temos a honra de estar.

Limitamos-nos, pois, a apertar-lhe a mão effusivamente e a dizer-lhe que, a Oliveira serão sempre bemvindos os homens de intelligencia e de coração.

Apresentamo-lhe um vigoroso e significativo *shakouands*.

**D. PEDRO II**

Completam-se hoje quatro annos que falleceu no exilio o grande e illustrado brasileiro D. Pedro II, ex-imperador do Brazil.

A nenhum brasileiro, digno desse titulo, é licito esquecer o nome do immortal patriota aquem deveu o nosso paiz sessenta annos de paz e de eninterrupta e sempre crecente prosperidade.

Interprete desse sentimento nacional curvamos-nos, cheios de profundo respeito, ante a memoria veneranda do monarcha benemerito, que durante seu longo, liberal e pacifico reinado só teve uma preocupação — o progresso e o engrandecimento do seu amado Brazil.

**CHROMOS**

I

No album de uma moça

Uma mulher sem fillos é mesmo que um coração sem amor... é o mesmo que um jardim despido de flores... é o mesmo que uma menina de oito annos sem bonéca...

II

Supplica

Adorada, — flor mimosa, — linda flor, cujo perfume tão doce, qual o da rosa mil attractivos resume...

Adorada, — flor cheirosa, — como ind'outra flor não tem... Adorada, — flor mimosa, — vem a mim? vem a mim? vem?

Ouro Preto, — 1895.

J. Eduardo da Fonseca.

## APÊNDICE K - MANUAL DE ESTILO

# Apresentação

Esse livro (que não tem nome ainda kk) será uma antologia de histórias escritas por mulheres do Brasil com inspiração fantástica. A ideia é resgatar essas narrativas que foram esquecidas e apagadas, assim como suas autoras, que trazem na sua escrita a sua marca e a marca do período em que elas estavam vivendo, que foi bem movimentado. No final do século XIX e começo do século XX no Brasil, tivemos: a Proclamação da República, a saída dos portugueses do poder, a emergência da produção e da valorização artística nacional, o aumento da presença feminina na literatura e a emergência do feminismo e da fantasia.

Todos os textos foram publicados nessa época — para ser mais específica, de 1883 a 1903 — e, para encontrá-los, foi feita uma pesquisa nas hemerotecas em busca de textos em folhetins que se encaixassem no tema e, nisso, foram selecionados sete histórias e um poema de abertura. Como o intuito do livro também é exaltar essas autoras e contar um pouco da sua história, todas possuem uma biografia para si.

Com isso em mente, o público pensado para esse livro é aqueles que já têm interesse pela temática fantástica e pela abordagem do gênero, que querem ir mais a fundo e conhecerem os seus princípios no Brasil. Então, são leitores que já têm familiaridade com a temática.

## Ferramentas úteis

Reuni algumas ferramentas que serão muito úteis para essa etapa da preparação e revisão dos textos e algumas que vamos precisar usar.

### [Volp \(Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa\)](#)

O Volp registra as palavras oficiais da Língua Portuguesa, que são aceitas pela Academia Brasileira de Letras.

A partir da busca, é possível encontrar as possíveis grafias aceitas no português do Brasil, inclusive as que foram incorporadas do estrangeiro. Exemplo desses casos é a palavra “online” que tem origem inglesa, mas já foi incorporada no vocabulário brasileiro; além disso, possui duas grafias possíveis: “online” e “on-line”.

### [Aulete](#)

Dicionário online da Lexikon, editora referência para livros da língua portuguesa.

### [Gramática básica do português contemporâneo](#)

A Lexikon também disponibiliza um conteúdo do livro de Celso Cunha sobre gramática para uma pesquisa rápida.

Ferramenta de sugestões do Docs

Sempre faça alterações com a ferramenta de sugestão do docs para que possa se ter um controle das mudanças.

Não aceite nenhum comentário ou alteração feita.

## Marcas no texto

Como a maioria dos textos veio de periódicos digitalizados, algumas palavras não estavam tão legíveis, então, no momento da transcrição, algumas marcas foram feitas para identificação.

- [ ] - Palavra ou letra entre colchetes refere-se a um caractere que não está claro na digitalização, assume-se que aquela é a letra. Pode ser retirado após conferência.
- grifo - Também é uma palavra que não está clara a leitura e que traz mais dúvidas. Pode ser retirado após conferência.
- << >> - Vem do próprio folhetim, mas não faço ideia do que seja.

## Manual de Estilo

Este manual tem como intuito guiar a padronização e a preparação e revisão dos textos a serem trabalhados.

O trabalho será feito em conjunto, então é muito importante que ele seja seguido para que não haja inconsistências.

## Estilo

### Caixa-alta

- Nomes e sobrenomes;
- Cognomes e alcunhas (ex.: Henrique, o Navegador);
- Topônimos - nome dado a cidades, países e áreas (ex.: Rio de Janeiro, Zona da Mata). Entretanto, quando vier acompanhada de um substantivo que o caracterize, este deve estar em caixa-baixa (ex.: mar Morto, rua do Ouvidor)
- Regiões (Norte, Sul, Oriente Médio);
- Instituições;
- Entidades e instituições ligadas ao Estado (ex.: Ministério da Educação);
- Pronomes de tratamentos dirigidos a autoridades (ex.: Vossa Alteza, Sua Majestade). Os outros pronomes de tratamento devem ficar em caixa-baixa;

- Hagiônimos quando já estão incorporados ao nome (Ex.: Santo Antônio, São Sebastião). Nesses casos, utilizar a grafia completa, sem abreviaturas.
- Nunca utilizar palavra toda em caixa alta, deixar em versalete!

#### Caixa-baixa\*

- Títulos nobiliárquicos (títulos da nobreza como rei, rainha, duque, marquês, etc.);
- Pontos cardeais quando estiverem indicando direção (ex.: seguir para o norte);
- Pronomes de tratamento (ex.: você, senhor). Exceto os pronomes de tratamento dirigidos a autoridades (ver caixa-alta);
- Cargos profissionais e eclesiásticos;
- Hagiônimos quando não estão vinculados ao nome, apenas caracterizam a pessoa (Ex.: santa criança, santa Rita).

\* No caso de termos que normalmente seriam grafados com caixa-baixa, mas são escritos de forma a nomear e identificar de forma única, deve-se iniciar em caixa-alta.

#### Itálico

- Nome de obras;
- Palavras estrangeiras (Verificar no Volp);
- Para dar ênfase a uma palavra específica.

#### Negrito

- Apenas no local indicado nas referências.

#### Sublinhado

- Não usar.

#### Versalete

- Quando a palavra estiver toda em caixa-alta.

## Texto

#### Diálogos

- Travessão (—)
  - Indica a fala;
  - Separa fala de descrições.
- Vírgula
  - Quando há descrições intercaladas, a vírgula deve vir após a descrição e após o travessão.

Ex.: — Se isso acontecer — ela pausou —, eu não sei o que eu faço.

- Ponto

- Quando a fala é seguida de verbos dicendi em sua descrição, a fala não é pontuada e a descrição é iniciada em caixa-baixa;

Ex.: — Sim — ela disse.

- Quando a descrição é uma ação, a pontuação deve vir na fala. A fala e a descrição devem estar pontuadas;

Ex.: — Não sei muito bem o que pensar sobre isso. — Coçou a cabeça.

— Não sei muito bem o que pensar sobre isso. — Coçou a cabeça. — Talvez ela esteja certa.

- Apenas deve ser colocado se a frase for encerrada. Se for o caso de uma fala iniciar, ter uma descrição sem verbo dicendi e continuar a fala em seguida, o trecho se mantém em caixa-baixa e só é pontuado no final da frase.

Ex.: — Se isso acontecer — ela colocou as mãos no rosto —, eu não sei o que eu faço.

- Caixa Alta

- Seguem normalmente: início de fala e frase seguem em caixa-alta.

- Caixa baixa

- Quando há um verbo dicendi na descrição, a descrição da fala fica em caixa-baixa;
- Se for o caso de uma fala iniciar, ter uma descrição e continuar a fala em seguida, o trecho não é pontuado e se mantém em caixa-baixa.

### Aspas

- Citações;
- Pensamento de personagens;
- Continuação de uma fala em outro parágrafo. Caso continue por vários parágrafos, todos os parágrafos terão aspas iniciais e as aspas de fechamento serão colocadas apenas no último parágrafo;
- Pontuação:
  - Se o período todo está entre aspas, o ponto é colocado antes do fechamento das aspas;
  - Se apenas uma parte do período está entre aspas, a pontuação é colocada depois das aspas finais.

### Aspas simples

- Quando for necessário utilizar aspas em um trecho que já está entre aspas.

### Números

- Números com apenas uma palavra devem ser escritos por extenso. Duas ou mais palavras, algarismos;
- Data (dia e ano) deve estar em algarismo;

- Indicação de década deve vir com o ano por completo (ex.: anos 1950);
- Início de frase sempre por extenso;
- Padronizar a grafia dos números em uma frase. Se tem um número com Algarismos, todos devem seguir esse padrão na frase mesmo que tenha apenas uma palavra.

Ex: Ela queria comprar 20 balas, mas a mulher não tinha troco então ela pegou 25.

(20 deveria estar por extenso por ter apenas uma palavra (vinte), mas 25, que está na mesma frase e tem duas palavras (vinte e cinco) dita o anterior por estarem no mesmo período.)

### Estrangeirismo

Deve-se conferir as palavras no Volp. Se estiver presente no site, a palavra fica em redondo; se não estiver presente, deve ser colocado o itálico.

### Notas

- As notas são feitas com números sobrescrito;
- Quando a nota for feita pelo editor ou preparador e revisor, deve ser antecedida pela sigla [N.E.]; se for feita pelo autor, não é antecedida por nada.
- Elas serão contadas para cada texto individualmente.

## APÊNDICE L - MIOLO DO LIVRO *DEPOIS DA BRUMA*

### DEPOIS DA BRUMA



Copyright© 2023

Todos os direitos desta edição reservados a.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização prévia da editora.

**Organização:** Júlia Almeida

**Orientação:** Marília Barcellos, Maurício Fanfa

**Preparação:** Ana Ribeiro; Anna Claudya da Silva; Eduarda Flores; Gabriela Garcia; Lucas Braga; Pietra Alexandra Faria; Talita Dilly

**Revisão:** Mar Fonseca

**Sinopse:** Ana Ribeiro (@umasinopse)

**Projeto gráfico e diagramação:** Júlia Almeida

**Capa:** Júlia Almeida

**Ilustrações:** Júlia Almeida

Impresso no Brasil

1ª edição, 2023

Texto revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RS

Cholmondeley, Mary

Solta / Mary Cholmondeley; tradução de Ana Ribeiro e Júlia Almeida  
- 1ª ed - Santa Maria: pE.com, 2023. 48 p. : il. ; 17,5 x 10,5 cm

Tradução de: Let loose

Formato: impresso

ISBN: 987-45-3345-545-6

1. Literatura inglesa 2. Horror 3. Ficção gótica

CDD 820

ORGANIZAÇÃO  
Júlia Almeida

### DEPOIS DA BRUMA



1ª edição  
Santa Maria

*Se uma gota de orvalho em meio ao oceano  
ignorada se perde; a minha voz também  
entre este coro altivo, enorme, soberano,  
desaparece; bem sei, não a ouvirá ninguém*

*Que importa? pode ainda um afeto sobre-humano  
fazer subir o verme aos pés do eterno Bem  
Ele dirá: quem és? Hugo? Comte? Herculano?  
Não tens nome? ama e crê, és meu; ergue-te e vem*

*Avante, pois, ireis à glória! ao infinito!  
instruindo, quebrando algemas do precito  
e transformando em saís as lágrimas da dor*

*É espirituosa a Caridade, esplendoroso o templo  
Eu, muda de alegria em êxtase, contemplo  
mundos de gratidão e acrisolado amor*

ADELINA LOPES VIEIRA

## SUMÁRIO

9	Prefácio
17	<i>Emília Freitas</i>
21	Florina
29	<i>Maria Clara da Cunha Santos</i>
31	Biografia de uma pena
37	<i>Júlia Lopes de Almeida</i>
41	A casa dos mortos
45	Pela pátria
55	<i>Narciza Amália</i>
57	A Porta Do Paraíso
63	<i>Adélia Barros</i>
65	O sonho de Nina
69	<i>Maria Antonietta Gama</i>
71	Na agonia
75	<i>Adelina Lopes Vieira</i>

## PREFÁCIO

JÚLIA ALMEIDA

Antes da concepção deste livro, enquanto pesquisava sobre a mulher na literatura, me deparei com algumas perguntas olhando para minha própria estante: quantos livros de fantasia estão nela? Entre eles, quantos são escritos por mulheres? Agora, olhando para o nome dessas mulheres, quantas delas utilizam um nome neutro ou uma abreviação para indicar sua autoria? E se não utilizam nenhuma dessas artimanhas, que tipo de livro elas escrevem dentro da fantasia? Infantojuvenil? Jovem Adulto? Livros com temáticas românticas?

Ter os seus nomes na capa ou escrever para esses nichos não é o verdadeiro empecilho, mas não podemos deixar de notar um certo padrão, um modo como a mulher ainda é vista, a posição em que acham que ela deve ocupar, onde se espera e se reconhece seu valor.

Virgínia Woolf traz o seguinte questionamento em seu livro *Um teto para todos* (2014): por que poucas mulheres escreveram livros extraordinários quando homens são capazes de escreverem extraordinariamente? Para a autora, esse é um enigma indecifrável, mas será que é mesmo tão indecifrável assim? Claro, não conseguimos traçar uma resposta definitiva, mas é impossível não considerar os sinais. A mulher, na história como um todo, não apenas na literatura, foi excluída e impedida de escrever e, quando escrevia, era apagada e deixada de lado. Esquecida. Para alcançar o reconhecimento, elas precisavam andar por um caminho muito árduo, enquanto os homens tinham passe livre. São poucas as mulheres no hall da literatura de renome que perduram pelas décadas, ou até mesmo pelos séculos, comparadas aos nomes masculinos – isso quando não levamos em conta que muitas delas tiveram que publicar com pseudônimos masculinos.

Essa disparidade pode ser explicada pela mulher ter ocupado um espaço em que a sua capacidade intelectual não era valorizada, com tarefas que eram esperadas que fossem feitas por elas, que demandavam todo o seu tempo e sua força. Além da falta de estudo que era muito comum, visto que apenas foi autorizado uma escola pública feminina no Brasil em 1827; antes, era muito raro o ensino e, quando havia, era voltado a tarefas domésticas.

Com todos esses empecilhos, a questão da publicação também era dificultada e muitas vezes era preciso o intermédio de homens. Algumas autoras deste livro têm registros da ajuda da figura masculina do pai como intermediário de suas publicações iniciais, como acon-

teceu com Júlia Lopes de Almeida, ou como no caso de Narciza Amália que teve o prefácio de seu livro escrito por um autor homem, amigo de seu pai, como uma forma de validação para a sua obra.

Não bastava ser mulher e ter que arcar com todas as demandas da casa, não bastava o pouco tempo para desenvolver sua escrita, não bastava o acesso limitado à escolaridade, essas autoras tinham que lutar para serem publicadas. Woolf nos diz que, para escrever, as mulheres precisam de tempo e recursos para apoiá-las, talvez fosse necessário mais do que isso. Não bastava falar por si, era preciso que as deixassem abrir a boca antes.

Não podemos negar que, apesar de tudo, elas conseguiram ser publicadas e algumas alcançaram grande renome, mas por quanto tempo? Elas são publicadas, reconhecidas e valorizadas, mas depois são deixadas de lado. A história facilmente as esquece, seus textos não veem reedições, e suas vozes são como uma sombra, difusa, embaçada. Na busca pelos textos e pelas biografias das autoras deste livro foi necessário ir à fonte primária da informação para ter um conteúdo. Para isso, diversos periódicos foram analisados, edição por edição, página por página, existindo uma dificuldade enorme de encontrar textos e informações sobre essas autoras. E quando encontrava, outros problemas surgiam, como o da legibilidade dos folhetins ou a inconsistência de informações. No caso da Maria Antonietta Gama, não há nenhuma pesquisa feita a seu respeito, mas, quando buscamos por seu nome na hemeroteca<sup>1</sup> digital da

Biblioteca Nacional, vemos várias notícias com seu nome que a referenciam como uma pessoa importante para a época. Como ela foi perdida? Como essa literatura tão rica está renegada às hemerotecas?

O título desta coletânea não foi escolhido à toa. A bruma é uma névoa, um fenômeno natural que dificulta a visão. Mas esta não é qualquer névoa e também não é natural. Essa névoa que foi construída representa aquilo que, com o tempo, ficou esquecido, foi para a obscuridade, para a escuridão, que a sua percepção e compreensão foi dificultada. Essa névoa representa o que foi invisibilizado. Essas mulheres e essas histórias ficaram por muito tempo entre as brumas, mas chegou o momento de lançarmos luz a isso para que elas possam sair das sombras. Suas vozes precisam ser escutadas novamente para que elas possam contar as suas histórias e vivências.

Um desses meios é a fantasia. Mas o que é fantasia? A fantasia é apresentada como um gênero por Tzvetan Todorov (2007), mas defendida como um modo por alguns pesquisadores como Remo Ceserani (2006). Em ambos os casos, ela é definida a partir da hesitação do leitor e/ou do personagem, vista pelo sobrenatural que foge às leis naturais. O modo fantástico permite que apenas um elemento na narrativa que apresente o extraordinário já o configure como fantástico. Entretanto, alguns mecanismos específicos são elencados para caracterizá-lo, como é o caso do objeto-mediador, que, mesmo que toda a narrativa se passe em um sonho, o objeto é a evidência desse acontecimento e prova do

insólito. Mas, a que ponto devemos seguir à risca esses elementos para esta coletânea?

A ficção e a fantasia têm o poder de nos dizer o não dito, de nos contar uma história ao contar outra, como diz Ceserani. E, Todorov afirma que uma das funções da fantasia é tratar de assuntos normalmente evitados, sendo o sobrenatural um meio para escrever sobre esses assuntos. E o período (1882-1903) que tratamos neste livro, no Brasil, é um momento agitado com a declaração da abolição da escravatura em 1888, a Proclamação da República em 1889, com a literatura nacional sendo mais publicada, e a emergência do feminismo no país. Havia muito a ser falado.

Entretanto, não podemos esquecer que esse período também se refere à emergência tanto da literatura fantástica quanto da literatura feminina no Brasil. Fato que por si só limita a quantidade de textos produzidos e, quando há, normalmente são vistos na tangente do fantástico, como encontramos neste livro. As pesquisas sobre o fantástico seguem uma vertente mais masculina e europeia, o que aliena os contextos e as autoras deste livro.

A literatura fantástica no Brasil chegou de forma tímida, considerada menos pródiga entre os países da América Latina por Selma Calasans Rodrigues (1988), e apresentada de forma diluída entre outras publicações. Autores já renomados, como Machado de Assis, fizeram parte dessa vertente, entretanto esses textos eram deixados de lado pela crítica e inicialmente renegados. Por isso, é difícil ver essas duas perspectivas já deixadas de lado coexistindo.

Trabalhamos com essa tangente que, mesmo assim, apresenta conteúdos extraordinários que retratam a realidade vivida, expressam as mágoas e as críticas ao mundo. Neste livro, vemos as dores de uma mãe, as abdições feitas pela mulher, a solidão e a autoridade masculina sendo representadas de forma sutil por aquelas que conviveram com essas realidades.

O objetivo principal desse projeto é dissipar a névoa que dificulta a nossa visão quanto a literatura, sendo ela feminina, fantástica ou brasileira para que possamos ouvir os seus clamores. Este livro é uma forma de indagar um pouco sobre o que estamos lendo. Quem essas pessoas representam? O que elas são permitidas a dizer?

Woolf nos deixou com seu enigma indecifrável e eu não posso respondê-lo por completo. Mas, como ela, gostaria de deixar uma provocação para quando você sair deste livro: leia mais mulheres, leia mais literatura brasileira. Abra sua mente para novas possibilidades, novas representações. Escute as vozes além da bruma.



## EMÍLIA FREITAS

1855-1908

Nascida em Aracati, Ceará, Emília Freitas pertenceu a uma família bastante engajada no meio político e intelectual. Filha de Maria de Jesus Freitas e Tenente Coronel José de Freitas, Emília viveu em meio a ideais liberalistas, abolicionistas e republicanos; seu pai era um político da região, logo, ela estava em um ambiente de debates, que fomentou a sua personalidade crítica e questionadora.

Emília passou por algumas cidades do Brasil ao longo de sua vida; após a morte de seu pai, sua família se mudou para Fortaleza, onde ela estudou e fez magistério, que exerceu em Manaus.

A professora teve uma carreira literária notável e publicou histórias, poemas e ensaios em diversos jornais como *O Libertador* – periódico do qual seu conto

*Florina*, presente nesta coletânea, foi retirado – e também existem referências a dois romances publicados: um deles, *O renegado* (por volta de 1890), encontrado apenas em registros; e o outro, *A rainha do Ignoto* (1899), considerado por alguns teóricos como o primeiro livro de fantasia no Brasil.

Além da vida literária, a autora era ativa na causa abolicionista e consciente das desigualdades e do seu papel enquanto mulher frente às imposições da sociedade. Em um discurso feito para a instalação da Sociedade Cearense Libertadora, Emília pediu licença para falar ao grupo reconhecendo, de forma irônica, o papel social da mulher: “Antes de manifestar as minhas ideias, peço desculpa à ilustre Sociedade Cearense Libertadora para aquela que, sem títulos ou conhecimentos que a recomendem, vem felicitá-la pela primeira vitória alcançada na ditosa vila do Acarape” (Oliveira, 2007)

Nesse caso, vemos seu lado crítico ao alfinetar a sociedade dizendo que, por ser mulher, a sua fala vem de um espaço não recomendado pela sociedade – seus conhecimentos não eram vistos como pertencentes às mulheres. A crítica quanto ao papel da mulher na sociedade é retomado em muitos dos seus textos, entre eles *A rainha do ignoto*, livro do qual, possivelmente, a história dessa coletânea foi derivada.

*Florina* não foi inicialmente creditado ao nome Emília Freitas, mas, sim, a reticências (...), que foi posteriormente identificada por Alcilene Cavalcante pela semelhança da escrita com os trabalhos anteriores da autora e do cenário descrito em *A rainha do Ignoto*.

O romance mais conhecido da autora descreve uma sociedade feminina utópica, na qual mergulhamos com Dr. Edmundo nesse universo, com o objetivo de encontrar Funesta, a Rainha do Ignoto, para entender essa outra realidade. Desde o prefácio, Emília traz temáticas do feminino, bem como na criação da personagem Funesta, que, para muitos, poderia ser vista como exótica e “impossível” como descrita pela própria autora.

Apesar do reconhecimento em sua época, Emília Freitas ficou por muito tempo esquecida, visto que *A rainha do Ignoto*, um marco para a literatura brasileira, teve sua segunda edição apenas em 1980 – quase cem anos depois da sua primeira publicação – além de ainda termos uma obra perdida. A reedição de sua obra começou a ser feita, mas, infelizmente, o alcance ainda é muito limitado.

---

## FLORINA

POR  
Emília Freitas

Havia uma crença popular que ninguém devia entrar na caverna da montanha, chamavam-na de a *caverna maldita*; todos os pastores a avistavam de longe, mas não ousavam se aproximar dela.

Entretanto, Florina, a formosa pastora, que há três anos conduzia as vacas à pastagem, sentia um violento desejo de saber o que havia naquela caverna e, de dia em dia, ela experimentava a mais viva curiosidade. Mal completara seus dezesseis anos e disse para si:

— Sou moça, não devo mais ter medo.

Um dia, então, ela deixou o rebanho sob a guarda de seu irmão mais jovem, dizendo-lhe que ia colher morangas; mas ela concebera outro pensamento e, embrenhada no bosque, dirigiu-se para a terrível caverna.

Sua curiosidade era tão viva que ela penetrou na caverna sem hesitar, mas apenas deu alguns passos e veio-lhe o desejo de recuar.

Infelizmente, não era mais possível: a caverna se fechava à medida que ela avançava, e, o que era mais

---

<sup>1</sup> Encontrado no periódico *Libertador*, n. 171-172, 1883, por meio do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

maravilhoso, ela ainda enxergava o suficiente para caminhar. Por toda a parte um clarão, cujos raios nenhuma sombra projetavam, e Florina avistava ao longe outra abertura na montanha, que parecia convidá-la a animar-se e a seguir seu caminho.

Ela acelerou o passo, porque temia que a caverna se fechasse adiante, e ela fosse sepultada viva.

Não foi. Florina, depois de ter caminhado um longo tempo, muito tempo, sem cessar de ver muito longe de si a abertura, que ela acreditava que nunca iria alcançar, chegou ao fim e se surpreendeu ao descobrir um país maravilhoso e mil coisas das quais não fazia ideia alguma.

O céu era rosado; as ervas e as folhas, azuis; os pássaros tinham quatro asas; e as menores borboletas eram grandes como folhas de figueira. A água jorrava aqui e acolá em conjuntos de esguichos cintilantes, que exalavam os mais suaves perfumes. Os cervos, de pelo branco, chifres dourados e olhos azuis vinham beber dessas fontes perfumadas, dançavam ao redor da donzela e falavam-lhe em um idioma desconhecido, mas tão doce e tão sonoro, que ela sentia prazer apenas em ouvi-lo. Era tão expressivo que, em poucos momentos, ela adivinhava quase tudo. É verdade que essas lindas criaturas ocupavam-se sobretudo de sua beleza.

Florina marchava de surpresa em surpresa; todo esse país encantado parecia-lhe estar em festa. Por trás de muitas árvores inteiramente novas para si, ela ouviu um concerto de vozes humanas e dirigiu-se para esse lado.

Na quebrada de uma avenida revestida de ouro, ela avistou, através de magníficas sombras, um palácio de fantástica beleza. À medida que ela se aproximava, ouvia um ruído maior: eram cantos e risos, cuja expressão singular inspirava-lhe mais terror do que alegria.

No entanto, ela não via aparecer pessoa alguma.

Ela não ousou se apresentar à grande entrada e, fazendo um desvío, aproximou-se de uma janela baixa de onde saía um odor da mais apetitosa cozinha do mundo.

Ela bateu timidamente à porta. Um grande cozinheiro apareceu e falou-lhe com a voz áspera:

— Que procuras aqui?

— Procuo meu caminho, senhor, e lhe peço para me dizer por onde poderei voltar a minha casa.

— Ah! és a bela que atravessastes a montanha! Seja bem-vinda, Florina! Não esperávamos nenhum outro senão a ti! — disse ele com um riso sarcástico.

O grande cozinheiro aafiava sua faca em um amolador de aço e arremessava sobre a donzela olhares que brilhavam.

— Entre, *mademoiselle* — disse ele —, entre, o teu caminho é por aqui.

Florina, depois de ter percorrido um longo corredor, achou-se no meio de uma vasta cozinha, onde vinte caldeirões e outros tantos criados, com os mais diversos utensílios, estavam ocupados com um luxuoso banquete.

Por toda a parte, cosiam-se carnes, trabalhavam-se as aves. Ao mesmo tempo, trinta caldeirões estavam ocupados. A pastora surpreendeu-se ao ver a maior

das panelas aberta e vazia junto ao fogão, e, espantada, não pode conter-se e, de mau grado, disse à meia-voz:

— Senhor cozinheiro, porque esta panela não está cheia como as outras?

— Porque ela esperava a sua caça, Florina, e ela acaba de chegar. Eras tu a quem nós esperávamos para pormos dentro, e quando estiveres pronta, começaremos o banquete.

Florina desatou a chorar e pediu ao cozinheiro que lhe poupasse a vida.

— Só há um meio de salvação para ti — respondeu o terrível chefe. — Eis aqui uma chave de ouro; procura em todo o palácio a porta que ela pode abrir. Se achares, nós não a cozinharemos e escolheremos outra pessoa para o banquete de Sua Majestade.

— Em nome do rei, senhor cozinheiro, não ponhas pessoa alguma em meu lugar neste momento! Não há aqui carnes em abundância para a refeição de Sua Majestade?!

— Florina, pensas apenas em ti e não pretendas introduzir entre nós novos costumes — disse o cozinheiro. — Quanto a mim, só tenho a te dizer: encontra a fechadura que possa se ajustar a esta chave, e estarás salva. Depois, poderás implorar uma graça, apenas uma, à nossa sagrada majestade.

Imediatamente, Florina pôs mãos à obra: ela experimentou a chave em mais de trezentas portas.

Ela só tinha o resto do dia para esse trabalho; o sol baixava, e ela ainda não tinha encontrado fechadura para a chave de ouro.

A pobre moça tremia como varas verdes; na sua precipitação, ela não tinha a calma necessária para realizar a tarefa. O chefe e quatro ajudantes, armados com suas grandes facas, seguiam-na passo a passo e, alternadamente, diziam à tímida donzela:

— Apressa-te, Florina, o sol baixa. — E o sol baixava. — Apressa-te, Florina!

Ela percorreria os grandes e pequenos aposentos, subira ao sótão e descera, passava de corredor em corredor; não deixou uma só fechadura sem experimentar, mas a chave era sempre grande ou pequena, ou o palhetão<sup>1</sup> mal torneado e trabalhado de outro jeito que não ajustava. Por fim, o cozinheiro disse à pastora:

— Florina, eis o derradeiro momento, o sol vai atingir a montanha.

A pastora viu-se, então, em frente a um grande espelho pendurado na parede, e, como se ali seus olhos se lançassem, viu sua mãe e seu pai sentados em uma cabana; eles choravam, e, sem dúvida, lamentavam a filha que perderam, sem nem pensar que ela se achava em posição tão cruel.

Com esta vista, a desgraçada fora de si gritou:

— Meus pobres pais, ainda posso tornar a vê-los antes de morrer!

Ela precipitou-se tão vivamente na direção de seu pai e de sua mãe para abraçá-los que a chave de ouro saltou, bateu no espelho e o estilhaçou em mil pedaços. Ora, por trás do espelho encontrava-se uma porta oculta, esta porta tinha uma fechadura, esta fechadura

<sup>1</sup> Parte da fechadura que se encaixa a chave.

encaixava perfeitamente a chave de ouro. Logo que a pobrezinha a experimentou, a porta se abriu.

— Não esperávamos senão a ti, bela Florina — disse-lhe o jovem e lindo monarca.

O rei lhe apresentou, em uma magnífica sala, sua corte, a mais brilhante do mundo inteiro.

A pastora, olhando para si mesma, viu-se transformada. Entretanto, em si não havia mudança senão no vestuário que resplandecia de diamantes e rubis. Florina nascera tão bela que não necessitava de mais nada para transformá-la em uma completa princesa.

Todavia, no meio do esplendor soberano, o jovem monarca estava pensativo e melancólico. Parecia exposto a uma inquietação secreta e, conduzindo a estrangeira à mesa do banquete, disse-lhe, comovido:

— Formosa Florina, tens uma graça a pedir-me, qual é?

— Ah, senhor! — respondeu ela —, não hesitarei em pedir-te que me restitua a meus pais, mas vossa felicidade e vossa glória me encantam mais do que tudo. Eis porque peço-lhe a graça de que toda a infeliz que, como eu, possa cair nas mãos do vosso cozinheiro...

Apenas pronunciara estas palavras, que uma música triunfal se ouviu na sala do banquete. Todos os semblantes se expandiram, o Príncipe, sobretudo, parecia radiante, e a mais viva alegria substituiu em seu rosto os sonhos do pesar.

— Oh! minha libertadora! — exclamou ele beijando a mão de Florina. — Seja bendita pela súplica que me ofereceste! É a mim que fazes a graça, que imploras pelos outros! Feliz pedido que esperava há quinhentos

anos, e livra-me de um pavoroso encantamento! És tu a primeira, Florina, que tendo a pedir-me um favor, um só, esqueceste de ti mesma por outrem. Doravante, poderei viver uma vida inocente! Minha mesa real não será mais manchada por detestáveis manjares, aos quais nunca me foram permitidos tocar, é verdade, mas cujo único aspecto me horrorizava. Em reconhecimento de tão grande benção, quero, formosa Florina, fazer por ti alguma coisa mais.

— Ah! senhor, peço-te que me restituas ao meu pai e à minha mãe!

— Não posso!  
— Então, chama-os para junto de sua filha?  
— Também não é possível!  
— Ah! então, o que é que poderás fazer por mim?  
— Enviarei o pássaro vermelho, meu fiel mensageiro, para dizer a teus pais que és minha esposa, e que não há sobre a terra uma rainha mais amada e mais amável do que tu.

Florina reinou, foi esposa feliz, mãe feliz, mas seus olhos arrasados em lágrimas se voltavam muitas vezes para a montanha, por trás da qual ficara uma metade de sua felicidade.

Não há, mesmo no país das fadas, felicidade completa neste mundo.



## MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

1866-1911

Poetisa, prosadora, contista, jornalista, artista plástica e música, Maria Clara Vilhena da Cunha Santos era de Pelotas, Rio Grande do Sul, mas também passou pelo Rio de Janeiro e Minas Gerais. Seu pai, João Vieira da Cunha, levou a família para Pouso Alegre após a Guerra do Paraguai, em que era auditor, e foi lá que Maria conviveu com seus primos, entre eles, Prescília Duarte de Almeida, poetisa.

Um dos seus primeiros contatos como colaboradora de um periódico foi a elaboração, junto com Prescília, de um jornal manuscrito – *O Colibri*. A convivência e experiência com periódicos não parou por aí, a autora publicou em diversos jornais e revistas durante toda a sua trajetória no mundo literário, muitos com viés feminista, como *A Mensageira*, que sua prima dirigia.

---

## BIOGRAFIA DE UMA PENA

POR  
Maria Clara da Cunha Santos

<sup>1</sup>Declinava a tarde melancolicamente. O oceano, espelho do céu, estava palidamente azul.

Eu, partilhando da melancolia que acomete a natureza ao pôr do sol, fui sentar-me à beira-mar para ver se as ondas me traziam algum alívio.

Olhei ao acaso para o chão e vi uma pena velha que, ao ver-me fitá-la, cortesmente me saudou, cheia de reverência, deixando perceber em seus modos que era pena ilustrada ou, pelo menos, acostumada a grande tratamento.

Correspondendo ao seu gentil cumprimento, manifestei-lhe a minha satisfação por encontrar, naquelas paragens, uma companheira tão interessante.

Passados alguns minutos, a pena conversava comigo tão amigavelmente, como se há anos fôssemos conhecidas e tivéssemos já dado demasiadas provas de nossa recíproca lealdade. É que o isolamento tem o singular poder de dar um encanto particular às expansivas expressões da alma.

<sup>1</sup> Encontrado no periódico *O álbum* (RJ), ano 1, n. 36, 1893, por meio do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Eu, que começava vivamente a interessar-me pela pena, pedi-lhe que me contasse a causa de suas mágoas, pois ela deixava transparecer a tristeza no acento de suas palavras e no tristonho som de sua voz. Disse-me que procurava a solidão para ocultar-se da desordem do mundo que muito a incomodava.

Começou, pois, a narrar-me a sua vida, dando à sua voz aquela expressão de sinceridade que jamais pode ser imitada.

Disse-me:

– Eu fui fabricada em Londres, onde as minhas mais respeitáveis companheiras têm visto a luz do dia. Passei por inúmeros processos até tornar-me uma verdadeira pena, isto é, polida e acabada.

“Comecei, pois, a viver no dia em que fui colocada numa luxuosa caixinha de papelão.

“O meu senhor, ou o dono da fábrica a que eu pertencia, satisfazendo a um pedido que tivera de uma casa comercial do Rio de Janeiro, de um grande sortimento de papéis e objetos de escritório, fez-me embarcar num grande vapor com destino à capital do Brasil.

“No vapor, ocupando os compartimentos menos importantes, fui alojada no porão, de maneira que fiquei alheia a todas as aventuras de viagem.

“Soube – e isso mesmo por um abelhudo tinteiro – que estávamos quase a ter um trágico fim, isto é, a sermos lançados no oceano, porque o piloto, temendo uma grande tempestade, aconselhava que pusessem cargas ao mar. Isso, porém, não se realizou, porque o acidente, temido pelo piloto, terminara, dando lugar a uma excelente viagem.

32 | Maria Clara da Cunha dos Santos

“Chegada que fui ao Rio de Janeiro, tive um vistoso lugar numa magnífica vitrine da rua do Ouvidor. Ali, ao pé de ricos álbuns de autógrafos, de lindas caixas de papel fantasia, de belos cartões e de uma grande variedade de tinteiros e canetas, fui colocada.

“Já conhecia alguns objetos estrangeiros, como, por exemplo, um areeiro chinês, que me contava maravilhosos casos de seu país.

“Confesso-lhe que senti grande pesar quando fui vendida a um transeunte e me despedi de minha família, isto é, das outras penas que ficavam na caixinha. Chorei muito.

“Nesse mesmo dia, o meu novo possuidor fazia-me mergulhar num oceano horrível, tempestuoso e negro. Estava dentro de um grande tinteiro feio e antigo, suspensa numa caneta feita de madeira, grosseira e roliça. Eu saía de dentro do tinteiro, nervosa, temendo que o banhista, isto é, a caneta, me deixasse na mão e eu morresse afogada.

“Comecei, então, maquinalmente, a correr sobre o papel, impulsionada pela forte mão de um robusto estudante de medicina. Era esse o transeunte que me havia comprado.

“Tracei grandes trechos de medicina, cheios de termos apropriados. O estudante escrevia a sua tese para apresentá-la dali a dias à Faculdade.

“Imediatamente senti grande diferença, não só sobre o papel em que corria, como também sobre a diversidade das expressões.

Biografia de uma pena | 33

“Os termos médicos foram substituídos por termos amorosos, doces como o néctar celeste de que tanto falam os poetas.

“Dali a pouco, nova desilusão: eu fazia o rol da roupa servida e escrevia frios algarismos.

“Depois, rabisquei uma feia correspondência anônima contra um vizinho, fiz um soneto mal metrificado, copiei umas notas importantes, até que... já velha, quando precisava de carinho, de consolo, fui atirada à rua.

“Ontem, embarquei numa pequena enxurrada e vim ter aqui. Quero ver se no meio das ondas encontro o agasalho que os homens me negaram.

“Há pouco, meditando, tinha dito comigo mesma: Quem sabe se teria sido mais feliz se tivesse sido lançada no oceano, na ocasião em que o tinteiro e eu rezávamos, suplicando e pedindo pela vida?”

34 | Maria Clara da Cunha dos Santos



## JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

1862-1934

Inserida no meio intelectual pela família, Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida, nasceu no Rio de Janeiro, mas vem de uma família portuguesa com histórico no meio artístico e educacional. Sua mãe, Antonia Adelina Lopes, era educadora e concertista; seu pai, Valentim José Silveira Lopes, era médico, professor e cronista; além disso, seus irmãos também seguiam o meio artístico, entre eles, sua irmã mais velha, Adelina Lopes Vieira, que colaborou com a irmã e abre esta antologia.

Júlia teve uma carreira muito promissora e reconhecida em sua época, com mais de quarenta anos de atividade, sendo a primeira escritora profissional da literatura brasileira a se sustentar com a sua escrita por meio de uma abrangência literária grande, publi-

cando romances, contos, crônicas, ensaios, poesias, peças de teatro e obras didáticas, além das colunas que participava nos periódicos — colaborou trinta anos para *O Paiz* (RJ).

Sua vida como escritora começou às sombras: Júlia escrevia escondida da família até o dia em que sua irmã, Adelina, a encontrou e a dedurou para o pai. A repreensão era esperada, mas seu pai incentivou essa atividade e foi o responsável pela inserção da filha no meio literário ao incumbi-la de escrever uma opinião sobre uma peça para a *Gazeta de Campinas* no seu lugar.

A literatura de Júlia Lopes de Almeida reflete as mudanças históricas, econômicas e sociais do Brasil da época, sendo este um período movimentado pelos últimos anos do Império, o início da República, a declaração da abolição da escravatura, além da emergência de movimentos como o feminismo.

O papel de Júlia pela luta feminina era ativo, ela organizou eventos, fez parte de organizações feministas e escreveu em suas colunas sobre como as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens. E o principal meio de alcançar essa igualdade, segundo ela, era por intermédio da educação, a qual era uma defensora ferrenha. Júlia acreditava que a educação da mulher estava relacionada ao bem-estar social da família e ao fortalecimento dos ideais republicanos.

Apesar de termos poucos materiais críticos e de recepção de sua obra, Júlia teve um alcance muito grande, tendo uma carreira nacional e internacional. Inclusive, durante a idealização da Academia Brasileira de Letras (ABL), Júlia Lopes de Almeida esteve presente

em algumas reuniões e foi cogitada para ser uma das imortais, mas, pela recusa da maioria, seu nome não foi incluído, e, para alguns escritores da época, a inclusão do nome de seu marido como um imortal — Filinto de Almeida, um poeta português — foi uma forma de apaziguar a recusa da autora. A própria ABL, no aniversário de 110 anos da agremiação, reconheceu que Júlia era a única mulher a participar da idealização da organização, mas que a escolha de sua exclusão foi feita para que mantivesse a tradição de ter apenas “homens de letras” como acontece na Academia da França.

Após a sua morte, a ABL a homenageou com a Cadeira 41.

## A CASA DOS MORTOS

POR  
Júlia Lopes de Almeida

*A Francisca Júlia da Silva*

<sup>1</sup>Que frio e que negrume!

E eu ia andando no meio da treva, corajosa e firme, em busca daquela que me deu a vida, que me criou nos seus seios, que me enchia as faces de beijos e me vestia a alma de alegria.

Eu estava agora faminta, mal vestida, mal consolada, cheia de mágoas, saudosa do seu afago quente e doce, da sua palavra cheirosa como o mel da abelha em tronco de especiaria.

E fui andando na treva, seguindo uns passos que eu ouvia, não sei de quem, não sei para onde.

Nem uma estrelinha orientadora; tudo era mudez; só aqueles passos diante de mim: tan, tan, tan, tan, como marteladas através de uma parede grossa!

E fui, sem medo, até que os passos pararam e uma porta se abriu sem rumor, larga e macia. Veio uma

<sup>1</sup> Encontrado no livro *Ânsia Eterna* de Júlia Lopes de Almeida, publicado pelo Senado Federal em 2020 como parte da *Coleção Escritoras do Brasil* - v. 2.

rajada; encostei-me ao umbral e notei então, uma luz frouxíssima, uns vultos mal definidos, quase apagados.

Perto de mim um homem, coberto como um esquimó, tirou da cabeça um fardo e pousou-o no chão; depois, voltando-se, disse-me com uma voz soluçada como o vento na ramaria de um salgueiro:

— Por que vieste atrás de mim? Esta é a casa dos mortos. Vai-te embora! A estrada negra é proibida aos vivos; és a primeira que a percorre toda sem ter morrido...

Sombras esparsas iam tomando formas humanas e vinham curiosas, lentas, resvalando, debruçando-se sobre o meu corpo em atitude de espanto. Eu resistia ao pavor e, sôfrega, examinava tudo em busca daquela que me deu a vida, que me enchia as faces de beijos, que me embalava com as suas palavras mais cheirosas que o mel das abelhas em tronco de especiaria.

— Quem procuras? — perguntou o mesmo homem, cujos traços eu não percebia sob a projeção do capuz.

— Minha mãe.

O som da minha voz fez fugir em revoada todas aquelas figuras de névoa, como a badalada de um sino em uma torre coberta de passarinhos. Eu mesma tremi, estranhando a vibração das minhas palavras, tal a clareza e a vida da minha voz ecoando entre os fracos murmúrios das outras, de um ténue sopro de brisa.

Então, lá do fundo, do meio de um amontoado de novelos esbranquiçados que se dissipavam aqui para se juntarem acolá, a minha mãe veio até mim, sorrindo, com o seu vestido caseiro, a sua bela carne rosada, gorda e fresca como nos tempos em que eu repousava, no seu

largo seio, a minha cabeça sonhadora e febril, e ela me alisava os cabelos com as suas mãos formosíssimas.

Radiante, atirei-me para beijá-la; ela, porém, sempre tão pronta em receber os meus carinhos, paralisou-me com um gesto:

— Não me toques! Não me bejes! Todo o meu corpo se desfaria ao mais leve contato... Terias horror da minha carne e desmaiarias se os meus lábios se unissem aos teus. Para que vieste procurar-me? Foge, meu amor, o teu lugar é lá, na vida, na febre, na luz, no sofrimento. Vai sofrer. Saudades? Tinhas saudades? Pobrezinha! Esquece; não há nada que valha o esquecimento. Eu nunca te apareceria se não viesses procurar-me. Fizeste mal ao meu repouso, porque, vindo-te, eu não posso te apertar ao meu seio! E as tuas irmãs?! E Ele?!

Eu chorava e não perdia um só dos seus gestos. Lembro-me de que ela quis dar-me uma fruta, e que sorriu depois com amargura, vendo desfazer-se entre os seus dedos lívidos a fruta que me estendia.

— Até os mortos têm ilusões... Eu esquecia-me... — disse ela com a sua voz tão outra, apenas audível, como um murmúrio de vento muito ao longe...

Então eu vi, eu vi que todas aquelas sombras flutuantes cercavam o fardo que o homem de capuz pousara no chão: eram dois caixões com defuntos. Em um, ia uma virgem; no outro, um homem... Ela era branca e fina, com umas madeixas negras sobre a túnica pálida e uma haste de nardos nas mãos postas em cruz. Ele era igualmente pálido e moço, e belo, com a sua linda cabeça loira pousada em violetas.

A Morte, em pé, muito alta e muito esguia, diante dos dois caixões, lançava-lhes uma bênção vagarosa, larga, com dizeres que eu não entendia.

Minha mãe explicou-me:

— Só o amor perdura além da morte. Aquilo é a celebração de um noivado. Os dois corpos ficaram lá embaixo, intactos, rígidos, mas, aqui, as duas almas estarão sempre unidas; e, se voltarem à terra, voltarão juntas e para o mesmo laço. Serão eternamente presas uma à outra; almas felizes, raras! Vês? Quem não amou na vida não tem nem a doçura da saudade para amenizar-lhe a tristeza deste exílio. Repara nas virgens sem noivos; que ar de lamento que elas têm! Essas nunca voltarão à terra, porque da vida não trouxeram lembrança. Só quem amou traz para o mistério da morte um aroma de sonho. Tudo mais é poeira que o vento leva, e espalha, e não se torna a encontrar... Vai-te embora!

Os olhos de minha mãe tinham um brilho de lágrimas, e eu estendi-lhe os braços ansiosos, e logo o seu corpo se tornou imaterial, translúcido, como se de névoa fosse. Então o homem do capuz, cujas feições não vi, pegou-me pela mão e trouxe-me para fora, para a estrada, onde eu caminhei entre duas longas filas de ciprestes negros e de anêmonas roxas. Caminhei, caminhei, sem sentir o solo sob os passos cansados; e, quando abri os olhos deste estranho sonho, tinha o rosto coberto de lágrimas e as mãos em cruz sobre o coração.

44 | Júlia Lopes de Almeida

vibrar a natureza inteira. E o ar ficava por momentos trêmulo, como que dolorido pela passagem daquele som formidável e assassino.

Dona Catarina tinha esgotado todo o fervor religioso da sua alma. A prece já lhe saía dos lábios frios como um débil perfume de flor murcha. Perdera as forças na ansiedade e no pranto; o coração não lhe destilava a água purificada da lágrima, que escorrera toda, deixando só no fundo os resíduos de sangue negro e envenenado, geradores da raiva. Dona Catarina odiava a terra em que nascera e que lhe roubava agora os filhos, e abominava ainda mais os homens e a lei, e tudo! Era ignorante, embora inteligente e imaginosa; e na curta parábola em que o seu espírito se impulsionava, não podia atingir esses preceitos divinos, que se escrevem com sangue e que os homens leem de forma trivial na sua alta sabedoria...

A honra? O orgulho da nação? Palavras! Ela não sabia senão que amava os filhos, que os tinha criado com terno apego e grande sacrifício, pedindo honestamente e humildemente ao Senhor Deus dos exércitos, que fizera as estrelas do céu, as águas dos rios, os cedros altivos e as areias do mar, que, na sua força prodigiosa, de tantas maravilhas lhe concedesse a simplíssima graça de a fazer morrer bem velhinha, deixando neste mundo os seus dois filhos... os seus dois únicos filhos!

Tinha caído a noite. Dona Catarina procurou reagir. Acendeu a lâmpada, compôs, no quarto próximo, as roupas e as camas dos seus rapazes. Para quê? Eles não viriam... Mas era um hábito, e ela obedecia com submissão a todos os seus velhos costumes.

46 | Júlia Lopes de Almeida

## PELA PÁTRIA

Por  
Júlia Lopes de Almeida

<sup>1</sup> Os tiros lá fora repetiam-se, tremendos e abaladores. Dona Catarina, muito pálida, segurava com os dedos magros, de encontro ao peito fundo e côncavo, o seu triste xale de viúva, escutando sozinha a agonia do coração... Morava em Niterói, num bairro afastado e, na sua pequena sala térrea, de uma nudez de convento, o seu corpo magro e esguio, todo coberto do preto, andava desorientadamente, como um mastro sem velas de encontro à tempestade.

Corria assim de canto a canto, de parede a parede, de janela a janela, sem parar, sem perceber senão que os seus dois rapazes lá estavam na guerra, o mais velho no exército, o mais novo na esquadra...

A luz pálida do crepúsculo desfazia-se aos poucos. Coisas e seres retraíam-se num silêncio expectante.

O trovejar da artilharia calava todas as outras vozes. Nos intervalos, caía sobre a terra uma mudez pesada e absoluta, mas os estrondos vinham depressa fazer

<sup>1</sup> Encontrado no livro *Ânsia Eterna* de Júlia Lopes de Almeida, publicado pelo Senado Federal em 2020 como parte da *Coleção Escritoras do Brasil* - v. 2.

<sup>2</sup> Conjunto de navios de guerra.

Ergueu depois a vela à altura dos retratos deles, que se destacavam na parede pintada em dois quadros emoldurados de veludo escuro. O mais velho era um soldado elegante, claro e bonito como o pai, de olhos rasgados e peito franco e largo. O outro, ainda muito novo, puxara ao tipo da mãe: era magro, moreno, de rosto comprido e lábios simpáticos.

Dona Catarina beijou ambos com igual ternura, confundindo-os no mesmo enlace e no mesmo cuidado. Voltou depois para a salinha, abrindo os ouvidos aos rumores de fora...

Que estranho rumor seria agora aquele que percebia ao longe no ar imóvel da noite? Fincou o olhar na treva. Ninguém! A estrada devia estar deserta. Tornou a entrar e foi sentar-se a um canto, com os cotovelos pontudos firmados nos joelhos e o rosto sumido entre as mãos. Caiu por fim em uma inércia que lhe amolecia o espírito e petrificava o corpo, nem um leve estremecimento agitava os músculos. Permaneceu por longas horas em igual postura, olhando para o mesmo ponto.

De pouco a pouco, ideias desencontradas foram nascendo e fugindo simultaneamente no seu cérebro de devota extinta. Deus e o diabo surgiam juntos na mesma luz indecisa que se atenuava em sombras, que mudava e que desaparecia. Santa Catarina, sua patrona, a virgem sábia, vinha também, na sua nudez pálida de mártir, atravessar-lhe a mente num clarão frouxo e frio. E, depois, outros santos e grandes heresias, procissões fantásticas, mal definidas, indeterminadas arrastavam-se lentamente, mudando de feitio e mudando de cor, desmantelando-se, extinguindo-se...

Pela Pátria | 47

Dona Catarina permanecia surda a toda a desordem lá fora numa abstração de loucura. O rumor intensificava, intensificava e se aproximava. O estardalhaço da fuzilaria crepitava já perto. De vez em quando ribombava o canhão, ensurdecedor, medonho.

O solo e as casas tremiam então, abalados pelo estouro que o eco repetia em ondulações soluçadas. O clamor da guerra abafava tudo, terrivelmente, dolorosamente!

Entretanto, alguém vinha pela rua solitária, percorrendo a calçada com passos apressados. Dona Catarina, prostradíssima, continuava em igual postura, olhando para o mesmo ponto... Bateram. Ela, então, acordando daquele marasmo exaurido, ergueu-se de repente e correu para a porta. O coração saltava em ímpetos violentos e sufocadores.

— Meu filho!

Era o João, o mais velho, o soldado. A mãe estendeu-lhe os braços, sorrindo, extasiada, numa grande alegria. Ele não respondeu ao afago; e pálido, abstrato, sem ter nem mesmo levado a mão respeitosa ao boné, foi direito à mesa e apoiou-se nela, deixando-se cair numa cadeira.

— Como você vem sujo de pólvora e como está cansado! Meu adorado filho, que medo que eu tinha! Agora fico pensando no outro... o meu Pedrinho... você sabe dele?

João voltou-se para a mãe com ar espantado.

— Diga, você viu seu irmão?

O soldado não respondeu; fixava a mãe com olhar atônito, muito aberto, como se não compreendesse o

que ela lhe dizia. Vinha fugido, com a farda rasgada, aberta no peito, as mãos negras de pólvora, o rosto transtornado.

Dona Catarina apavorou-se. Estaria doido, o João? Ameigando a voz, ela pediu-lhe que repousasse e ofereceu-lhe de comer.

Que não, respondeu ele com um gesto.

— Então...

O espírito da mãe clareou-se de repente: o filho vinha só para dizer-lhe: vivo! E, já com medo de tornar a perdê-lo, insistiu para que fosse descansar.

— Não posso... venho fugido.

Dona Catarina correu os olhos por toda a sala, procurando esconder o filho, receosa de que o vissem de fora.

— Não quero me esconder — tornou ele, percebendo sua intenção. — Eu voltarei para lá... Eles conseguiram vir à terra... temos lutado muito!

— Os revoltosos desembarcaram?

— Sim.

— Então você viu Pedrinho?

João abaixou afirmativamente a cabeça.

— Nossa Senhora! Por que é que não o trouxe?

O soldado calou-se, suspirando baixo. A mãe repetia as perguntas atropeladamente:

— Diga! Diga! Ele falou com você? Está bem? Não o feriram? Meu filho! que saudade! Ele é tão fraco... É preciso que ele venha. Quero os dois aqui, vá buscá-lo... Não, não! Eu nem sei o que digo... Espere... vou eu!

De repente, Dona Catarina se deteve diante do rosto mudo e pálido do filho. Parou-lhe o coração no peito.

— Por que é que você não diz nada?

O mesmo silêncio contrafeito.

— Responde, João! Pedrinho está vivo?!

A palavra custava a romper por entre os lábios do soldado, e foi ainda com um aceno de cabeça que ele disse que não.

Dona Catarina caiu de joelhos com as mãos juntas.

— Misericórdia! Misericórdia! Mataram meu filho!

Depois, erguendo-se, exigiu do outro que lhe dissesse tudo, e insistiu:

— Quem foi que o matou? Você não viu? Por que não defendeu seu irmão? Diga, quem foi que o matou, diga, diga!

João olhou para a espada que lhe pendia ao lado, batendo-lhe na perna.

A mãe não entendeu e repetiu:

— Meu adorado Pedrinho! Mas você não fala, João!

Diga quem foi que o matou, diga tudo!

— Fui eu...

Dona Catarina recuou, aterrorizada. Depois, avançando em direção ao filho, bateu-lhe no peito, bem sobre o coração; e bateu-lhe na cara, muitas vezes e com muita força. Toda ela vibrava na convulsão do desespero, e a voz, que a dor tinha desafinado e enrouquecido, ulrava e rugia a um tempo, como um cão que se lamenta ou uma fera que ataca.

— Maldito! Matar seu irmão! Você, que mamou nos mesmos peitos, saiu do mesmo ventre, nasceu do mesmo amor! Amaldiçoado... Caim!

Dona Catarina esmurrava o próprio corpo à proporção que falava, e o filho a ouvia calado, trêmulo. A

mãe teimava por arrancar-lhe uma palavra ao menos e repetiu num desespero:

— Diga tudo, maldito. Por que foi que você o matou, por quê?

— Pela pátria!

— Pela pátria! — repetiu ela, rindo raivosamente. — A pátria sou eu! Eu que sofri e que só vivia do vosso amor! Isto não é guerra por amor a Pátria, eu sei o que dizem por aí. Eu sei! Infame, maldito... some-te da minha vista, Caim! Caim!

Dona Catarina caiu sem um soluço. João levantou-a, fê-la voltar a si e, de joelhos, chorosamente, contou-lhe tudo. Matara o irmão nas trevas, na desordem da luta, corpo a corpo. Por que viera o Pedro para ele com tanta fúria e ousadia? Matara quem o queria matar, defendera-se... porque, jurava, só reconheceria a voz do irmão ao ouvir-lhe o "ai" derradeiro. Foi então que, procurando fixá-lo, viu-o deitado de costas, com os braços abertos e o peito estreito arquejando no desprender da vida.

Dona Catarina repetiu:

— Amaldiçoado!

João concluiu: viera despedir-se da mãe, pedir-lhe que o perdoasse... Mais nada. Voltava para o combate.

A mãe não procurou retê-lo, e ele saiu chorando.

O soldado não voltou à casa materna...

Dona Catarina começou a perdoá-lo quando teve medo de perdê-lo.

Um dia, já muito sobressaltada, saiu para buscá-lo num alvoroço, sem saber como perguntar por ele. Mas logo, no meio da estrada, esbarrou com uns soldados que lhe disseram cruamente a verdade: João tinha

sido baleado e fora levado com outros num montão de cadáveres.

O dia estava sombrio, uma manhã cinzenta e chuvosa. Os soldados passaram. Dona Catarina ficou imóvel, com os olhos na onda verde que vinha a se desfazer na espuma da escumilha<sup>3</sup> fofa à beira do caminho silencioso.

Ela o tinha amaldiçoado... Lembrava-se só daquilo. O João estava decidido a morrer... fora-lhe solicitar o perdão e só ouvira em troca as palavras:

— Maldito! Caim!

O vento agitava-lhe o xale preto, que se abria em asas de corvo, e Dona Catarina, alongando a vista, julgou ver ao longe os espectros dos filhos, com os braços rígidos, muito erguidos para o céu inclemente e as bocas articulando sem voz, num esforço medonho:

— Pela pátria! Pela pátria!

Batendo, então, com as mãos fechadas no peito fundo, Dona Catarina, no seu egoísmo materno, respondeu-lhes, gritando em arrancos de loucura:

— Calai-vos, ingratos! A pátria sou eu! Sou eu! Sou eu!

<sup>3</sup> *Lagerstroemia indica*, planta mais conhecida como escumilha, extremosa, árvore-de-júpiter ou suspiro, de porte baixo muito utilizada para o paisagismo.



## NARCIZA AMALIA

1852-1924

Nascida em São João da Barra, Rio de Janeiro, Narciza Amalia de Campos se mudou aos onze anos para Resende, local que considerou como sua cidade. Sua mãe, Ignácia Pereira de Mendonça, era professora; e seu pai, Jacomé de Campos, era educador, poeta e jornalista e colaborou com diversos periódicos e fundou o primeiro jornal de São João da Barra. Apesar de não ser cercada por bens materiais, Narciza sempre esteve inserida no meio cultural.

Sua vida literária começa a partir do incentivo do pai, que abre as portas por meio dos seus contatos com jornalistas e ex-alunos escritores. *Nebulosas* (1872), seu primeiro e único livro, foi muito aclamado, com elogios de Machado de Assis e de Dom Pedro II, Imperador do Brasil, que demonstrou interesse em conhecê-la.

Além disso, seu livro foi produzido e patrocinado pela Garnier — uma editora de grande prestígio na época —, um feito que poucos autores, principalmente mulheres, alcançavam.

Abolicionista, republicana e feminista, Narciza fugia mais ainda da imagem das mulheres idealizadas da época: se separou duas vezes e foi a primeira mulher a se profissionalizar como jornalista. Com uma personalidade forte e uma imagem conhecida, utilizava de seu espaço em eventos como homenageada para protestar pelos seus ideais.

## A PORTA DO PARAÍSO

POR  
Narciza Amália

### I

<sup>1</sup>— Mecê não acredita, Inhá...

— Acredito, sim, tia Florinda; conte.

— Não acredita, eu sei; mas sou capaz de jurar, com as mãos sobre as sagradas escrituras, em como vi abrir-se a porta do Paraíso.

— Conte!

Diz-se que as mulheres são curiosas; eu sou mais do que todas as mulheres.

Tanto insisti, tão súplices falei os meus olhos aos olhos enevoados da velha paulista, que a bondosa criatura, em cuja alma sereníssima brilhavam as chamas divinamente belas da criança e da simplicidade bíblica, decidia-se a falar...

### II

A noite estava esplêndida, mas quente.

Abandonamos a casa em busca de uma aura refrigeradora e, sentadas no terreiro, à tênue claridade das

<sup>1</sup> Encontrado no periódico *Echo das Damas* (RJ), n. 51, 1888, por meio do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional — Brasil.

estrelas, absorvemo-nos nas nossas recordações e na saudade mordente dos ausentes amados, que despertavam no fundo de nossos corações...

As vozes monótonas dos patricios, partindo de pontos diversos, alternadas em acelerada respondência, formavam, com o canto estridente dos grilos e zumbido dos insetos noturnos e os mil rumores indefinidos das paragens agrestes, uma orquestra estranha, que não era destituída de encanto.

Em toda a extensão dos descampados circundantes, por entre as alvas e ondeantes plumas dos ubás, as formosas touceiras da brejaúva e as folhas elegantíssimas das bananeiras guaimbés, brilhavam e extinguíam-se, com fantástica rapidez, as chamas docemente azuladas de milhares de pirlampos; as grandes árvores de sombras poupadas pelo machado derrubador para abrigo dos animais de carga avultavam majestosas no cume das elevações, como sentinelas vigilantes destas solidões... porque cobriam os mais deliciosos quadros de uma sombra expressiva, a voz metálica e agoureira de uma suindara! feria-nos o ouvido, de espaço, pondo uma nota sinistra na doce serenidade daquela formosíssima noite primaveril.

### III

Iluminara-se a face pálida e rugosa da tia Florinda; e ela falou-me assim:

— Eu era pequenina, Inhá, e enquanto minhas irmãs corriam pelo grande terreiro da casa de meu pai, que era sitieiro, brincando de "Bento que bento frade", eu,

<sup>1</sup> Espécie de coruja

que sempre fui muito fraca e franzina e que não tinha forças para correr com as outras crianças, deitei-me em uma esteira e fiquei a olhar para o céu.

"A noite era bonita como esta; o céu estava tão crivadinho de estrelas que não havia entre elas espaço para a cabeça de um alfinete, e o caminho de São Filipe e de São Tiago brilhava tanto, que os olhos doíam-me de olhar para ele.

"O céu é baixo aos inocentes, Inhá, à medida, porém, que vamos crescendo, em anos e em pecados, ele vai se afastando de nós, até que coloca-se tão alto, tão alto, que a gente velha chega a perder toda a esperança de alcançá-lo no dia da morte.

"Nessa noite, eu via o céu ainda mais próximo do que nas outras; imaginava que, para alcançá-lo, bastava pôr-me de pé e levantar para ele os meus bracinhos.

"E eu olhava para o céu, esquecida de todos, esquecida de tudo, sem faltar-me de contemplá-lo!

"Nisto, bem perto do caminho de São Filipe, uma grande nuvem prateada partiu-se em duas; e essas duas nuvens, movendo-se silenciosas, abriam-se como uma porta, mostrando-me o Paraíso!

"Ah, Inhá, quantos esplendores!

"Quantas maravilhas! Havia lá dentro uma luz tão translúcida, tão suave, mas tão intensa, que todos os anjos pareciam trespassados pela celeste claridade!...

"Junto à porta, um velho alto, vestindo uma comprida túnica flutuante e com longas barbas resplandescentes e a fronte irradiante, sorriu para mim...

"Estive muito tempo sem poder falar.

“Depois, chamei por minhas irmãs; minhas irmãs chamaram minha mãe, que gritou também por meu pai, e todos eles, muito religiosos, rodearam-me para verem os anjos e São Pedro.

“— Onde está a porta do Paraíso, Flor?...

“— Ah! Ah! — gritava eu, designando o ponto em que a distinguía.

“Mas São Pedro se aborreceu por eu não ter guardado o segredo.

“De súbito, sumiram-se os anjos, extinguiram-se as luzes e as mesmas nuvens, pouco antes reluzentes como a prata, fizeram-se negras e cerraram-se trovejando, escondendo-me o céu...

“Foi então que eu senti estalarem-me nas costas as cordas dobradas que meu pai tinha na mão; ele deu-me, nessa noite, a única sova que em pequenina levei.

“— Isso é que é a porta do Paraíso — gritava ele, louco de raiva, enquanto me batia. — Hei de ensinar-te a brincar com os anjos e com o senhor São Pedro!

“Minhas irmãs choravam; minha mãe arrancou-me de suas mãos e fugiu comigo para a casa; e por meu maior castigo, Inhá, por mais que olhasse daí em diante para o céu nas noites estreladas e serenas, nunca mais, nunca mais vi abrir-se a porta do Paraíso!”

60 | Narciza Amália



## ADELIA BARROS

?

Adelia Barros foi uma pessoa que colaborou no *Echo das Damas* (RJ) e em *A Família* (RJ), é citada como poetisa e residente da cidade de São Paulo<sup>1</sup> e nada mais. Não foram encontradas informações concretas sobre ela, o que pode ser devido ao seu nome comum — em que muitas informações são conflitantes —, como também pode ser esse um caso de pseudônimo ou apenas de uma escritora que não teve seu valor mensurado pela sociedade da época.

<sup>1</sup> Há referências de uma poetisa chamada Adelia Barros da capital paulista em *A Família* (RJ), n. 24, 1889, p. 2.

---

## O SONHO DE NINA

POR  
Adélia Barros

<sup>1</sup>Nina havia adormecido e sonhava que, triste e silenciosa, divagava pelas desertas e perfumosas ruas de um jardim, ouvindo o ranger das pedrinhas que pisava, o sussurrar da brisa nas roseiras e o melancólico cantar dos passarinhos.

De quando em quando, um suspiro rasgava-lhe o seio, e os lábios trêmulos murmuravam um nome.

Cansada, encostou-se pensativa à entrada de um belo pergolado rendilhado de flores e entregou-se toda à doce contemplação dos astros.

Na vastidão azulada do céu, seus olhos percorriam as constelações, como se quisessem uma delas, a mais brilhante estrela, para sua confidente.

E, de quando em quando, um suspiro rasgava-lhes os seios, e os lábios trêmulos murmuravam um nome.

---

<sup>1</sup>Encontrado no periódico *Echo das Damas* (RJ), n. 11, 1888; e *Pacotilha* (MA), n. 49, 1888, por meio do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Depois, entregou-se à contemplação das flores. Algumas atraíam-lhe a atenção pela beleza; outras, pelo perfume; e outras ainda, pela modéstia ou cor. Finalmente, seus olhos fixaram-se numa murcha e pálida saudade.

– Vou colher-te, ó mísera florzinha – disse –, para que junto a meu peito possas ouvir os trêmulos acordes que nele vibram tuas irmãs.

Ao dizer isso, seus nervosos dedos tocaram a débil haste da flor, deixando, ao mesmo tempo, uma lágrima desprendida ocultar-se nas pétalas.

Ao cair da lágrima, sentiu a flor estremecer ligeiramente, depois crescer, crescer em forma e beleza, saindo-lhe do seio uma fantástica visão! Bela, envolta em ondas de seda, tendo, na cabeça divinal, um esplêndido diadema de preciosas pedras, artisticamente colocado.

Porém, Nina, nas feições desse anjo, notou uma vaga semelhança com as daquele que amava. Então... um suspiro rasgou-lhe o seio, e os lábios trêmulos murmuraram um nome.

– Quem és tú? – indagou Nina após alguns momentos de silêncio –, que com tantas magnificências, podes te ocultar no pequenino cálice de uma flor?

E a visão respondeu:

– Sou a mesma que ainda agora quiseste colher. Não me conheces? Sou aquela que preside em todos os corações na ausência da pessoa amada, tua inseparável companheira na solidão que procuras. SOU A SAUDADE.

E Nina, ao despertar, levou a mão ao coração, e disse:  
– És muito belo, ó anjo da Saudade, mas, no entanto, és bem cruel.

E... um suspiro rasgou-lhe o seio, e os lábios trêmulos murmuraram um nome.



## MARIA ANTONIETTA GAMA

?-1901<sup>1</sup>

Maria Antonietta Gama é uma escritora mineira de certo exímio em sua época e uma personalidade reconhecida na mídia. As notícias existentes a descrevem como “distinta”, “talentosa” e com “trabalhos de verdadeiro valor literário”. Ela colaborou principalmente em periódicos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e publicou um livro de contos – *Esponsais* – em 1898.

Apesar do sucesso, não foram encontradas pesquisas a seu respeito atualmente. Assim como muitas outras mulheres, Maria Antonietta Gama foi vítima do apagamento da literatura feminina.

<sup>1</sup> Segundo o periódico *Cidade do Rio (RJ)*, 1901, n. 46, Maria Antonietta não chegou aos 20 anos de idade.

## NA AGONIA

POR  
Maria Antonietta Gama

<sup>1</sup>O mundo!... o mundo!... aii como são tristes as cenas desse imenso palco realista!...

Pode haver prazer e os há, porém todos terminam e chegam, sem distinção, igualmente para a totalidade humana, ao derradeiro ato – a morte. Depois, o pano cai – o esquecimento... e porque não ficará escrita mais uma página do martirologio?...

O que é a morte senão um martírio sofrido liturgicamente?...

E o mortal que sente a extinguir-se, o ténue sopro que era a sua vida, o seu alento – somente deseja o prazer da Graça divina para esquecer as dores físicas e morais, que numa crueldade inexprimível, nasceram, não só ao corpo prestes a se inanimar – mas também à alma!

O sereno umedecia levemente, cobrindo de brilhantes gotas de orvalho as vividas folhagens que forram

<sup>1</sup> Encontrado no periódico *A Pérola: Revista humorística, literária, recreativa e noticiosa (MG)*, n. 18, 1895, por meio do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

como um tapete o solo fértil. A campina alongava-se extensa e larga, semicoberta por uma neblina translúcida — como um véu macio, atirado e flutuante pelo espaço, por mãos de arcanjos discretos, que temem que seja desvendado, com a claridade da lua, o desconhecido e celeste Paraíso...

Na planície, pousava a casinha branca e humilde, e, nesta noite, abrigada em seu telhado protetor, a idosa camponesa que agonizava lentamente...

Muito pálida, seus olhos parados e fixos como se, só mais uma vez, procurassem o azul claro do céu, os lábios mudos, as mãos postas religiosamente, ela se esvaía arrependida, serena, imersa na crença divina...

Invejável!... Deus a chamava, e ela obedecia, seguindo-o espiritualmente, com a fé de uma verdadeira cristã — e não como a mulher de Ló que se voltou para as ruínas de Sodoma e Gomorra...

Subitamente, lá fora na imensidão, estouraram sibilantes foguetes!

Ela estremeceu e agitou os braços... o pranto dos parentes que a rodeavam revelou um contraste melancólico!...— aqui, um lúgubre e comovente quadro; — lá, um miserável e irrisório prazer!...

Depois, cessaram os fogos, e o som alegre e saltitante de uma orquestra espalhou-se animado e retumbante!

Nervosa e amargurada, atravessou os infelizes, como se fosse o gelo mortífero que Ihes entrase pelas veias sensibilizadas.

A doente moveu os lábios muito pálidos e com esforço murmurou:

— Ouvem?... A música...

E procurou com os olhos alguém; um filho se levantou, movendo a cabeça negativamente e a escutou, mudo.

Ela pareceu incrédula, hesitante, mas abrindo os olhos brilhantes de contentamento, sorriu, elevando o dedo e dizendo:

— Então... é para lá... onde vou?...

O silêncio foi a resposta, porque ela já não escutava: morrera... a imagem descansou sobre o seu peito inerte...

E aí! aquilo que ela crera ser uma acusmata<sup>2</sup> por lábios de querubins; aquilo que julgara ser a melodia do reino do Senhor; aquilo que lhe arrancou com emoção o último fio da sua existência — vinha da várzea ali perto, onde um toldo se projetava num círculo, sobre a multidão febril que se apinhava com descuido para assistir o espetáculo de um circo equestre!...

Os filhos oravam junto ao corpo rígido da amada morta, e os gritos escandalosos e as blasfêmias do palhaço chegavam aos seus ouvidos, como os agouros das fúnebres corujas!...

<sup>2</sup> Caracteriza-se como uma alucinação auditiva.



## ADELINA LOPES VIEIRA

1850-1923<sup>3</sup>

Primeira filha de Antonia Adelina Lopes e Valentim José Silveira Lopes, Adelina Amélia Lopes Vieira viveu em um meio artístico e intelectual com pais educadores e família ligada às artes, como sua irmã mais nova, Júlia Lopes de Almeida, autora brasileira renomada. Nasceu em Lisboa e, com apenas um ano de idade, veio para o Brasil com a família. Seguiu o caminho dos pais, formando-se como professora e, junto com a irmã, escreveu

<sup>3</sup> Há uma inconsistência nas datas de nascimento e morte de Adelina Lopes Vieira. Em alguns textos, a data de nascimento é registrada como 20 de outubro de 1851 e outras, em 20 de setembro de 1850. A data de morte em algumas pesquisas é incerta, mas na edição n. 13.985, de 3 de fevereiro de 1923 de *O Paiz* (RJ) é anunciado o seu falecimento, que ocorreria um dia antes. Foi utilizado a data de nascimento de maior ocorrência, descoberta por pesquisadores; e a data de falecimento foi retirada da notícia que anuncia o óbito e o horário do enterro.

um livro didático para crianças – *Contos Infantis* (1866). Além disso, em sua vida literária, colaborou com diversos periódicos e publicou algumas obras como *Margaritas* (1879), um livro de poemas que foi impresso pela Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa – uma instituição de renome – que evidencia a sua aceitação no meio editorial e literário.

## AGRADECIMENTOS

Para chegarmos ao que *Depois da Bruma* se transformou, uma caminhada longa foi tomada e nada disso seria possível se eu não tivesse essas pessoas ao meu lado.

Agradeço a minha família por sempre me apoiarem nessa jornada que parecia tão incerta. À minha mãe, por estar sempre ao meu lado e acompanhar os meus progressos. Ao meu pai, um produtor editorial por natureza, por me passar os seus gostos peculiares pela edição e por compartilhar experiências. Ao meu irmão, por sempre me instigar a fazer o meu melhor e sempre me apoiar.

Gostaria de agradecer também a todos aqueles que fazem parte do curso de Produção Editorial - docentes, servidores e colegas - que fizeram com que essa experiência da graduação fosse única e que me ajudaram a me tornar a profissional que sou hoje. Entre eles, devo agradecer a equipe de preparação que deu muito de si para que essas autoras pudessem estar nessa coletânea.

Ao meu orientador, Maurício Fanfa por contribuir e concordado com as minhas loucuras com esse projeto desde o começo e por, mesmo estando longe, continuar a acompanhar, opinar e apoiar esse trabalho. À minha orientadora, Marília Barcellos, por aceitar entrar nessa já no meio do caminho e por todos os aprendizados ao longo dos anos.

Aos meus amigos, que presenciaram vários surtos, que opinaram e acompanharam tudo. Em especial,

gostaria de agradecer à Ana que esteve comigo desde o começo e que me instigou a começar esse projeto; e ao Mar e Lucas, que sempre estiveram ao meu lado para opinar a cada passo dado e que sempre tiveram muita fé em Depois da Bruma - muitas vezes, mais do que eu.

Sem vocês, esse livro não seria o que ele é hoje.

.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BELLINE, Ana Helena Cizotto. Adelina Lopes Vieira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Santa Cruz do Sul, RS : Edunisc, 2000. p. 469-483.
- CESERANI, R. **O fantástico**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- DUARTE, Constância Lima. Emília Freitas. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Santa Cruz do Sul, RS : Edunisc, 2000. p. 723-734.
- FAEDRICH, Anna. Narcísa Amália, poeta esquecida do século XIX. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 237-253, jul.-dez. 2017. DOI: 10.12957/soletras.2017.30950. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2017.30950>. Acesso em: 26 out. 2023.
- FANANI, M. A. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n.27, p.317-338, 2009.
- FANGUEIRO, Maria do Sameiro. Adelina Lopes Vieira. **Fundação Biblioteca Nacional**, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/adelina-lobes-vieira/>. Acesso em: 28 out. 2023.
- FANGUEIRO, Maria do Sameiro. Júlia Lopes de Almeida. **Fundação Biblioteca Nacional**, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/julia-lobes-de-almeida/>. Acesso em: 28 out. 2023.
- FANGUEIRO, Maria do Sameiro. Maria Clara da Cunha Santos. **Fundação Biblioteca Nacional**, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/maria-clara-da-cunha-santos/>. Acesso em: 28 out. 2023. KNAPP, Cristina Löff; PORTO, Patrícia Pereira. Vozes da resistência na imprensa feminista do século XIX: a escrita de Prescilliana Duarte de

Almeida e Maria Clara da Cunha dos Santos. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, v. 16, n. 43, p. 88-102, jun. 2023. DOI: 10.30681/rln.v16i43.10888. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rln.v16i43.10888>. Acesso em: 26 out. 2023.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Santa Cruz do Sul, RS : Edunisc, 2000.

OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **Uma escritora na periferia do Império**: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908). 2007. 189 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

O'BRIEN, Barbara. The Vajra (Dorje) as a Symbol in Buddhism. **Learn Religions**, 2018. Disponível em: <https://www.learnreligions.com/vajra-or-dorje-449881>. Acesso em: 23 out. 2023.

PAIXÃO, Sylvia, Narcisa Amália. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Santa Cruz do Sul, RS : Edunisc, 2000. p. 534-552.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SHARPE, Peggy, Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: vol II. Ilha de Santa Catarina, SC: Edunisc, 2004. p. 188-238.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 401-442.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VASCONCELLOS, Eliane. Maria Clara da Cunha Santos. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: vol II. Ilha de Santa Catarina, SC: Edunisc, 2004. p. 350-385.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Este livro foi produzido como um produto de Trabalho de Conclusão de Curso da Comunicação Social - Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria.

As tipografias utilizadas foram IvyJournal e Imbue, e a impressão foi feita na gráfica da UmLivro com papel pólen 80 g/m<sup>2</sup> para o miolo e cartão triplex 250 g/m<sup>2</sup> para a capa.



## APÊNDICE M - PEDIDO DE ORÇAMENTO

Bases dos orçamentos

### Opção 1

Formato: 10,5 x 17,5

Miolo: Pólen 80 g/m<sup>2</sup>, 1x1

Capa: Cartão Triplex, 250 g/m<sup>2</sup>, 4x0

80 pgs

### Opção 2

Formato: 14 x 21

Miolo: Pólen 80 g/m<sup>2</sup>, 1x1

Capa: Cartão Triplex, 250 g/m<sup>2</sup>, 4x0

70 pgs

Principais alterações\*

Orelha, marcador e shrink

\* Alterações com o orçamento anterior está **grifado**

### Orçamento 1

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

( ) 14x21 ( ) 16x23 ( ) 17x24 ( ) 21x28 ( x ) Outro tamanho 10,5 x 17,5

Tipo de papel (Miolo):

( ) Offset ( x ) Polen ( ) Couchê Fosco ( ) Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen - ( x ) 80g

Offset ( ) 63g ( ) 75g ( ) 90g ( ) 120g ( ) 150g

Couchê - ( ) 115g

**Cores do miolo:**

( x ) 1x1 ( ) 4x4 ( ) 1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

( x ) Cartão Triplex ( ) Couchê Brilho ( ) Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

( x ) 250g/m<sup>2</sup> ( ) 300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

( x ) 4x0 ( ) 4x1 ( ) 4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

( x ) Não ( ) Sim: \_\_\_\_\_ cm

**Marcador:**

Não  Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca  Brilho  Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)  Grampo  Espiral  Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não  Sim

**Quantidade de páginas (total):** 80 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

**Orçamento 2**

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21  16x23  17x24  21x28  Outro tamanho 10,5 x 17,5

Tipo de papel (Miolo):

Offset  Polen  Couchê Fosco  Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1  4x4  1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex  Couchê Brilho  Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>  300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0  4x1  4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não  Sim: 6 cm

**Marcador:**

Não  Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca  Brilho  Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)  Grampo  Espiral  Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não  Sim

**Quantidade de páginas (total):** 80 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

### Orçamento 3

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21  16x23  17x24  21x28  Outro tamanho 10,5 x 17,5

Tipo de papel (Miolo):

Offset  Polen  Couchê Fosco  Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1  4x4  1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex  Couchê Brilho  Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>  300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0  4x1  4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não  Sim: 6 cm

**Marcador:**

Não  Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca  Brilho  Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)  Grampo  Espiral  Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não  Sim

**Quantidade de páginas (total):** 80 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

### Orçamento 4

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21    16x23    17x24    21x28    Outro tamanho 10,5 x 17,5

Tipo de papel (Miolo):

Offset    Polen    Couchê Fosco    Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1    4x4    1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex    Couchê Brilho    Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>    300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0    4x1    4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não    Sim: 6 cm

**Marcador:**

Não    Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca    Brilho    Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)    Grampo    Espiral    Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não    Sim

**Quantidade de páginas (total):** 80 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

**Orçamento 5**

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21    16x23    17x24    21x28    Outro tamanho 10,5 x 17,5

Tipo de papel (Miolo):

Offset    Polen    Couchê Fosco    Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset ( ) 63g ( ) 75g ( ) 90g ( ) 120g ( ) 150g

Couchê - ( ) 115g

**Cores do miolo:**

( x ) 1x1 ( ) 4x4 ( ) 1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

( x ) Cartão Triplex ( ) Couchê Brilho ( ) Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

( x ) 250g/m<sup>2</sup> ( ) 300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

( x ) 4x0 ( ) 4x1 ( ) 4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

( x ) Não ( ) Sim

**Marcador:**

( ) Não ( x ) Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

( x ) Fosca ( ) Brilho ( ) Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

( x ) Fresado Pur (lombada mínima 3mm) ( ) Grampo ( ) Espiral ( ) Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

( ) Não ( x ) Sim

**Quantidade de páginas (total):** 80 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

**Orçamento 6**

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

( ) 14x21 ( ) 16x23 ( ) 17x24 ( ) 21x28 ( x ) Outro tamanho 10,5 x 17,5

Tipo de papel (Miolo):

( ) Offset ( x ) Polen ( ) Couchê Fosco ( ) Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen - ( x ) 80g

Offset ( ) 63g ( ) 75g ( ) 90g ( ) 120g ( ) 150g

Couchê - ( ) 115g

**Cores do miolo:**

( x ) 1x1 ( ) 4x4 ( ) 1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

( x ) Cartão Triplex ( ) Couchê Brilho ( ) Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)** 250g/m<sup>2</sup> ( ) 300g/m<sup>2</sup>**Cores da capa** 4x0 ( ) 4x1 ( ) 4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha** Não ( ) Sim**Marcador:** Não (x) Sim (5,0cm)**Laminação da capa** Fosca ( ) Brilho ( ) Sem Laminação**Tipo de acabamento:** Fresado Pur (lombada mínima 3mm) ( ) Grampo ( ) Espiral ( ) Wire-o**Embalagem individual (Shrink)** Não ( ) Sim**Quantidade de páginas (total):** 80 páginas**Tiragem (somente para impressões):** 30**Orçamento 7****Título do livro:** Fantásticas (provisório)**Tamanho (mm):** 14x21 ( ) 16x23 ( ) 17x24 ( ) 21x28 (x) Outro tamanho 10,5 x 17,5

Tipo de papel (Miolo):

 Offset (x) Polen ( ) Couchê Fosco ( ) Couche Brilho**Gramatura (Miolo)**

Polen - (x) 80g

Offset ( ) 63g ( ) 75g ( ) 90g ( ) 120g ( ) 150g

Couchê - ( ) 115g

**Cores do miolo:** 1x1 ( ) 4x4 ( ) 1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs**Tipo de papel (Capa)** Cartão Triplex ( ) Couchê Brilho ( ) Couchê Fosco**Gramatura (Capa)** 250g/m<sup>2</sup> ( ) 300g/m<sup>2</sup>**Cores da capa** 4x0 ( ) 4x1 ( ) 4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não  Sim

**Marcador:**

Não  Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca  Brilho  Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)  Grampo  Espiral  Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não  Sim

**Quantidade de páginas (total):** 80 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

## Orçamento 8

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21  16x23  17x24  21x28  Outro tamanho

Tipo de papel (Miolo):

Offset  Polen  Couchê Fosco  Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1  4x4  1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex  Couchê Brilho  Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>  300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0  4x1  4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não  Sim: \_\_\_\_\_ cm

**Marcador:**

Não  Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca  Brilho  Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)  Grampo  Espiral  Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não  Sim

**Quantidade de páginas (total): 70 páginas**

**Tiragem (somente para impressões): 30**

**Orçamento 9**

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21  16x23  17x24  21x28  Outro tamanho

Tipo de papel (Miolo):

Offset  Polen  Couchê Fosco  Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1  4x4  1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex  Couchê Brilho  Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>  300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0  4x1  4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não  Sim: 6 cm

**Marcador:**

Não  Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca  Brilho  Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)  Grampo  Espiral  Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não  Sim

**Quantidade de páginas (total): 70 páginas**

**Tiragem (somente para impressões): 30**

## Orçamento 10

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21    16x23    17x24    21x28    Outro tamanho

Tipo de papel (Miolo):

Offset    Polen    Couchê Fosco    Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1    4x4    1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex    Couchê Brilho    Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>    300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0    4x1    4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não    Sim: 6 cm

**Marcador:**

Não    Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca    Brilho    Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)    Grampo    Espiral    Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não    Sim

**Quantidade de páginas (total):** 70 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

## Orçamento 11

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21    16x23    17x24    21x28    Outro tamanho

Tipo de papel (Miolo):

Offset    Polen    Couchê Fosco    Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1    4x4    1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex    Couchê Brilho    Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>    300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0    4x1    4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não    Sim: 6 cm

**Marcador:**

Não    Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca    Brilho    Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)    Grampo    Espiral    Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não    Sim

**Quantidade de páginas (total):** 70 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

## Orçamento 12

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21    16x23    17x24    21x28    Outro tamanho

Tipo de papel (Miolo):

Offset  Polen  Couchê Fosco  Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1  4x4  1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex  Couchê Brilho  Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>  300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0  4x1  4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não  Sim

**Marcador:**

Não  Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca  Brilho  Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)  Grampo  Espiral  Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não  Sim

**Quantidade de páginas (total):** 70 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

**Orçamento 13**

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21  16x23  17x24  21x28  Outro tamanho

Tipo de papel (Miolo):

Offset  Polen  Couchê Fosco  Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g  75g  90g  120g  150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1    4x4    1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex    Couchê Brilho    Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>    300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0    4x1    4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não    Sim

**Marcador:**

Não    Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca    Brilho    Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)    Grampo    Espiral    Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não    Sim

**Quantidade de páginas (total):** 70 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

Orçamento 14

**Título do livro:** Fantásticas (provisório)

**Tamanho (mm):**

14x21    16x23    17x24    21x28    Outro tamanho

Tipo de papel (Miolo):

Offset    Polen    Couchê Fosco    Couche Brilho

**Gramatura (Miolo)**

Polen -  80g

Offset  63g    75g    90g    120g    150g

Couchê -  115g

**Cores do miolo:**

1x1    4x4    1x1 + 4x4 - 1x1 \_\_\_\_\_ págs / 4x4 \_\_\_\_\_ págs

**Tipo de papel (Capa)**

Cartão Triplex    Couchê Brilho    Couchê Fosco

**Gramatura (Capa)**

250g/m<sup>2</sup>    300g/m<sup>2</sup>

**Cores da capa**

4x0    4x1    4x4

(capa 4x0 = exterior colorido e interior branco / capa 4x1 = exterior colorido e interior preto ou 01 cor primária / 4x4 exterior e interior colorido)

**Orelha**

Não    Sim

**Marcador:**

Não    Sim (5,0cm)

**Laminação da capa**

Fosca    Brilho    Sem Laminação

**Tipo de acabamento:**

Fresado Pur (lombada mínima 3mm)    Grampo    Espiral    Wire-o

**Embalagem individual (Shrink)**

Não    Sim

**Quantidade de páginas (total):** 70 páginas

**Tiragem (somente para impressões):** 30

## APÊNDICE N - ORÇAMENTO FEITO PELA UMLIVRO

Cotia, 03 de outubro de 2023



Júlia de Almeida Souza, obrigado por preferir a Meta Brasil!

### Seus dados

Proposta Nº: 28302

Cliente: Júlia de Almeida Souza

E-mail: juu.a.souza@outlook.com

Contato: [REDACTED]

Prezado Sr.(a) Júlia de Almeida Souza

Conforme solicitação, apresentamos abaixo nossa estimativa de preços conforme especificações e condições gerais:

### Seus pedidos

Orçamento:	Descrição:	Quantidade:
353997	Fantásticas_ROTATIVA com 80 de miolo nas medidas 11 x 17,5 cm fechado; Capa com 4x0 cores em COUCHÊ FOSCO LD FSC FOLHA 250g/m²; Laminação Fosca (Frente); Prova Física Acabada; Miolo com 1x1 cores em PÓLEN NATURAL LD FSC BOBINA 80g/m²; Colagem PUR, Caixa; Prova Física Acabada;	30 ( )
		Preço unitário: R\$9,51
		Preço Total: 285,36

### Informações Gerais

Forma de pagamento:	Prazo de entrega:	Validade:	Representante:
Antecipado 100%	7 dias úteis após, aprovação	15 dias	[REDACTED]

\* A META BRASIL MEDIANTE APROVAÇÃO DESTA PROPOSTA, SE RESERVA NO DIREITO DE PRODUZIR COM ATÉ 5% DE DIFERENÇA NA QUANTIDADE DO PEDIDO SEM PRÉVIA INFORMAÇÃO AO CLIENTE.

\* A Meta Brasil não se responsabiliza por erros de arquivos digitais quando fornecido pelo cliente.

\* O prazo de entrega e produção acordados, terá início após aprovação dos arquivos virtuais e/ou prova física

\* O valor do frete foi considerado apenas para as cidades de São Paulo e Grande São Paulo.

\* Na aprovação do orçamento, para os casos de pagamento ANTECIPADO OU A VISTA, aguardamos o envio do comprovante de pagamento para darmos andamento ao processo.

Banco 274 - Money Plus

Agência 0001

C/C 08120225-1

META IMPRESSÃO E SOLUÇÕES DIGITAIS LTDA

CNPJ 23.284.876/0001-02

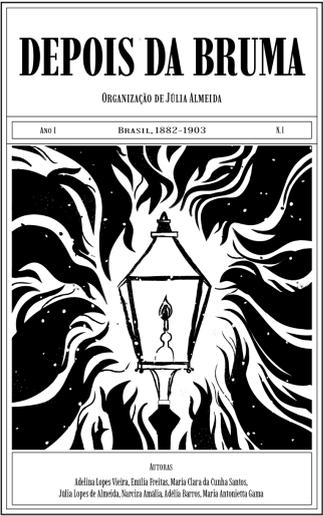
CUSTO DE PRODUÇÃO DE PROVA FÍSICA: R\$23,25  
 PRAZO DE PRODUÇÃO DE PROVA FÍSICA: 4 DIAS ÚTEIS

Atenciosamente,

Meta Impressão e Soluções Digitais LTDA

De acordo: \_\_\_\_\_ / / \_\_\_\_\_.  
 Cliente - visto e data.

## APÊNDICE O - DESCRIÇÕES DAS IMAGENS

Ilustração	Descrição
	<p>Capa ilustrada, delimitada por um quadrado, de um lampião com uma vela no centro, envolta por linhas angulares que formam o seu recipiente de vidro. Ao redor, há linhas de branco sobre o preto representando a luz proveniente do lampião. Abaixo do quadrado da ilustração, há um retângulo com os seguintes dizeres: “Autoras: Adelina Lopes Vieira, Emília Freitas, Maria Clara da Cunha Santos, Júlia Lopes de Almeida, Narciza Amália, Adélia Barros, Maria Antonietta Gama”. Acima da ilustração o título: “Depois da Bruma” grande; abaixo, os dizeres: “Organização de Júlia Almeida”. Abaixo, há outro retângulo com “Ano I” à esquerda, “Brasil, 1882-1903” no meio e “N. 1” à esquerda. Todos os escritos estão em maiúsculo.</p>
	<p>Falsa folha de rosto: a ilustração representa um lampião com um poste preto que vai até o limite inferior da página, com uma vela em sua ponta, envolta por linhas angulares que formam o seu recipiente de vidro. Ilustração apenas em tons de preto.</p>



A ilustração representa Emília Freitas, uma mulher com cabelo ondulado preso para trás, rosto anguloso e sobrancelhas grossas. Na parte inferior da ilustração, há diversas flores e, no meio delas, uma chave. Por trás do desenho, há um círculo com uma argola em preto por dentro. As únicas cores do desenho são o preto e o branco.



A ilustração representa Maria Clara da Cunha Santos, uma mulher com cabelos curtos acima da orelha e com rosto arredondado. Usa um colar rente ao pescoço e outro que vai até a altura do peito. Na parte inferior da ilustração, há uma linha de caminho curvo que desemboca na ponta de uma pena e de um tinteiro. Por trás do desenho, há um círculo com uma argola em preto por dentro. As únicas cores do desenho são o preto e o branco.



A ilustração representa Narciza Amália, uma mulher com cabelos ondulados e preso em um coque para cima. Usa uma camisa de gola alta com um laço no pescoço e babado. Na parte inferior da ilustração, há um conjunto de nuvens. Por trás do desenho, há um círculo com uma argola em preto por dentro. As únicas cores do desenho são o preto e o branco.



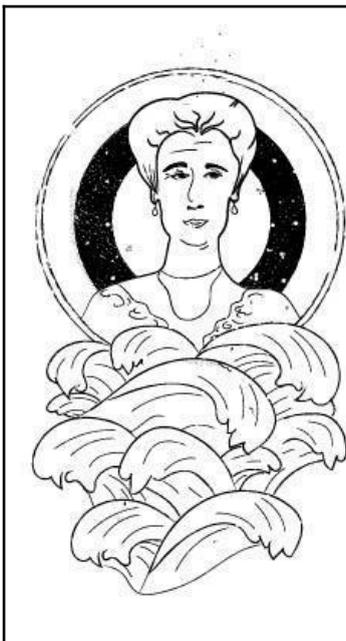
A ilustração apresenta uma mulher de costas para representar Adélia Barros, com um coque alto. Em seu pescoço, há um colar de pérolas com fecho evidente. Sua camisa está fechada com botões pretos. Na parte inferior da ilustração, há diversas flores. Por trás do desenho, há um círculo com uma argola em preto por dentro. As únicas cores do desenho são o preto e o branco.



A ilustração representa Júlia Lopes de Almeida, uma mulher com os cabelos divididos ao meio e presos para a trás com duas protuberâncias. Ela usa um óculos arredondado e um colar de pérolas. Na parte inferior da ilustração, há uma árvore genealógica com retratos de pessoas. Por trás do desenho, há um círculo com uma argola em preto por dentro. As únicas cores do desenho são o preto e o branco.



A ilustração representa Maria Antonietta, uma mulher de costas, mas com a cabeça virada, de perfil. Ela possui um cabelo grande e ondulado e apenas a parte de cima está presa. Em seu pescoço, há um colar com fecho evidente. Na parte inferior da ilustração, há dois trompetes opostos entre si, abaixo há um pandeiro e mais abaixo, um violino. Ao redor dos instrumentos, tem cinco linhas ondulantes e notas musicais. Por trás do desenho, há um círculo com uma argola em preto por dentro. As únicas cores do desenho são o preto e o branco.



A ilustração representa Adelina Lopes Vieira, uma mulher com cabelos presos para cima, queixo arredondado. Usa um brinco de pingente, um colar rente ao pescoço e outro colar na altura do peito, e uma camiseta com padrões de linhas curvas na gola. Na parte inferior da ilustração, há um conjunto de ondas. Por trás do desenho, há um círculo com uma argola em preto por dentro. As únicas cores do desenho são o preto e o branco.